

SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS - LIVRO 4

A NOIVA DE BLAKE

KATHLEEN LAWLESS

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS - LIVRO 4

A NOIVA DE BLAKE



KATHLEEN LAWLESS

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY



A NOIVA DE BLAKE

SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS - LIVRO 4

KATHLEEN LAWLESS

1ª Edição


Leabhar
Ribeirão Preto/SP
2024



DIREITOS AUTORAIS



Título original: The Blake's Bride
Seven brides for seven brothers #4
Copyright © Kathleen Lawless, 2019
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Lorena Rodrigues
Revisão: Ricardo Marques
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, distribuída ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais, exceto em publicidade e resenhas.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

L 4181b e

Lawless, Kathleen.

Título: A Noiva de Blake - ©2024 Leabhar Books Editora Ltda-
Ribeirão Preto - SP

Tradução de The Blake's Bride © 2019 Kathleen Lawless

Formato: Papel

Veiculação: Físico

ISBN 978-65-5444-285-5

I. Romance Faroeste. 2. Canadense. I. Rodrigues, Lorena. II. Título III Série

80754

CDD 82-32
CDU 134.3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.
CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

CAPÍTULO I



Era um dia perfeito para um casamento. O gazebo no parque da cidade estava enfeitado com metros e metros de fitas, os postes brancos adornados com ramos de flores silvestres. Filas de bancos ao lado de cadeiras emprestadas do café ofereciam aos convidados um lugar para se sentar. Bem no centro do gazebo, os sete irmãos Mason esperavam em linha reta.

Storm, sentada ao lado de outra dama de honra, Amanda, enxugou a palma da mão suada na saia de seu vestido e agarrou seu buquê com força. Esta era sua primeira vez como dama de honra. Também era a primeira vez que usava um vestido tão chique, com renda e tudo, feito por ela mesma.

De seu ponto de vista, Storm observou Henrietta, a noiva, aparecer nos braços de seu amigo de longa data, Percival Bloom. Lentamente, a dupla atravessou o parque até o gazebo onde Braydon Mason, o noivo, esperava junto ao reverendo e os convidados. Antes de hoje, Storm nunca tinha visto o sempre confiante Braydon Mason parecer nervoso.

Enquanto a cerimônia acontecia, ela lançou um olhar sutil para Blake Mason, ladeado por seus irmãos. Laura Mason, a primeira noiva Mason, e agora grávida, confidenciou que Blake tinha um segredo. Storm entendia de segredos. Tinha sua própria cota deles. Se ao menos seu “grande segredo” fosse tão inocente quanto o de Blake. Muitas pessoas no Oeste não sabiam ler. Como bibliotecária, testemunhava as dificuldades das pessoas e ficava feliz quando podia ajudar.

A situação de Blake era um pouco diferente, e Storm não sabia se poderia ajudá-lo ou não, mas havia prometido a Laura que tentaria.

Voltou sua atenção para a cerimônia, logo quando Braydon se moveu para beijar a noiva. Henrietta, que as pessoas da cidade costumavam ver em roupas que pareciam bastante masculinas, estava linda em seu vestido. Ela fitava seu noivo com imensa alegria, como deveria ser.

Após a cerimônia, uma carroça cheia de comida foi transportada da cafeteria para o parque. A comida foi posta sobre grandes mesas de cavalete, sombreadas pela cobertura de lona. Os convidados do casamento rapidamente se alinharam e encheram seus pratos. Um barril de cerveja foi aberto e os cavalheiros, ansiosos, fizeram fila para matar a sede. Storm havia chegado em Bullet com sua biblioteca móvel há pouco tempo, mas essa era a primeira vez que se sentia verdadeiramente segura desde que ela e seu pai emigraram da Irlanda para Nova York. Felizmente, desde que chegou no Arizona, Nova York parecia estar a duas vidas de distância. Seu maior pesadelo também havia ficado para trás, bem longe, no Colorado.

— O que é um casamento sem champanhe? — Percy, que havia entregado

a noiva, aproximou-se e ofereceu-lhe um dos dois copos que carregava. — Agora que nossos papéis estão cumpridos, é hora de relaxar e nos divertir.

Storm lutou contra os velhos medos familiares que a assaltavam sempre que um homem chegava muito perto. Não tinha nada a temer aqui em Bullet. E a maneira de falar de Percy a lembrava um pouco de sua casa, embora os sotaques britânicos e irlandeses fossem muito diferentes um do outro. Fingindo um sorriso confortável, bateu seu copo contra o de Percy. — Aos noivos.

— Aos noivos — Percy repetiu.

Storm tomou o primeiro gole de champanhe de sua vida e não era nada do que esperava. Quase podia sentir as bolhas dançando na ponta da língua. Era como se alguém houvesse engarrafado a luz do sol. Estava prestes a dizer isso a Percy, mas se conteve. Seu companheiro, ao contrário dela, claramente estava habituado a vinhos, comidas e lugares exóticos. Em vez disso, perguntou: — Pensou que veria este dia? Henrietta se casando?

Percy se engasgou com o champanhe. — Sinceramente? Não. — Olhou para onde o casal feliz conversava com os convidados. — Mas ela pode muito bem ter encontrado o único homem capaz de mantê-la interessada. E na linha. — Ele suavizou suas palavras com um sorriso afetuoso.

As mulheres realmente achavam os homens interessantes? Em vez de alguém a temer? Alguém maior, mais forte e mais poderoso, que poderia se voltar contra uma mulher em segundos. Storm ponderou o conceito desconhecido.

— Mudando de assunto — continuou Percy —, devo confessar que estou curioso para saber como conseguiu esse nome incomum.

Storm sorriu, lembrando-se da história que seu pai sempre repetia. — De acordo com meu pai, minha mãe queria me chamar de Maureen em homenagem à mãe dela. Meu pai não se dava bem com a sogra e achou que se eu fosse um menino, o assunto estaria encerrado. Aparentemente, na noite em que nasci, a Irlanda foi abalada por uma tempestade feroz, a pior em mais de cem anos. Por causa disso, papai conseguiu convencer minha mãe de que era a maneira de Deus escolher meu nome. Então, me tornei Storm, que na tradução significa “tempestade”.

— Mas não é tempestuosa em seu temperamento — disse Percy.

— Tenho temperamento irlandês — respondeu. — Aprendi ao longo dos anos a controlá-lo. — Desconfortável falando tanto sobre si mesma, voltou a conversa para Percy. — Suponho que viveu muitas aventuras com Henrietta viveram ao longo dos anos, caçando tesouros.

— Vou sentir falta dela — disse Percy simplesmente. E em seguida sondou Storm com o olhar. — E o que vai fazer? Pretende ficar aqui em Bullet por muito mais tempo?

— Ainda não tenho certeza. Amanda está falando em construir uma espécie de salão com espaço para uma biblioteca permanente e quer minha ajuda para montá-la.

Percy a olhou seriamente por cima da borda do copo. — Tenha cuidado, Storm. Bullet e seus habitantes têm uma maneira sutil de envolver seus tentáculos ao nosso redor, rodeando-nos com conforto e familiaridade, até que não queiramos mais partir.

A própria ideia a deixou assustada. — Isso lhe aconteceu?

— Céus, não. — Percy esvaziou o copo e o analisou como se estivesse se perguntando como ficou vazio tão rapidamente. — Hora de reabastecer.

No gazebo onde a cerimônia havia ocorrido, Storm viu um trio de músicos montando seus instrumentos. Talvez, depois da valsa nupcial, estivesse livre para fugir.

Do outro lado, viu Laura Mason acenando em sua direção. Ninguém poderia dizer “não” a Laura, especialmente quando era tão acolhedora. Storm caminhou até ela e chegou quando Brody, o marido de Laura, estava de saída. — Vou pegar um prato para Laura. Posso pegar-lhe alguma coisa, Storm?

— Não, obrigada. — Ela apertou os lábios. Brody Mason era um bom homem, o chefe do clã dos irmãos Mason. Precisava parar de enxergar segundas intenções toda vez que um homem lhe dirigia a palavra.

Laura deu um tapinha no assento vazio ao lado dela. — Já teve a chance de falar com Blake? — Enquanto Storm se sentava, Laura baixou a voz para que ninguém a ouvisse.

— Ainda não. — Storm já estava arrependida de se oferecer para ajudar Blake com a leitura. Havia conhecido poucas pessoas em suas viagens que eram disléxicas, e menos ainda que conseguiram superar a condição.

Torceu as mãos. Sabia o que era ser diferente. Nunca esqueceria as freiras na Irlanda, acertando dolorosamente seus dedos com o rosário ou uma régua, forçando-a a escrever com a mão direita, quando segurar um lápis com a esquerda parecia muito mais natural.

— Bem, lá está Blake, sozinho ali. — Laura deu-lhe um pequeno empurrão. — Agora é sua chance.

De cabeça erguida, Storm assentiu e se levantou, lembrando a si mesma que era importante manter o controle. Em todos os aspectos de sua vida. Principalmente quando se tratava de homens.

Se Blake a viu chegar, fingiu que não viu, virando-se para olhar na direção oposta do parque. — Laura disse que eu deveria vir te convidar para dançar — disse, fingindo uma confiança que estava longe de sentir. Se Blake a rejeitasse, poderia pelo menos dizer a Laura que havia tentado. — Sabendo que logo ficará grande demais para dançar sozinha, acho que ela está vivendo indiretamente através do resto de nós.

Sua simpatia aumentou. O pobre Blake a lembrava um animal encurralado, os olhos movendo-se de um lado para o outro como se procurasse escapar.

— Casamentos também me deixam desconfortável — confidenciou. — Pelo menos, teve alguma prática ultimamente, com três de seus irmãos juntando os trapos nos últimos tempos. É verdade que constroem um novo chalé para cada casal no rancho?

— Sim, madame. — Blake engoliu em seco, seu pomo de Adão balançando com o movimento. — Receio não ter muita habilidade na pista de dança, Srta. Storm.

— Bom. — Pegou o braço dele. — Nem eu. Dois pés esquerdos, acredito que seja a expressão.

Esforçou-se para não congelar ou vacilar quando colocou a mão na de Blake e sentiu a outra mão hesitante em sua cintura. Parecia mais fácil saber que ele estava pelo menos tão desconfortável quanto ela.

— O noivo realmente fez uma aposta com os irmãos de que conquistaria Henrietta e a faria comer na mão dele?

Blake sorriu, os olhos iluminando-se de forma atraente com a memória. — As coisas ficaram realmente interessantes quando Henrietta descobriu e virou o jogo. Foi tão rápido que ele nunca soube o que o atingiu.

O sorriso dele era cativante, e fez Storm sorrir também. Blake teve a sorte de ter fortes laços familiares, algo que ela nunca conheceu.

— Henrietta é uma mulher inteligente — disse Storm. — Falando em inteligente, Laura disse que é contigo que eu deveria falar.

— Não sou inteligente — disse Blake, seu sorriso desaparecendo. — Se quer esse tipo de ajuda, deveria falar com Brody ou os gêmeos.

— Laura me disse que é a pessoa certa para me ajudar, que é muito bom com marcenaria. Preciso de mais algumas estantes embutidas na biblioteca móvel. Também queria providenciar uma cama permanente e algumas gavetas embutidas, para que as coisas não fiquem sempre escorregando quando estou viajando.

Ele pestanejou. — Dorme lá?

Ela assentiu em resposta. — Muitas das pequenas cidades para as quais viajo são como Bullet e não têm hotel. Ou qualquer lugar onde uma dama possa se hospedar.

Blake franziu a testa. — Não parece uma vida adequada para uma dama.

Ergueu levemente o queixo. — Por quê? Só porque não estou me escravizando em uma fazenda com um bando de pirralhos pendurados na barra do meu avental? — Estremeceu enquanto falava, lembrando-se da vida da qual escapou por pouco.

Blake ficou em silêncio, como se estivesse decidindo o quanto compartilhar. — Nunca tive um lar de verdade até vir para cá. Não trocaria por nada.

— Considere-se com sorte. Como tudo aconteceu, afinal? Como decidi ficar com Brody e os outros?

Seus olhos assumiram um olhar distante. — Brody morava com seu tio no rancho. Ajudou-me a sair de uma situação difícil e insistiu para que eu ficasse. — Encolheu os ombros. — Então fiquei. Foi a minha forma de dizer “obrigado”.



De alguma forma, Storm fez a dança parecer mais fácil do que Blake se

lembrava. Nos últimos dois casamentos, foi forçado a valsar por aí com algumas das esperançosas solteironas da cidade. Depois que alguns dos irmãos se casaram, o resto deles parecia ter adquirido um alvo nas costas.

Conversar com Storm parecia fácil também. Quando os músicos fizeram uma pausa, Blake concordou em visitar a biblioteca móvel em algum momento nos próximos dias e ver o que poderia fazer.

Agora, já era hora de ajudar os outros a ficarem de olho nas coisas. Brody não ficava longe de Laura por muito tempo. Bradley e Amanda ainda eram praticamente recém-casados. Certamente agiam como tal, mesmo que estivessem casados há alguns meses agora. O que deixava ele, os gêmeos e Benjamin responsáveis por patrulhar o perímetro do parque e impedir a entrada de alguém indesejável.

Nunca se sabia o tipo de loucura que Hawkes poderia fazer.

Benjamin foi o primeiro que encontrou. — Pronto para uma pausa? — perguntou.

— Claro — respondeu Ben. Brody costumava dizer que Ben, o melhor pistoleiro do grupo, nasceu com uma arma na mão. Revólver ou rifle, Blake sempre se surpreendia quando o via atirar.

— Vou arranjar algo para comer. Georgina ainda está por aí em algum lugar?

— Acho que sim. — Georgina era a dona da cafeteria da cidade. No ano anterior, ampliou as instalações, contratou ajuda extra e seu negócio parecia estar indo muito bem. Ultimamente, parecia se produzir muito mais que o usual. Perguntou-se se os sinos do casamento tocariam no futuro de Benjamin em breve. Havia se deparado com os dois conversando em mais de uma ocasião, e seu irmão parecia ter uma lista pronta de desculpas para aparecer no Café.

— Tem estado bem quieto — Ben disse, seus olhos examinando a área do parque que descia até o rio, a mão firme no revólver. — Ainda assim, eu me sentiria melhor se Braydon e Henrietta tivessem concordado em realizar o casamento em outro lugar.

— Não há nenhum lugar grande o suficiente para toda a cidade, só se estivessem dispostos a se casar em Yuma — disse Blake. — Também não quiseram se casar no Café como Bradley e Amanda fizeram.

— É verdade. E Brody se casar no rancho não impediu Hawkes de fazer sua parte para atrapalhar as coisas.

— Na minha opinião — disse Blake —, casamento parece muito mais incômodo do que compensativo.

Ben sorriu deliberadamente. — Não me diga que está ficando cansado de construir novos chalés no rancho?

Blake olhou para as mãos, as pontas dos dedos cheias de calos. — Gosto do trabalho manual. Acontece que prefiro quando as coisas com as quais estou trabalhando têm partes móveis.

— Vi quando dançou com Storm mais cedo. A dama parece ter belas partes

móveis.

— É mesmo? — Blake disse, rigidamente. — Não tinha notado.

Ben bagunçou seu cabelo, um gesto que Blake detestava, embora soubesse que era feito com carinho. — Só pode estar brincando, mano. É uma moça bonita, aquela lá. Um pouco reservada, mais ou menos do seu jeito.

Blake cruzou os braços sobre o peito. — Raios, não sou reservado! — Mas sabia que havia um fundo de verdade nas palavras de Benjamin. Mesmo que conhecesse Brody há mais tempo, ainda se sentia como um estranho, pouco à vontade com a camaradagem habitual entre os irmãos.

Parte dele nunca havia superado ser o fracote do orfanato, aquele a quem todas as outras crianças intimidavam e chamavam de idiota por não conseguir dominar números ou letras. Suspirou. Muitas coisas boas aconteceram em sua vida desde aquele tempo, mas ser capaz de ler e escrever ainda parecia um sonho distante. Acabou por aceitar que as coisas eram assim. Como Brody sempre dizia, ele tinha outros talentos.

Se pudesse usar esses talentos para ajudar quando uma boa mulher como Storm precisasse de uma mão, então já estaria satisfeito.

Afastando-se da distração da música e alegria atrás de si, Blake patrulhou a borda do parque perto da margem do rio. Ficou aliviado por não ver nenhum sinal de intrusos ou movimento furtivo, e estava se preparando para voltar quando viu um pequeno caixote de madeira, meio escondido na grama alta cor de palha. Agachou-se para olhar mais de perto. Parecia que algo estava vazando da caixa. Uma substância estranha, de aparência oleosa.

Blake sentiu o cabelo da nuca se arrepiar, juntamente com um pressentimento que não podia ignorar. A caixa parecia nova, diferente de algo que vinha sofrendo com os efeitos do tempo. Sabia que os trabalhadores da ferrovia haviam usado alguns explosivos poderosos para detonar as rochas.

A caixa estava marcada com um monte de rabiscos que Blake achou que devia ser o nome da empresa. Reconheceu a letra “B” porque sabia que era assim que seu nome começava. Cautelosamente, pegou o caixote e se levantou, tomando cuidado para não derramar nada em seu bom terno de casamento.

— O que tem aí?

Sua boca ficou seca quando olhou para cima e viu Storm abrindo caminho em sua direção, a saia roçando suavemente contra a grama alta e seca. O barulho parecia alto como um rufar de tambores.

Suas palavras saíram permeadas pelo medo. — Não se aproxime.

— Blake? — Storm parou onde estava, seus olhos preocupados.

Respondeu devagar e comedidamente. — Vire-se devagar. Volte pelo caminho que veio. Lentamente e com cuidado. E não diga nada a mais ninguém. Entendeu?

Ela olhou para o caixote. — Isso é o que estou pensando?

Seus braços começaram a doer devido a mais do que apenas o peso que segurava. Aguentou firme. Não ousou se mover ou respirar alto, apenas

silenciosamente comunicava o perigo, olhando-a fixamente.

Tinha que dar crédito a Storm. Ela seguiu suas instruções à risca. Sem drama. Sem pânico. Apenas se afastou lentamente, sem tirar os olhos dos dele.

Uma vez que a dama estava fora de vista, deu passos lentos e cuidadosamente calculados em direção à margem do rio. Se algum movimento súbito detonasse acidentalmente a caixa de dinamite que segurava, era um homem morto. Então parou, a alguns passos da beira do rio, fez uma oração e ergueu o caixote com todas as suas forças.

A caixa atingiu a superfície da água e mal havia desaparecido de vista, em um redemoinho, quando ouviu uma explosão abafada. O solo próximo tremeu e um jato d'água, como um gêiser, voou direto para o ar, fazendo chover gotículas sobre sua cabeça e ombros.

Os ombros de Blake relaxaram de alívio. Ele suspirou e limpou as mãos trêmulas. Impossível saber se o caixote fora colocado ali deliberadamente ou de alguma forma caiu da traseira de alguma carroça. E talvez nada tivesse acontecido se não o tivesse encontrado. Por outro lado...

Momentos depois, Barron e Bishop, os gêmeos, vieram correndo em sua direção, com Storm em seus calcanhares.

— Que diabos... — disse Barron. Pôde reconhecê-lo devido à camisa azul que usava. Sempre que os gêmeos vestiam roupas idênticas, era impossível distingui-los.

— Vi uma caixa suspeita — Blake disse com um encolher de ombros.

— Explosivos — disse Bishop.

— É o que parece.

— Não deveria ter tocado neles — ralhou Barron.

— Tarde demais para isso. — O resto do que estava pensando permaneceu não dito. Não se importava muito com sua própria segurança, mas quando se tratava de seus irmãos, faria de bom grado qualquer sacrifício para manter a família segura. Sua vida patética nunca pareceu valer muito a pena.

Naquele dia fatídico, quando o caminho de Brody cruzou o dele, desejava que os valentões que o espancavam simplesmente o matassem e acabassem com isso. Que o poupassem daquela existência. Em vez disso, Brody o acolheu e lhe deu algo pelo que viver.

— Acho que foi muito corajoso — Storm se juntou à conversa.

Mal conseguiu registrar as palavras. Não se tratava de coragem, e sim do cuidado que tinha com os seus. Endireitou-se, recém-consciente de que havia feito algo para se orgulhar. Nunca ninguém lhe tinha dito que era corajoso.

— Lá vem a cavalaria — disse Bishop, ao avistar Brody e Bradley se aproximando.

Blake explicou rapidamente o que havia acontecido. Brody deu ordens aos outros para vasculhar todo o parque e as ruas ao redor, mantendo-se atentos a qualquer coisa suspeita.

— Os convidados estão bem? — Blake perguntou.

— Felizmente a música abafou o estrondo. Mas quando senti o chão

tremer, sabia que algo estava acontecendo. — Brody deu a Blake um olhar duro. — O que estava pensando? Poderia ter sido morto.

Blake desviou o olhar. Brody sabia demais. — Só espero que não haja mais explosivos por aí — disse. — Acha que devemos encerrar a festa mais cedo?

— Não podem fazer isso! — Storm disse.

— E deixar Hawkes vencer? Sem chance — afirmou Brody.

Juntos, os três voltaram às festividades. Blake viu a forma como o olhar de Brody circulou os convidados do casamento, sempre cauteloso. Blake odiava que tivessem que ficar de guarda o tempo todo. Especialmente em um dia como hoje, que deveria ser apenas uma alegre celebração.

Ao lado dele, Storm falou. — Ouvi vários convidados explicando o ocorrido como um possível trovão distante, embora estejamos a meses da estação das monções.

— Vamos nos ater a isso. — Satisfeito com a aparente ordem, Brody os deixou para ir ver sua esposa.

Blake ainda estava atento à multidão, procurando algo ou alguém fora do lugar. — Sabe quem é aquele sujeito ali? — Apontou para um recém-chegado vestido com roupas modernas, perto do gazebo.

— Algum repórter de jornal que Henrietta mencionou. Está escrevendo uma história sobre caça ao tesouro. Ansioso para uma entrevista com Percy e Henrietta.

Blake grunhiu. Os repórteres com suas histórias eram apenas mais um lembrete do que perdia por não ser capaz de ler. — O rapaz vai ter que agir rápido para falar com Henrietta, antes que ela e Braydon partam para a Argentina.

— Ainda não consigo acreditar que Braydon a convenceu a ir. E ela também não. Sabia que Henrietta não vê a família desde que partiu há quase dez anos?

— Poderia apostar que já faz mais tempo que não vê a sua — disse Blake. — Há um leve sotaque irlandês em sua voz.

Ela assentiu com a cabeça, os olhos arregalados e cheios de emoção. — Também sou órfã, Blake.



Hawkes não gostou da maneira petulante como Don Lucas entrou em sua casa. Independente das roupas elegantes e do título, um mestiço seria sempre um mestiço. Era uma situação triste quando um homem não tinha escolha a não ser fazer um acordo com o diabo, neste caso, Don Lucas, para atingir seus objetivos.

— Meus homens me disseram que estava na estação ferroviária ontem e serviu-se de um caixote de um dos meus carregamentos. Sabe que são todos designados para meus projetos.

— Não faça tempestade em copo de água — disse Hawkes. — Não teria nenhum desses projetos se não fosse por mim.

— Verdade ou não, estou perdendo a paciência. Temo que sua vingança

contra os Mason esteja desviando seu foco.

— Aqueles bastardos estão no meu caminho. No nosso caminho — corrigiu-se.

— Já lhe disse antes. Estratégia é tudo quando se joga para ganhar.



As palavras de Storm ficaram gravadas no cérebro de Blake. Uma órfã. Podia jurar ter tido um vislumbre de lágrimas não derramadas quando ela lhe contou, embora qualquer indício de umidade tenha desaparecido no segundo em que piscou.

Essas palavras, junto com a mulher que as pronunciou, despertaram algo profundo dentro de Blake. Algo que nunca havia sentido antes. Até agora, suas emoções tinham sido limitadas.

Medo e ódio.

Ódio e medo.

O medo era um resquício de sua juventude, de ter sua vida em perigo todos os dias até que não se importasse mais em viver. Ultimamente, qualquer medo que sentia era relacionado aos membros de sua crescente família. Temia por sua segurança, sua felicidade, seu bem-estar.

O ódio nasceu no dia em que Hawkes matou o irmão dos gêmeos. Nunca havia testemunhado um mal tão puro. O mal que não pararia até destruir as únicas pessoas que Blake já havia chamado de família.

No entanto, desde que Storm chegou à cidade, sentia-se diferente. O mundo não parecia mais tão implacavelmente preto e branco. Agora detectava cores, cores representadas com tons claros e escuros, que traziam consigo uma luz forte o suficiente para afastar a escuridão em sua alma.

Storm virou-se. — Acho que nada mais justo que termos outra dança.

E para sua surpresa, Blake se viu concordando.



Storm repreendeu-se no segundo em que as palavras lhe escaparam. O que estava pensando ao convidar Blake Mason para dançar? O rapaz já havia prometido dar uma olhada na carroça de livros, o primeiro passo do plano que Laura havia arquitetado.

Seu coração se compadeceu ao ver Blake guiando-a desajeitadamente pela pista de dança. Sabia, pelo pouco que Laura lhe contou, que Blake tivera uma infância difícil. No entanto, olhava para um homem forte e bonito. E corajoso! Suas ações mais cedo foram a coisa mais corajosa que já tinha visto, a maneira como arriscou a própria vida para garantir a segurança dos outros foi notável.

Pegou-se chegando mais perto, descansando a cabeça contra o peito dele, sentindo a batida reconfortante de seu coração. Fechou os olhos e fingiu que esta era sua vida agora. Segura nos braços de um homem que a amaria e protegeria.

Estava tão envolvida na doçura do momento que não percebeu quando a música parou. Tardamente percebeu que Blake havia parado. Seu aperto

afrouxou. Ela olhou ao redor. Céus, todos os outros haviam deixado a pista de dança. Então soltou Blake e recuou um passo.

— Desculpe — disse. — Eu apenas... apenas...

O sorriso dele estava de volta, leve e provocador. — Sei que posso entediar as mulheres sendo tão calado, mas nunca fiz ninguém dormir antes.

— Não foi nada entediante, Blake. Agradeço a dança.

Rapidamente, sem olhar para trás, Storm deixou as festividades. Não era uma boa ideia sentir-se muito confortável aqui em Bullet ou em qualquer outro lugar. Tinha que continuar se movendo. Certificando-se de que *ele* não a encontrasse.

CAPÍTULO 2



Blake olhou para a porta na parte de trás da grande carroça de livros estacionada em um terreno vazio na cidade. Deveria bater como faria ao chegar em uma casa? Sentindo-se ridículo, subiu os degraus em forma de escada e bateu com o punho.

Quando não houve resposta, sentiu uma onda de alívio. Storm não estava aqui. Sua obrigação estava cumprida. Virou-se para sair, mas não foi muito longe. Pois lá estava ela, sorrindo e acenando do outro lado da rua.

Seu coração deu um salto, lembrando-se da sensação de suas mãos na cintura dela quando dançaram. Hoje ela usava um vestido azul de algodão, com um vistoso chapéu vermelho empoleirado no alto da cabeça. Seus braços estavam cheios de livros.

Um cavalheirismo que não sabia que possuía o impeliu a se aproximar, aliviando o fardo nos braços de Storm.

Ela sorriu agradecida. — Estou tão feliz por não termos nos desencontrado. Estava me perguntando quando passaria por aqui.

— Tive algum tempo livre — respondeu, sentindo-se inexplicavelmente embargado.

— Veio na hora certa. Estou indo embora amanhã. — Ela puxou uma chave de ferro do bolso e destrancou a porta enquanto falava.

— Está de partida?

— As pessoas em algumas das cidades próximas terão terminado seus livros e estarão ansiosas por mais.

Por mais que tentasse, não soube como responder. Os rabiscos nas páginas dos livros que viu ao longo dos anos eram apenas isso, um monte de linhas e círculos que não faziam sentido, mesmo quando não estavam todos misturados.

O interior da carroça mal era alto o suficiente para Storm ficar de pé, e ele precisou se abaixar para evitar uma boa pancada na cabeça. De dentro, podia ver que a carroça era velha e havia sido reformada, alguém havia acrescentado paredes laterais de madeira e um teto.

E livros. Nunca tinha visto tantos livros ao mesmo tempo, de todas as cores, tamanhos e formas, espremidos nas prateleiras lotadas e enchendo as caixas no chão. Storm se moveu facilmente, como se não notasse a confusão.

Por sua vez, Blake estava consciente do espaço estreito, que fazia a fragrância de Storm exalar pelo ar e despertar seus sentidos. Perguntou-se se ela usava um sabonete com aroma de flores para se lavar.

— Já leu tudo isso?

A risada dela tinha um som musical. — Céus, não. Muitos deles não me

interessam. Mas serão úteis para alguém.

— Como sabe como encontrar alguma coisa? — perguntou.

— Eu os tenho vagamente organizados por assunto — disse. — Não ficção naquela parede e ficção ali. Romances baratos ali no final. As pessoas gostam disso. — O interior cheirava a poeira, a papel velho e couro, mas ao mesmo tempo a flores. Talvez aquele cheiro viesse de uma planta solitária. Uma luz difusa entrava por uma abertura envidraçada no telhado.

— Onde conseguiu tantos livros?

— Fiquei com a carroça de livros de uma idosa que conheci em uma viagem para o Sul. A artrite dela estava tão atacada que mal conseguia conduzir os cavalos. Desde então, colecionei muito mais livros. A maioria deles me foi dada por pessoas que estão se mudando e não têm espaço para levá-los. As pessoas apreciam o que faço por aqui. As que têm dinheiro, pagam por um cartão de empréstimo. Sobre aquelas que não podem pagar — encolheu os ombros — apenas dou um a elas...

— Isso é muito generoso da sua parte.

— Não preciso de muito para sobreviver. As pessoas têm sido boas para mim. Algumas me convidam para jantar quando estou na cidade. Há um ferreiro em uma cidade no Norte. O bom homem pega livros emprestados e, em troca, ferra os cavalos para mim.

— Então não é uma vida muito solitária. Sempre se movendo de um lugar para outro.

— Não disse isso. A solidão é algo com o qual todos nós aprendemos a lidar. Pelo menos em parte do tempo.

Ela o encarou com seus grandes olhos escuros. — Laura pediu a Brody, e ele disse que poderíamos usar a madeira sobressalente no rancho para fazer prateleiras. Infelizmente, não posso pagar muito pelo seu tempo.

— Não quero nenhum pagamento — Blake murmurou. — Fico feliz em ajudar. — Puxou um pedaço de barbante do bolso da camisa e apontou para a lateral da carroça. — É aqui que quer aquelas prateleiras extras?

— Sim — respondeu. — E ali, se isso for possível.

— Que tal uma cama de madeira também? Algo que seja retrátil, de modo que possa guardar quando não estiver usando. Posso parafusá-la ao chão para que fique firme quando estiver dirigindo.

— Pode mesmo fazer isso? — disse.

— Não vai demorar muito.

Ele esticou o barbante e fez marcações com um lápis de grafite, ciente dos olhos dela observando cada movimento.

— Lembra-se do que significam todas essas marcas? — questionou. — Não faz nenhuma anotação?

— Não preciso — afirmou. — Tenho um tipo de memória fotográfica. Posso me lembrar exatamente como é o lugar e o que significam as marcas. Funciona bem para mim.

Pela primeira vez, não se sentiu constrangido por não usar uma régua

numerada como os outros faziam quando iam construir. Esse era o jeito dele, e não sentiu que Storm o menosprezava por isso.

Enrolou o barbante e enfiou-a no bolso. — Quando pensa em voltar para cá?

— Acho que em uma semana ou dez dias.

— Devo ter tudo pronto até lá.

— Tão rápido? — perguntou. — Isso é maravilhoso.

— Fico contente em ajudar.

Medição feita, ele não conseguiu encontrar uma desculpa para demorar mais. — Acho que já te ocupei o suficiente.

— Sou eu quem o está ocupando — ela disse enquanto o acompanhava para fora.

Ele parou perto de seu cavalo. — Deveria ir jantar no rancho esta noite. É a última noite antes de Braydon e Henrietta partirem para a viagem.

— Não quero atrapalhar uma reunião de família — disse.

— Não posso falar pelos outros, mas poderia apostar que as garotas ficariam felizes em vê-la. Pobre Laura, quando se casou com Brody, o lugar não passava de uma casa de solteirões.

— Bem, gostaria de conversar mais com Amanda sobre seus planos aqui na cidade. — Storm acenou com o braço para abranger o terreno vazio onde estavam. — É aqui que ela pretende construir um salão comunitário, onde haverá espaço para aulas de dança, peças de teatro e concertos. Como aquele em Yuma.

— Eu a vi conversando com Laura sobre esses planos. Acho que tudo vai mudar assim que tiverem um bando de crianças ocupando seu tempo.

Storm lançou-lhe um olhar duro. — Acha que Brody pretende deixar o rancho assim que se tornar pai?

— Claro que não — disse Blake.

— Então, por que esperaria que Laura e Amanda mudassem seus planos?

Blake arrastou a ponta do pé na poeira. — Não quis dizer isso. Puxa vida, nunca tive uma mãe e um pai. O que temos em Copper Moon é tudo o que sei sobre ter uma família.

— Tenho a sensação de que será um ótimo tio — disse Storm. — E sim, ficaria feliz em acompanhá-lo esta noite.



Hawkes não acreditou no que ouvia quando soube que o terreno vazio na cidade havia sido vendido. Tinha toda a intenção de comprar o terreno, mas estava tendo algumas dificuldades de fluxo de caixa ultimamente. Achou que seria seguro esperar até ter os fundos. Por que alguém iria querer possuir um pedaço de terra que não servia para nada além de outro bar ou talvez um bordel?

Ainda estava ressentido pela maneira como Zara o expulsou daquele pulgueiro em Yuma. Sabia exatamente do que esta cidade precisava. Um Salon com alguns quartos no andar de cima, onde um homem poderia

descansar no final da noite. Imaginou-se como o responsável por levar as potras para um teste. Don Lucas tinha contato com um bando de *cucarachas* trazendo meninas do México com promessas de emprego. Para trabalhar de costas e com as pernas abertas.

O pensamento o fez sorrir, mas sua alegria desapareceu quando lembrou que o terreno não estava mais disponível. Aquele xerife inútil não conseguiu descobrir quem foi estúpido o suficiente para comprá-lo. Não descansaria até descobrir quem era o novo dono. Sempre havia maneiras de negociar um novo acordo. E de certificar-se de que a transação pesasse muito a seu favor.

Não foi sem alguma apreensão que Storm fez seu caminho para o rancho Copper Moon naquela noite. Realmente gostava das mulheres Mason. Sentia que eram as primeiras amigas de verdade que fazia há muito tempo. Mas então havia os irmãos Mason. Todos os sete. Grandes, fortes e intimidadores. Bem, não tão intimidadores quanto havia pensado. Brody era gentil e atencioso. Tinha aprendido um pouco sobre a forma como ele colocou todos sob sua proteção, dando-lhes um lar e uma família.

Blake era... Não tinha certeza exatamente do que Blake era. Considerava-o o menos intimidador dos homens. Essa foi uma das razões pelas quais concordou quando Laura pediu para ajudá-lo a decifrar letras e números. Ainda assim, estava bastante assustada com a ideia de estar sob o mesmo teto com todos eles, com todo seu tamanho, força e energia masculina.

Só encontrou as mulheres na casa do rancho quando chegou, trabalhando juntas na cozinha, como se tivessem feito isso a vida toda, e não há apenas alguns meses.

Henrietta particularmente. Antes de se casar com Braydon, Henrietta era uma mulher independente que viajava pelo mundo e caçava tesouros. Hoje estava tirando pãezinhos recém-assados do forno e brincando com as outras mulheres sobre a vida de casada. Storm se perguntou se Henrietta desistiria completamente de sua antiga vida, agora que estava casada com Braydon.

— Posso fazer alguma coisa? — Storm perguntou, sentindo como se estivesse se intrometendo na intimidade natural que tinham.

— Sente-se — disse Amanda. — É nossa convidada. Estou muito feliz por Blake tê-la convidado esta noite.

Storm deu de ombros. — Preciso ganhar a confiança dele se quiser ajudá-lo com seus... — pausou delicadamente — desafios.

Amanda e Henrietta se viraram. — Desafios? — disseram em uníssono.

— Desculpe. — Storm lançou um olhar de desculpas para Laura. — Não sabia que elas não sabiam.

— Não sabíamos o quê? — perguntou Amanda.

— A dificuldade de Blake com a leitura — disse Laura.

— Oh, isso. — Henrietta deu de ombros. — Nem todo mundo é feito para os livros. Blake tem outros talentos muito mais valiosos. Sabia que ele está trabalhando em uma máquina para costurar couro? Assim poderão consertar

todas as rédeas e perneiras e até as selas aqui no rancho.

— Ele é um amor — disse Laura. — Tão quieto e fácil de lidar.

— Não sei — disse Amanda. — Acho um pouco difícil me aproximar dele. É bastante retraído.

— Dê-lhe tempo — disse Laura. — Blake é um pouco mais reservado do que os outros.

Storm olhou em volta. — Não têm suas próprias casas novas e suas próprias cozinhas?

— Nós temos — disse Laura. — Mas assim é mais divertido. Uma família grande e feliz. Brody fica feliz quando estamos todos juntos, e um Brody feliz... — Sorriu como uma mulher que era bem-amada. — Preciso dizer mais?

— Afinal, para onde foram os rapazes? — perguntou Henrietta. — Espero que não estejam em algum lugar embebedando Braydon. Partimos amanhã.

— Quanto tempo vai ficar fora? — Storm perguntou.

Henrietta encolheu os ombros. — Alguns meses, imagino.

— Está animada? — Storm perguntou. — Pessoalmente, não conseguia imaginar voltar para minha terra natal.

— Imagino que meus irmãos ainda sejam inúteis como sempre. Meu pai comandava tudo. Minha mãe era sua escrava. Os meninos eram seus fantoches.

— E foi por isso que partiu? — Storm questionou.

— Escapei — confessou Henrietta. — Graças à vovó na Inglaterra.

Storm assentiu. Entendia tudo sobre escapar.

— Parece que chegaram. — Laura se sentou na cadeira ao lado de Storm e pousou a mão em sua barriga ligeiramente arredondada.

Storm ouviu o barulho de botas nos degraus da frente. Em alguns segundos veria Blake.

Os homens entraram, tão grandes e barulhentos quanto havia previsto, enchendo a cozinha do rancho até que pensou que não haveria mais espaço. A princípio, não viu Blake e, depois de uma rápida contagem, percebeu que eram oito, não sete. Braydon empurrou o homem extra para dentro. Storm viu Blake no fundo, quieto, mas atento.

— O que está acontecendo? — Laura perguntou.

— Encontrei esse cara bisbilhotando seu antigo acampamento, Henny. Alega que não sabia que estava nas terras de Copper Moon.

Storm reconheceu o recém-chegado como o repórter que tinha visto no casamento de Braydon e Henrietta.

— Sabia que este repórter estava indo para lá? — Braydon perguntou a sua esposa.

— Não — disse Henrietta. — Estava tão ocupada com o casamento e tudo, o aconselhei a ir falar com Percy.

— Parece que não se preocupou em falar com ninguém, apenas foi até lá por conta própria. — Braydon cutucou o homem com a ponta da bota. — Não

é mesmo, camarada?

O “camarada” limpava a manga de seu paletó como se o contato com os Mason o tivesse maculado. — Meu nome é Jones. John Jones. Do *Philadelphia Inquirer*.

— Bem, John Jones, do *Philadelphia Enquirer*, saiba que é proibido invadir uma propriedade privada — disse Braydon.

— Sinto muito por isso — disse Jones. — Por acaso, vi seu vizinho cavalgando naquela direção e meus instintos de repórter entraram em ação. Havia algo bastante furtivo em suas ações.

— Qual vizinho? — Brody perguntou bruscamente.

— Um homem chamado Hawkes. Não é um sujeito muito agradável, devo acrescentar.

Storm pôde sentir a tensão permear o cômodo assim que o nome de Hawkes foi mencionado.

— O senhor seguiu Hawkes até Copper Moon?

— Sem dúvida.

— Viu para onde o sujeito foi?

— Como disse, o homem estava agindo de forma muito sorrateira, então não cheguei muito perto. Infelizmente, o perdi perto da ravina.

— Que ravina?

— Onde ficam aqueles penhascos rochosos. Parece que pode haver uma entrada para algumas cavernas mais adiante.

Storm viu o olhar que Brody trocou com Laura. Braydon e Henrietta fizeram o mesmo, o que lhe dizia que havia algo significativo sobre aquele lugar específico do rancho. Algo que os outros não sabiam.

— O que aconteceu depois? — disse Brody.

— Eu te disse. Perdi o sujeito de vista e não quis arriscar assustá-lo. Dei a volta, mas desta vez deparei-me com restos do que parecia ser um local de escavação. Suspeitei que era lá que o Sr. Bloom e a Sra. Henrietta estiveram trabalhando.

Os olhos de Braydon se estreitaram. — Sobre o que exatamente está escrevendo?

Jones bufou com arrogância. — Hoje em dia só se fala na corrida do ouro. As pessoas são loucas por isso. Então tive a ideia de escrever sobre um tipo diferente de tesouro, riquezas que podem ser encontradas em quase qualquer lugar, bastando saber onde procurar...

— Não encontramos evidência de nenhum navio de pérolas — disse Henrietta.

— Mas há outro tesouro esperando para ser encontrado — anunciou Jones.

— Como? — disse Henrietta.

— Tomemos, por exemplo, aquele bando de foras-da-lei que, há mais de vinte anos, assaltava as diligências. O bando atendia pelo nome de Red's Rowdies. Fizeram um grande saque antes que cada um deles desaparecesse de vista. Ninguém nunca descobriu onde é que esconderam as mercadorias. —

Jones fez uma pausa para pousar seu olhar em cada um deles antes de continuar. — Muitas evidências levam ao fato de que o saque ainda está por aqui. Talvez até enterrado neste rancho.

Storm notou que Amanda, uma ruiva normalmente corada, ficou inexplicavelmente pálida. Observou a maneira sutil como Bradley se moveu para o lado dela, como se para protegê-la.

— Isso é um monte de besteiras — disse Brody. — Meu tio trabalhou nesta terra a vida toda. Ele saberia se houvesse algo assim enterrado por aqui.

— Trata-se de um lugar grande — disse Jones. — É muito difícil monitorar tudo que acontece aqui ao longo dos anos.

— Já terminou? — Brody cruzou os braços sobre o peito, deixando claro que o visitante definitivamente tinha terminado.

— Gostaria de sua permissão para conduzir uma investigação mais aprofundada da propriedade, perto de onde perdi Hawkes de vista.

— Permissão negada — disse Brody. — Algo mais?

Jones parecia igualmente desanimado e determinado. — Ficarei um tempo por aqui, caso mude de ideia.

— Não conte com isso — Brody disse ao se mover e abrir a porta em despedida. — E, Sr. Jones. Temos um pequeno problema por aqui com animais selvagens atacando nosso rebanho. Seria uma pena se acidentalmente entrasse no rancho e alguém atirasse, o confundindo com um coio.

Jones colocou o chapéu de volta na cabeça. — Vou levar isso em consideração. — Alcançou a porta, então se virou para uma mesura. — Senhoras, a refeição tem um cheiro delicioso. Não tinha intenção de perturbar a hora do jantar.

O ar dentro da casa tornou-se silencioso. Storm sentiu que muitos assuntos ocultos foram provocados pela visita de Jones. Assuntos que tiveram mais impacto em alguns membros da família do que em outros.

— Tem certeza de que não posso ajudar? — Storm disse, observando as damas colocarem a mesa ao passo que os cavalheiros desapareciam lá fora, cuidando dos cavalos e se lavando.

Amanda acenou com a mão no que Storm presumiu ser uma resposta negativa. — Sinto muito que tenha presenciado isso. Estava ansiosa por uma boa refeição tranquila e sem drama para a última noite de Henrietta.

A visitante notou que a cor de Amanda voltou ao normal quando a conversa mudou de rumo. Falavam agora sobre a visita que Henrietta faria à sua família, na Argentina. Todos tinham segredos? Storm se perguntou. Todo esse tempo pensou que estava só.

Quando a refeição terminou, era como se Jones nunca houvesse estado ali, provocando qualquer tipo de discórdia ou desconforto entre os outros. A conversa foi animada, e apesar de Storm ter contribuído pouco, gostou de estar ali, de observar a interação entre os demais. A noite mostrou-se muito diferente do que lembrava da vida familiar na Irlanda.

A única vez em que se sentiu desconfortável foi quando a conversa mudou

para viagens marítimas. — Deve ter sido uma travessia e tanto da Irlanda para a América — disse Amanda. — Acha que algum dia vai voltar?

— Não há nada nem ninguém lá para mim — disse Storm, inquieta por se tornar o foco da conversa.

Amanda se apoiou nos cotovelos. — Como era Nova York?

— Grande. Superlotada. Barulhenta. Suja — disse Storm. — Papai tentou um emprego como trabalhador braçal, mas em todos os lugares havia placas com os dizeres ‘Irlandeses não são aceitos’.

— Isso é terrível — disse Laura.

— Arranjei trabalho em uma fábrica de costura — disse Storm. — Mas papai morreu um homem falido.

— Usava aquelas máquinas de costura modernas?

— Tentei — disse Storm. — O dono não se importava muito comigo. Nunca peguei o jeito porque me saio melhor quando uso a mão esquerda. Tesoura. Máquinas de costura. Até para enfiar a linha na agulha. — Engoliu em seco com a memória. — Não era um homem muito agradável. Insinuava que havia outras coisas que eu poderia fazer melhor com minhas mãos que não envolviam costura. — Empurrou o prato, já sem fome.

— Então foi quando veio para o Oeste?

Ela assentiu e se levantou. — Espero que não pense que sou rude, mas é tarde e devo voltar para a cidade.

Blake também se levantou. — Vou levá-la de volta em segurança.

— Oh, não — disse. — Já teve um longo dia na sela e...

— E nenhum Mason deixa uma dama desacompanhada à noite — cortou Blake.

— É melhor não discutir — Amanda interferiu. — Quando se der conta, haverá mais deles a escoltando.

— Isso seria realmente desnecessário — emendou Storm. — Obrigada, Blake.

O homem estendeu a mão para ajudá-la a colocar o xale em volta dos ombros, seus movimentos desajeitados eram doces, como se nunca tivesse feito isso antes.

A viagem para a cidade passou rapidamente, sem muita conversa, mas sentiu que ele poderia estar baixando um pouco a guarda. Esperava que o tempo que passariam juntos, enquanto ele trabalhava em sua carroça, o deixasse confortável o suficiente para falarem sobre sua dificuldade com a leitura. Eventualmente, poderia lhe dar dicas para entender algumas palavras simples.

A carroça estava exatamente onde a havia deixado, mas quando se aproximaram, Storm sentiu que algo estava errado. A porta estava aberta, pendurada em uma dobradiça. Blake percebeu a situação, e sua mão foi para a arma tão rápido que não houve tempo de piscar.

O braço dele disparou em sua direção e a impediu de se aproximar. — Deixe-me ir primeiro.

Pela primeira vez, não tinha nenhum argumento, aliviada por não estar enfrentando aquela destruição sozinha. Pois destruição era exatamente o que enfrentava. O chão perto da carroça estava cheio de livros ou partes de livros, páginas arrancadas de suas encadernações. Mesmo enquanto observava, a brisa fazia as páginas soltas rodopiarem no ar.

Não havia outro som, nenhum outro sinal de movimento além da brisa. Depois de vasculhar a área, Blake falou. — Parece que quem fez isso já se foi há muito tempo.

Ela e Blake desmontaram ao mesmo tempo.

Storm tentou não chorar enquanto abria caminho sobre os livros arruinados e subia na carroça, onde mais destruição saudava seus olhos. As cortinas foram arrancadas da pequena janela. As obras de arte que tinham sido presentes de crianças queridas foram arrancadas das paredes e desfeitas em pedaços. Sua única planta solitária estava de cabeça para baixo em um monte de terra solta.

Soltou um soluço quando se abaixou para pegar a única foto desbotada que tinha dos pais no dia do casamento, rasgada ao meio. Almofadas estavam espalhadas por toda parte, rasgadas ou viradas do avesso. Prateleiras foram arrancadas das paredes. Os livros estavam espalhados pelo chão quase até a altura dos joelhos.

Antes que percebesse, os braços de Blake estavam ao seu redor, hesitantes a princípio, como se não estivesse acostumado a oferecer conforto a outra pessoa. Mas enquanto soluçava contra a camisa dele, umedecendo-a com suas lágrimas, seu toque se tornou mais confiante. Ele a segurou contra seu peito e acariciou seu cabelo, o tempo todo fazendo barulhos suaves, como se cuidasse de uma criatura indefesa.

Fazia tanto tempo desde que ela foi abraçada e confortada de qualquer forma que se esqueceu de ter medo. Abraçou-o de volta, absorvendo sua presença, sua força silenciosa, o calor de seu corpo contra o dela.

Por fim, parou de fungar e deu um passo para trás. Puxou um lenço e assoou o nariz de uma maneira pouco feminina que não pareceu incomodá-lo, ao passo que examinava os danos.

— Não é tão ruim quanto parece — Blake disse finalmente. — Dê-me alguns dias e vou consertar as coisas como se isso nunca tivesse acontecido.

— É mesmo? — Ela amassou o lenço de volta em sua bolsa. — Faria isso por mim?

Ele empurrou o cabelo para trás de seu rosto com uma mão gentil. — Ficarei feliz em ajudá-la, Storm. Agora vamos ver o que podemos salvar da bagunça lá fora. Depois disso, vou atrelar os cavalos e levaremos a carroça até o rancho. Ninguém ousaria tocá-la lá.

CAPÍTULO 3



Não havia absolutamente nada que Storm odiasse mais do que estar em dívida com os outros. Na Irlanda, tinha idade suficiente para saber que o pai tinha sido enganado pelo capataz da propriedade onde viviam.

A fuga para uma nova vida depois da morte de sua mãe no parto transformou-se em miséria. Seu pai estava em dívida primeiro com os homens que garantiram sua passagem, depois com os marinheiros do navio, sendo maltratado por todos enquanto tentava protegê-la.

Pelo menos na América conseguiu tirar um pouco do fardo dos ombros dele quando começou a trabalhar. Depois da morte de seu pai, partiu para a terra prometida, em busca de uma vida melhor no Oeste. Não havia como saber que acabaria em dívida com um homem muito mais perverso do que o da fábrica de roupas.

Sua vida realmente mudou no ano passado, quando passou a ser dona de seu próprio negócio graças ao trabalho com os livros. Não respondia a mais ninguém. Fazia seu próprio caminho, levando alegria para a vida de outras pessoas ao mesmo tempo.

Em questão de minutos, sua vida e tudo o que havia de bom nela foram destruídos em um frenesi de pura maldade. Pior ainda, por alguém desconhecido.

— Acha que há alguma chance de ser apenas obra de alguns delinquentes? — perguntou.

Blake permaneceu em silêncio absoluto o tempo todo em que trabalharam. Salvaram o que podiam dos livros arruinados perto da carroça e arrearam os cavalos. Mesmo agora, enquanto voltavam para o rancho, não conseguia adivinhar seus pensamentos, pois estava muito escuro para ver seu rosto. Todavia, sua irritação era perceptível. Podia dizer pela maneira como seus ombros estavam encolhidos e como continuamente vasculhava o campo escuro como breu, como se esperasse novos problemas a cada curva da estrada.

— Não me pareceu algo que moleques fariam — disse finalmente.

— Quem me odiaria tanto? Não estou aqui há tempo suficiente para fazer inimigos. E não há nada a ganhar com tal destruição.

Mesmo no escuro, percebeu a forma como a boca de Blake se contraiu.

— Algumas pessoas são simplesmente más, por inteiro.

Quando viraram para a entrada de Copper Moon, a luz se derramou pelas janelas da casa do rancho, um farol dando as boas-vindas de volta. — Bom. Ainda estão todos acordados. Quero que ouçam isso.

Blake a ajudou a descer do assento de madeira. Quando levou um minuto

para encontrar o equilíbrio no escuro, as mãos dele se estenderam, firmando-a. Olhou para cima, capaz de discernir as cavidades sombreadas e planos de seu rosto na penumbra atrás deles.

— Está sendo muito gentil comigo — disse. Normalmente não gostava de ser tocada, mas com Blake era diferente.

Ele passou uma mão insegura pelo braço dela até o cotovelo. — Sei como é ser o forasteiro. Não ter ninguém. Não está sozinha, Storm. Não mais. — Colocou uma em suas costas, guiando-a até a entrada. — Vamos acomodá-la, depois cuidarei dos cavalos.



Hawkes olhou para cima para ver o xerife de pé em sua sala como se tivesse todo o direito de estar lá. Devagar e deliberadamente, colocou a bebida na mesa ao seu lado. — O que está fazendo aqui? Está tarde.

— Encontrei algo que acredito pertencer-lhe. — Yates deu um passo para o lado e revelou os dois homens que estavam parados nas sombras atrás dele.

Hawkes se levantou tão rápido que derrubou o copo de uísque. — Que diabos...

— Peguei-os saindo de uma cena de crime na cidade.

Hawkes caminhou até Denim e olhou para sua cara feia. — O que estava fazendo? E quem diabos é esse?

— Haywire — Denim murmurou. — Falei sobre ele. O senhor disse que não havia problema em trazê-lo a bordo.

Impaciente, Hawkes voltou-se para o xerife. — O que meus homens estavam fazendo quando os viu?

— Parecia que estavam fazendo uma grande bagunça com aquela carroça de empréstimo de livros que tem andado pela cidade nos últimos tempos.

Hawkes soltou uma série de palavrões, satisfeito quando viu Denim e Haywire recuarem.

Denim tentou endireitar seus ombros. — Sabia que o senhor não gostava daquilo, chefe. Decidimos ensinar uma lição àquela garota e nos livrarmos dela, por assim dizer.

— Tem alguma ideia do que fez? — Hawkes perguntou em tom deliberadamente suave.

— Pensei que...

— É estúpido demais para pensar — Hawkes rugiu. — Estamos tentando ser discretos. Esperando que os Mason baixem a guarda. — Não foi isso que discutimos?

— Isso não tem nada a ver com os Mason — disse Denim em tom grosseiro.

— Seu idiota. A mulher estava naquele casamento. Claro que tem algo a ver com os Mason.

Denim olhou para o chão à sua frente. — Não sabia disso.

— E há muito mais que não sabe. Apenas lembre-se disso. — Dispensou-os com um aceno de mão. Depois que partiram, virou-se para Yates. —

Agradeço por trazê-los, xerife. Posso lhe pegar uma bebida?

— Não se incomode. Gostaria que se apressasse e lidasse com aqueles Mason. Não gosto da maneira como agem perto de mim. Como se eu não tivesse autoridade. O que aconteceu com o mexicano e o advogado?

Hawkes não tinha intenção de contar a Yates como seus parceiros de negócios estavam irritados. Era uma questão de tempo para voltarem rastejando. Assim que os Mason saíssem de seu caminho de uma vez por todas e todos os seus planos se concretizassem.

Os Mason ficaram horrorizados quando souberam o que aconteceu. Storm viu a maneira como os irmãos se olhavam, como se estivessem se comunicando sem palavras.

— Tem alguma suspeita de quem foi o responsável? — perguntou.

— Tenho algumas ideias — disse Brody. — Não se preocupe. Nós vamos investigar isso.

— E o xerife? — Storm perguntou. — Não deveria ser informado?

— Isso não traria nada de bom — disse Blake. — Se for realmente obra de quem suspeito, os dois estão em conluio.

— Isso é terrível! — Storm sentou-se trêmula em uma cadeira vazia. Blake estava atrás dela, com a mão apoiada no espaldar da cadeira, como se estivesse preparado para vir em sua defesa a qualquer momento.

Deu uma olhada rápida nas mulheres para ver se haviam notado. Oh, e se notaram. Laura até pestanejou.

— Vamos resolver as coisas amanhã — disse Amanda. — Vamos bolar um plano. Por ora, Blake fez bem em trazê-la aqui.

Henrietta falou. — Braydon e eu partimos amanhã cedo. Ficará em nosso chalé o tempo que precisar, até que as coisas se acalmem e sua carroça esteja como nova.

— Oh, não posso...

— Pode e fará — disse Henrietta em um tom que não admitia discussão. Ao lado dela, Braydon assentiu, olhando-a com adoração, como se fosse incapaz de acreditar em sua boa sorte. Storm sentiu uma pontada de inveja do casal feliz.

— Esta noite, ficará aqui no antigo quarto de Brody — Henrietta continuou. — Os lençóis estão limpos. Partiremos amanhã cedo. Depois que se levantar, pode mover suas coisas para nossa casa. Blake vai precisar de espaço na carroça para trabalhar. Não é mesmo, Blake?

— Posso te dar uma mão — Benjamin disse.

— Todos nós iremos — disse um dos gêmeos.

— Bom. — Blake soltou a cadeira dela. — Então está resolvido.

Laura se levantou. — Vou te mostrar onde pode se lavar.

Storm se sentiu inútil enquanto Blake trabalhava incansavelmente no interior da carroça. Tinha pouca experiência com a vida no rancho. Amanda e

Laura claramente tinham sua própria rotina e relutava em se intrometer em seus hábitos. A maior parte do tempo ficava sozinha no chalé que havia sido construído para Braydon e Henrietta. Ocupava seu tempo tentando organizar as páginas soltas e pensando em uma maneira de reparar os danos causados aos livros.

Blake entrou enquanto ela se sentava à mesa, lutando com uma tesoura, empunhando-a primeiro com a mão direita, depois com a esquerda e depois de volta com a direita. Por que era tão difícil endireitar uma borda irregular antes de aplicar a cola de couro?

Depois de observá-la por um longo minuto de silêncio, ele pegou a tesoura da mão dela e habilmente terminou o serviço. Storm tentou brincar sobre sua falta de jeito.

— Pode ver por que eu não era muito útil na fábrica de roupas.

Blake continuou a estudar a tesoura como se nunca tivesse visto um exemplar antes. — Não é sua culpa que não funcionem na sua mão.

— Não podemos culpar a tesoura quando o problema é falta de jeito do operador.

Ele colocou a mão sobre a dela. — Não é desajeitada, Storm. Pare de agir como se fosse. É tão inteligente e bonita e... — Afastou sua mão, o rosto ficando vermelho de vergonha, como se não estivesse acostumado a se expressar nesses termos.

Impulsivamente, ela pegou a mão dele entre as suas. — Obrigada pela ajuda. Quando isso acabar, tem que me deixar retribuir sua ajuda.

Blake limpou a garganta. — Vim buscá-la para que possa ver como está indo a carroça.



Blake conduziu Storm até a carroça, seu coração batendo forte de puro nervosismo. Não tinha a intenção de tocá-la daquela forma, mas vê-la lutar com aquela tesoura mexeu com algo dentro dele, algo que nem sabia que existia. Empatia. Compreensão. Uma conexão com outro ser humano que não acreditava ser possível.

Começou pelo exterior da carroça. — Benjamin teve essa ideia, fazer essa parede aqui erguer-se para que as pessoas possam dar uma olhada nos livros lá dentro, poupando-lhe o tempo de levá-los para fora.

— Brilhante! — Quando Storm bateu palmas de alegria, começou a relaxar. Queria que tudo ficasse perfeito, mas não estava tão confiante assim em seu trabalho.

Quando mostrou a parte de dentro, ela suspirou, o que parecia ser um bom sinal. Originalmente, as coisas na carroça foram construídas de maneira aleatória, prateleiras adicionadas conforme necessário. Os degraus para o sótão de dormir eram instáveis, na melhor das hipóteses. Decidiu então começar do zero e refazer tudo.

— Parece incrível!

— Ben e Bradley ajudaram quando tiveram tempo.

Storm se virou e jogou os braços ao seu redor em um movimento que pegou os dois desprevenidos. Deu um passo instável para trás, depois um segundo. Suas mãos automaticamente se fecharam em torno de sua cintura fina para mantê-la firme. A parede com a escada estava atrás dele, Storm pressionada na frente de Blake, sem sinais de que ia recuar.

Podia sentir a curva suave dos seios dela contra seu peito. Esticou-se para se equilibrar, mas ela se moveu direto para o V de suas pernas como se estivesse em casa, antes de descansar a cabeça em seu ombro.

Não sabia o que fazer com as mãos, então deixou que seguissem seus impulsos, traçando a linha suave nas costas de Storm, desde os quadris até os ombros, antes de deslizar para baixo e tocar a curva arredondada de suas nádegas. Ela não se afastou, mas se aproximou, seus quadris inclinados contra suas partes masculinas em uma mensagem clara.

O rosto dela estava muito próximo, os lábios ligeiramente entreabertos, implorando por um beijo. A boca dele encontrou a dela em um movimento que parecia tão natural quanto respirar, como se tivesse encontrado o lar depois de uma longa e solitária jornada. Sentiu-a suspirar, o hálito doce e quente enchendo seus pulmões e respirando por ele, caso se esquecesse como.

Ouviu um leve gemido quando ela passou os braços em volta de seu pescoço e puxou sua cabeça para mais perto, movendo a boca sob a dele, sua língua fazendo golpes hesitantes até que percebeu que deveria abrir os lábios.

A língua dela deslizou entre seus lábios, traçando sua forma, mordiscando antes de puxar o lábio inferior dele para dentro de sua boca. Sentiu uma onda de sangue quente em suas regiões inferiores. Seu batimento cardíaco acelerado martelava nos ouvidos enquanto a apertava contra si, achatando seu peito contra o dele, perto o suficiente para fazê-la sentir seu membro duro.

Foram interrompidos pelo barulho de uma batida do lado de fora, segundos antes de os gêmeos irromperem.



Storm saiu dos braços de Blake respirando pesadamente. Se os gêmeos tinham alguma ideia do que acabaram de interromper, não demonstraram, cada um falando sobre o outro em um esforço para ser ouvido.

Storm desejou que seu coração e sua respiração voltassem ao normal. Não esperava que um rápido beijo de agradecimento se transformasse em uma febre de paixão que nunca havia experimentado. Especialmente no pouco tempo em que esteve casada.

— Tivemos essa ideia. Vimos uma vez em uma carroça — disse um dos gêmeos.

— E achamos que, se funcionou lá, deve funcionar aqui — acrescentou o irmão.

— Então, usamos um cano de ferro que tínhamos.

— E achamos que ficou muito bom.

— Se gostar.

— Se não, não precisa usar.

Storm olhou de um para o outro com diversão. — O que é essa invenção?

— Corrediças de ferro nas estantes. Com corrediças correspondentes na escada.

— Dessa forma, as prateleiras podem ir até o teto da carroça e ainda pode alcançá-las.

— Pode usar a escada que chega ao seu loft de dormir. Basta movê-la.

Ambos pararam, os rostos iluminados com uma expectativa esperançosa.

Storm se virou para Blake. — Acho que soa brilhante. O que acha?

— Com certeza. Só gostaria de ter pensado nisso — disse Blake, pesaroso.

— Não se preocupe, cara. É para isso que serve a família. Para ajudar uns aos outros.

— Muito obrigada. — Storm olhou atentamente para cada gêmeo ao falar, determinada a diferenciá-los. — Bishop. — Apertou a mão do mais próximo.

— Barron. — Pegou a mão do segundo.

— Não há de quê, madame — disseram em uníssono. Percebeu que havia acertado os nomes, e os dois ficaram satisfeitos com isso.

— Parece que seu joguinho não vai funcionar com Storn. Ela já sabe diferenciá-los — disse Blake.

— Quantos livros tem! — Bishop disse.

— Pode pegar quantos quiser. Quando quiser.

Barron pegou um volume sobre magia. — Este parece interessante. Não é, Bishop?

— Com certeza.

— É sobre o quê? — Poderia dizer que Blake odiava que tivesse de perguntar.

— Magia — respondeu. — Ilusões e escapologia.

— Não deixe que leiam isso — disse Blake. E parecia sério. — Já fazem travessuras suficientes sem a ajuda de novos truques aprendidos em um livro.

— Precisamos disso — Bishop disse seriamente. — Estamos trabalhando em um plano para enganar Hawkes quando for a hora certa.

— Isso mesmo. — Barron assentiu sério.

— Será que Brody sabe sobre isso? — Blake perguntou.

— Ainda não — Bishop disse. — Mas vai saber.

— Agora, mostraremos como essas corrediças vão funcionar.

Sob a orientação de Blake, a carroça de livros tornou-se muito mais funcional do que qualquer coisa que Storm poderia ter imaginado. As corrediças dos gêmeos eram geniais. Benjamin apareceu no chalé várias vezes para ajudar no reparo de quaisquer volumes recuperáveis e provou ser muito hábil na tarefa.

— Parece que já fez isso antes — observou Storm.

— Passei algum tempo como encadernador de livros quando estive na prisão.

— Esteve na prisão? — perguntou. — Por quê?

— Matei um homem. Atirei nele por tentar estuprar minha mãe. — Olhou-a com um encolher de ombros. — Não fiquei muito tempo preso, depois que descobriram como eu era jovem. Mas quando me deixaram ir, minha mãe se casou e seguiu em frente.

— Ela o abandonou? — Storm ficou horrorizada.

— Acho que nunca me quis para começar — disse Benjamin. — É uma vida difícil para uma mulher sozinha no campo. Não posso dizer que a culpo muito.

— Mas isso é... isso é... — Storm se conteve. Lembrou-se de não julgar os outros até que estivesse no lugar deles. Não era tão diferente de Benjamin e sua mãe.

— Bem, sua habilidade certamente é apreciada — disse.

— Fico feliz em ajudar. Todos nós fazemos o que podemos por aqui.

— Como conheceu Brody e os outros?

— Foi no salão de jogos. Não tinha muito a perder, estava blefando, irritando alguns dos outros jogadores. As coisas estavam começando a esquentar quando Brody entrou no jogo. Ele limpou todos nós e desviou a raiva de mim.

— Brody deve ser um exímio jogador de cartas, se pôde fazer isso.

— Ouvi dizer que puxou ao pai nesse aspecto. De qualquer forma, vi um dos companheiros segui-lo e impedi o homem de lhe fazer mal. Brody gostou do jeito que manuseei a arma. Disse que havia um lugar para mim aqui se eu quisesse. — Olhou ao redor. — Pensei em fazer o teste. Depois que me acomodei, nunca vi motivo para sair. Além disso, temos alguns negócios inacabados com um dos vizinhos.

Ele se levantou antes que pudesse questioná-lo mais. — Acho que poderia ficar por aqui também, se quiser. As mulheres apreciam sua companhia.

— Oh, bem, eu só... — Storm não sabia o que dizer. De alguma forma, duvidava que Blake compartilhasse o entusiasmo de Benjamin com sua presença definitiva.

— Na verdade, só estou aqui enquanto a carroça é equipada. Então, tenho meu trabalho para voltar.

— Entendo.

Storm o observou sair, imaginando como se sentiria se a mesma oferta casual tivesse sido feita por Blake, antes de se lembrar da razão óbvia pela qual não poderia ficar, mesmo que quisesse.

— Precisa de ajuda para colocar esses livros de volta, Storm? — Blake perguntou, uma vez que as prateleiras foram instaladas e pintadas.

— Sim, por favor — disse. — Se puder alcançar as prateleiras altas, não precisarei usar a escada. Que aliás, é uma dádiva de Deus — acrescentou.

— Por onde quer que eu comece?

— Se eu os classificar em categorias e puder me fazer o favor de arquivá-los em ordem alfabética, pelo nome do autor, seria de grande ajuda — disse.

Tarde demais percebeu o que acabara de dizer. O olhar no rosto de Blake disse tudo.

— No fim das contas, não acho que eu seria de muita ajuda — disse, as mãos enfiadas nos bolsos, como se não suportasse sequer tocar nos livros depois do que acabara de ouvir.

— Quer saber? — disse brilhantemente. — Esqueça os nomes dos autores. Vamos arquivá-los de acordo com a cor. Isso funcionará muito bem e ficará mais bonito também.

Observou os ombros de Blake relaxarem lentamente. Uma vez que os livros estivessem nas prateleiras, poderia classificá-los em ordem alfabética depois que deixasse o rancho. Se Blake notasse, o que provavelmente não aconteceria, poderia simplesmente culpar os clientes por misturá-los.

Blake tinha sido uma grande ajuda, era hora de fazer o que pudesse para ajudá-lo.

— Importa-se de me acompanhar de volta? — perguntou naquela noite, depois que o jantar foi consumido e limpo no que passou a chamar de “casa grande”. O chalé em que estava hospedada era bonito e aconchegante e cheirava a madeira recém-cortada, mas não havia como negar a confortável sensação de pertencimento que a velha casa no rancho exalava. Imaginou que se aquelas paredes pudessem falar, teriam uma história e tanto para contar.

Storm se sentiu inexplicavelmente nervosa enquanto percorriam a curta distância da casa do rancho até o chalé de Henrietta e Braydon. Fez uma pausa quando chegaram à porta da frente e encarou Blake, rezando para que usasse as palavras certas, sem insultá-lo. A lua estava grande e brilhante no céu, deixando o quintal quase tão iluminado quanto durante o dia, só que mais prateado. Blake não parecia ter pressa para dizer boa noite. Tirou o chapéu e o girava sem parar, como se precisasse de algo para manter as mãos ocupadas.

Ela respirou fundo e colocou uma mão levemente em seu antebraço. Sentiu os músculos dele ficarem tensos, mas ele não se afastou. — Tem feito tanto por mim ultimamente — disse.

— Não foi nada — respondeu Blake.

— Foi muito mais do que nada — disse Storm, suas palavras tropeçando na ânsia de falar antes que se acovardasse e mudasse de ideia. — E eu, por minha vez, agradeceria se me deixasse fazer algo para presenteá-lo.

— Droga, Storm, não preciso de nada. Sinto-me bem sabendo que pude ajudar. Que estará segura em suas viagens. — Inclinou a cabeça para um lado de uma forma que achou cativante. — Espero que passe por aqui na próxima vez que estiver em Bullet.

— Sabe que eu vou — garantiu. — Há muito o que planejar com Amanda sobre o projeto do salão. Para não falar de Laura tendo seu bebê. Tenho a sensação de que o rancho será o lugar ideal.

Blake soltou um suspiro. — Preciso dizer, é muito melhor quando está aqui.

— Tem muita sorte de ter o que criou junto aos outros aqui. — disse —

Espere. Não diga nada. Apenas me ouça. — Fez uma pausa e mudou o peso de um pé para o outro. — Percebi o jeito que olhou para os livros.

— São apenas livros — Blake murmurou.

— Posso dizer que as letras não lhe fazem muito sentido, do jeito que fazem para a maioria das outras pessoas.

Viu-o enrijecer, lutando contra o desejo de fugir.

— Não é o único que tem essa dificuldade, Blake. Já ajudei outras pessoas. E ficaria muito feliz se me deixasse pelo menos tentar ajudá-lo.

Uma guerra de expressões cruzava seu rosto ao luar. A vontade inicial de negar o que acabara de ouvir, seguida pela onda de vergonha.

— Não é nada para se envergonhar, Blake. Muita gente tem preguiça de ler. Mas vejo que no seu caso é diferente.

Ele olhou para o chão sob seus pés. — Não adianta. Brody tentou o seu melhor para me ensinar quando vim morar aqui. Sou um caso perdido. Estúpido demais para aprender. Foi o que me disseram no orfanato.

— Pois estão errados — disse Storm. — Apenas precisa de um método diferente do comum para aprender, só isso.

— Não importa — disse. — Eu me viro muito bem.

Ele colocou o chapéu na cabeça como se estivesse se preparando para partir. Storm respirou fundo e se lançou sobre ele. Os braços dele se fecharam ao seu redor, tão bons, grandes e fortes. Sufocou o súbito desejo de ficar lá para sempre. — Por favor, Blake. Por favor, deixe-me ajudá-lo. — Suas palavras saíram quase como um soluço. — Fiz algumas coisas ruins na minha vida. Desde então, tenho tentado compensar fazendo o bem.

CAPÍTULO 4



Blake realmente desejava não ter concordado com a ajuda de Storm. Saiu-se bem por tanto tempo sem ler e escrever. E se ela tentasse o seu melhor e ele ainda não conseguisse entender o conceito? Ambos se sentiriam mal. Ela acabaria o evitando por tanto constrangimento.

A perspectiva fez seu estômago revirar, como se tivesse comido algo estragado. Não queria perder a amizade de Storm. Antes de Brody começar a cortejar Laura, e todos os irmãos se envolverem em um esforço para ensinar Brody a ler, não havia percebido que era possível ser amigo de uma mulher. E descobriu que era bom. As mulheres tinham uma bondade suave que tocava fundo sua alma.

Ele suspirou. Também sabia que era melhor não se acostumar a ter Storm por perto. Em breve ela pegaria aquela carroça de livros e voltaria ao que estava fazendo antes do casamento de Braydon e Henrietta. Claro, ela poderia falar sobre voltar para ajudar Amanda a arrumar as coisas, mas seria uma visita passageira na melhor das hipóteses.

Perguntou-se pela enésima vez quais seriam as coisas ruins que Storm alegou ter feito. Não conseguia imaginar uma coisinha tão doce e pequenina fazendo algo ruim. Parecia que a vida dela tinha sido difícil e solitária, assim como a dele. Era disso que se tratava. Não havia outra razão para se sentir do jeito que se sentia, como se a conhecesse desde sempre, em vez de apenas um curto período.

Achou-a tão perturbada na outra noite, que prometeu que a deixaria tentar ajudá-lo, embora a própria ideia apunhalasse seu coração. O passado surgiu para sufocá-lo. Os professores. As outras crianças. Provocando-o. Chamando-o de idiota.

Desejava morrer naquele dia em que conheceu Brody. Tinha incitado aqueles valentões, esperando que fizessem o que não tinha coragem. Acabar com sua vida miserável. Em vez disso, acabou aqui, como o primeiro na nova família de Brody. E agora uma garota o esperava do outro lado da porta, contando que aprenderia algo que sabia ser impossível. Algo que ela se sentiu obrigada a tentar.

Nem havia batido quando a porta se abriu. — Estava com medo de que pudesse mudar de ideia — confessou Storm.

— Disse que estaria aqui — falou rispidamente. — Não estou feliz com isso, mas imagino que quanto mais cedo perceber que não há esperança, mais cedo poderemos voltar ao que estávamos fazendo antes de tudo isso acontecer.

Storm fitou-o com aqueles grandes olhos de cores incomuns. Às vezes pensava que eram marrons. Outras vezes, podia jurar que eram verdes.

— É estranho — disse, inclinando a cabeça como se estivesse tentando vê-lo sob uma luz diferente. Como se também estivesse em conflito. — Pela primeira vez, não estou ansiosa para pegar a estrada e vagar de cidade em cidade. E a culpa é sua, Blake Mason.

Ele empalideceu. — Minha culpa?

Uma linda covinha se formou no rosto dela. Seus olhos o encaravam por baixo dos cílios. — Sua e de todo o seu clã Mason. É bastante irresistível fazer parte desse grupo. Mesmo por pouco tempo.

Blake não sabia o que dizer. As mulheres podiam ter uma suavidade amável. Também tinham uma maneira diferente de se expressar. Ficou sem palavras para responder. Quando a olhou, percebeu que gesticulava, o convidando a entrar.

Ele parou logo que entrou na casa. A sala estava cheia de fotos. Pedacos de papel. Lápis. — O que é tudo isso?

— Só algumas coisas que vamos tentar. Começaremos com algumas palavras e letras simples e uma estratégia para se lembrar delas.

Uma onda de náusea o invadiu. *Nunca deveria ter vindo!*

Nunca deveria ter vindo!

O fato de querer ver Storm, passar tempo ao seu lado, não era motivo suficiente para se submeter a esse tipo de tortura.

Blake plantou os pés afastados e cruzou os braços sobre o peito. Seu olhar deslizou em direção à porta. Em direção à fuga.

Como se sentisse seu desejo de fugir, Storm o puxou pelo braço até o sofá e abaixou-se ao lado dele. — Há muitas letras que parecem muito semelhantes e podem ser difíceis de distinguir. Às vezes, as imagens ajudam. Outro dia me contou que tem uma memória fotográfica e usa isso no seu trabalho. Então, quando está construindo, lembra-se do que significam as medidas e onde cada coisa está. Pode usar isso com as letras e palavras.

Raios, como ela cheirava bem. Queria se inclinar e acariciar a pele de aparência macia em seu pescoço, inalar seu cheiro e se afogar em sua suavidade feminina.

Ela se inclinou, seu ombro roçando o dele enquanto puxava um pedaço de papel e escrevia algumas letras. Uma delas parecia-lhe um pedaço de pau e havia dois círculos nos cantos.

— A palavra é “olho”. E aqui está a maneira como pode se lembrar. Para sua surpresa, ela desenhou um globo ocular no meio de cada círculo.

— O que faz com seus olhos? — perguntou-lhe.

— Olho — disse Blake, seu tom tingido de admiração. — Mas como vou me lembrar disso quando não há globos oculares?

— Vai olhar muito para isso. Tirar uma foto com sua mente. Colocá-lo em um cartão com o desenho de um lado e a palavra no verso. Um dia, quando olhar para a palavra, se lembrará dos globos oculares que faltam e será capaz de lê-la. — Deu a ele um sorriso encorajador.

— Essa aqui no meio. — Apontou. — Parece que está apontando para o

lado errado.

— Essa é a letra “L”. E é confuso, porque a pronúncia dela é “eli”. Mas a letra “H” e a letra “O” fazem com que tenha o som de “lho”. Apontou para a letra do globo ocular. — Graças a essa letra aqui.

— Isso é estúpido — disse Blake.

— Concordo. — Storm sorriu de um jeito que fez seu coração dar cambalhotas. — Espero que não se importe, mas peguei um pouco de areia daquela pilha perto do celeiro. Cortei alguns papéis na forma de algumas letras mais difíceis, como “L”, e coleí areia com aquela cola de couro que me comprou para consertar os livros. Dessa forma, pode senti-la, guardar a sensação na memória e nunca esquecerá para que lado as pernas da letra apontam.

De um caderno, ela tirou uma grande letra coberta de areia e a colocou na mesa. Então pegou a mão dele e a guiou sobre a letra arenosa. Com os dedos sobre os dele, o incentivou a traçar a forma.

Droga, como era difícil se concentrar. A textura áspera da forma arenosa contrastava diretamente com a suavidade das pontas dos dedos dela. Como diabos deveria pensar sobre o nome e a forma da letra quando tudo o que queria fazer era esmagar a boca dela sob a dele, derrubá-la no sofá e...

Amigos, lembrou a si mesmo.

Até onde sabia, ninguém saía por aí beijando seus amigos, muito menos pensando em fazer o que se passava em sua mente.

— Tem razão. — Sua voz soava tão áspera quanto a letra sob seus dedos. — Sentir a areia torna mais fácil lembrar da forma.

— Não vamos fazer muito por um dia. Vou apenas fazer alguns cartões com imagens para que saiba o que cada palavra significa. Pode levar os cartões e consultá-los sempre que tiver alguns minutos de sobra. De forma casual. Não se cobre demais. Apenas pense sobre a imagem. Vai começar a parecer natural depois de um tempo.

Quando ela fez menção de retirar sua mão, ele a puxou de volta. Tentou o seu melhor para soar sincero, seus olhos nos dela sinalizando uma esperança que não sentia há muito tempo. — Acho que aprendo muito melhor quando está me ajudando assim. — Entrelaçou seus dedos nos dela.

Parecia haver tristeza nos olhos de Storm. — Não estarei sempre aqui, Blake.

Reprimiu a vontade de dizer que a queria sempre aqui. Que, de alguma forma, a presença dela o fazia se sentir melhor. Mais forte. Mais capaz. Mais parecido com o homem que queria ser.

Mas não podia dizer isso. Isso o faria parecer fraco. E abominava a fraqueza.

— Claro que não — respondeu rispidamente.

Storm sabia que deveria partir. Já havia abusado da hospitalidade em Copper Moon. Não que alguém estivesse dando indiretas ou algo assim. Pelo

contrário, estava envolvida em uma rotina confortável. Quando os homens estavam trabalhando, passava um tempo com Laura e Amanda, que estavam tricotando e costurando itens para o enxoval do bebê de Laura e Brody.

No entanto, ansiava principalmente pelas noites e pelo tempo que passava com Blake, que provou ser um aluno hábil e agora podia escrever seu próprio nome, bem como ler algumas palavras simples.

— Será que seu bebê terá tempo para usar tantas roupas? — disse Storm, observando a pilha de roupas minúsculas de tricô crescer diariamente.

As duas mulheres trocaram um olhar. Amanda corou. — É a primeira a descobrir. Além de Laura. E Bradley, claro. Mas o pequenino de Laura logo terá um amiguinho.

— Oh. Bem, neste caso, é melhor começar a ajudá-las. — Encantada por ter a confiança das amigas, Storm voltou a costurar. Blake tinha feito um berço para o bebê, e ela estava ocupada costurando cobertores de lã, com fitas de cetim que comprou em Yuma.

— É rápida com a costura — disse Laura com admiração, observando Storm manipular a velha e desajeitada máquina de costura que quase nunca usava.

— Na verdade, não — disse Storm. — Gostaria que a máquina fosse construída ao contrário, para que eu pudesse usar essa mão. — Ergueu a mão esquerda. — Faço as coisas melhor com esta mão, mas pelo formato da máquina, sou obrigada a usar a outra.

— Entendo o que quer dizer — disse Amanda, observando enquanto Storm lutava com uma tesoura. — Talvez eu devesse te ensinar a tocar piano.

Storm olhou-a. — Como isso poderia ajudar?

— Cada mão tem um papel na música. Isso pode ajudar a equilibrar as coisas.

— Não faz sentido — disse Storm bruscamente. — Vou embora em breve e não terei chance de praticar.

— Talvez em algum momento no futuro — disse Amanda, sem se abalar. — Depois que o salão estiver construído, pretendo oferecer aulas para quem quiser aprender.

— Está tudo certo com o projeto?

Amanda assentiu com a cabeça, a voz cheia de entusiasmo. — Contratei uma equipe de trabalho de Yuma. Devem estar prontos para começar em algumas semanas.

— Contratou-os? — perguntou — E aceitaram trabalhar para uma mulher?

— Não exatamente — disse. — Acham que Bradley está no comando.

— Quanta sorte — disse Storm com um suspiro. — Ter um marido que te ama e te apoia.

— Ele me ama — disse Amanda, sua pele ficando rosada. — E teme que eu tenha me envolvido demais com o projeto do salão, mas foi ele quem me deu a ideia.

Laura ergueu os olhos do tricô. — Quem vai ajudar Blake com as palavras

depois que for embora?

— Estarei de volta em algum momento — disse Storm. — Além disso, não posso ficar para sempre no chalé de Braydon e Henrietta.

— Já sei! — Amanda bateu palmas. — Percy está indo embora. Pode se mudar para a casa onde eu morava na cidade.

— Ah, não, eu...

— Por favor — disse Amanda. — Não quero que fique vazia. É a ideia perfeita. Dessa forma, terá uma base, um lugar para onde voltar.

Storm olhou para os rostos animados e esperançosos de suas novas amigas. — Vou pensar sobre isso — disse. A ideia de ter um lugar para chamar de seu era tentadora e assustadora ao mesmo tempo. Assim como o pensamento de que poderia ver Blake periodicamente. Talvez realmente pudesse ter um futuro, apesar de tudo em seu passado.

Não, repreendeu a si mesma, com tristeza. Manter-se em movimento era o melhor. A maneira mais fácil de não ser encontrada.



Hawkes encarou Denim através da superfície empoeirada de sua mesa. Nenhum de seus empregados tinha permissão para entrar. Não confiava que não fossem bisbilhotar coisas que não lhes diziam respeito.

Denim era um vigarista recém-saído da prisão e não muito inteligente, o que certamente havia provado na outra noite, quando detonou a carroça de livros junto com seu amigo idiota. Mas, para Hawkes, a idiotice de Denim o tornava perfeito para esse último trabalho. Faria o que mandasse sem perguntas intrometidas.

— Então, este repórter? — Denim disse, um pé apoiado em seu joelho oposto. Sua estrutura corpulenta tornava pequena a cadeira de couro do escritório de Hawkes, e ele palitava os dentes enquanto falava. — Tem certeza de que não quer que eu cuide dele?

— Apenas fique de olho nele. Deixe-me saber onde vai e com quem fala. E certifique-se de me avisar se ele chegar muito perto daquela área de que lhe falei.

— O que há de tão especial naquele lugar, afinal?

Hawkes o encarou. — Lembra como permaneceu vivo na prisão? Mantenha os olhos abertos e a boca fechada. Entendeu?

Denim se afastou e se levantou. — O senhor é quem manda.

— É sempre bom lembrar.

— O que quer que eu faça se ele chegar muito perto desse ponto? Quer que eu cuide dele?

— Não. Quero que seja amigável. Então o traga aqui para mim.

Denim franziu a testa. — Por que o senhor fica com toda a diversão?

— Pelo mesmo motivo que ficou preso por muito tempo e eu não. Sou mais inteligente.



Blake parou o veículo em frente à casa de Amanda na cidade, onde Percy

estava hospedado com Henrietta antes do casamento. Agora que a caça ao tesouro havia sido oficialmente cancelada, Percy pediu aos irmãos uma carona até a estação de trem em Yuma.

Blake não sabia ao certo por que se ofereceu para o trabalho. O que poderia ter a dizer a alguém cuja vida girava em torno de livros? Um professor de alguma escola chique na Inglaterra?

Percy o aguardava na porta. — Olá, Blake. Pode me ajudar com as malas?

— Oh, claro. — Blake afastou os pensamentos e subiu os degraus para pegar o desajeitado baú e colocá-lo na carroça. Percy seguiu com várias malas menores.

— Realmente aprecio a carona — disse Percy. — É muito melhor do que se espremer na diligência com pessoas que não estão familiarizadas com água e sabão.

— Imagino que esteja ansioso pela próxima grande aventura — disse Blake. — Qual é o melhor lugar que já visitou?

— Hmmm. — Percy estreitou os olhos, pensativo.

Blake esperava que a resposta fosse a Grécia ou o Egito ou algum outro lugar exótico que não existia em seu vocabulário antes de Percy e Henrietta chegarem à cidade.

— Isso provavelmente irá surpreendê-lo, mas acho que meu lugar favorito até agora foi Bullet.

Blake por pouco evitou desviar os cavalos da estrada, tamanho foi o choque diante da resposta. — Bullet? — repetiu, incapaz de confiar completamente em sua audição. — Mas já estive em tantos lugares!

— Não é bem assim — disse Percy modestamente. — Mas admito, isso também me surpreende. Simplesmente há algo sobre este lugar. Meio bruto e selvagem, mas caloroso e acolhedor ao mesmo tempo. Essa última parte, é claro, é toda devida à sua família.

— Entendo. — Se Blake estava confuso para conversar antes, estava duplamente perplexo agora.

— Muitas pessoas acham que estão perdendo muito por não serem tão viajadas — disse Percy. — Mas, no final das contas, tudo o que os humanos realmente precisam é de conforto e companheirismo. Sabe por que as pessoas estão emigrando da Europa para as colônias?

Blake balançou a cabeça.

— É porque a vida onde viviam não era confortável. Estão procurando criar uma vida melhor para si e suas famílias. Ou nem ao menos tinham família e não viam razão para ficar. Esperam encontrar aquela coisa especial que estava faltando, aqui no novo mundo.

— Como Storm e seu pai.

— Exatamente, como Storm e seu pai. Começar uma nova vida pode ser difícil. Mas também pode ser muito gratificante. É um dos sortudos, Blake. Tem tudo aqui. Não há necessidade de perambular por aí. Claro — continuou — algumas pessoas não desejam se estabelecer. Estão sempre em busca de

algo melhor do que o que têm. — Virou-se e olhou Blake diretamente nos olhos. — Vou te contar um segredinho. Raramente há algo melhor do que o que temos aqui e agora.

Blake digeriu as palavras de Percy. Finalmente, levantou uma questão que lhe afligia o coração.

— A Srta. Storm — disse —, acha que é uma dessas pessoas que está sempre em busca de algo novo? Digo, ela dirige aquela biblioteca por toda parte.

— Acho que não. Parece-me que pode estar procurando uma desculpa para se estabelecer, para variar. Um motivo para não partir. Era assim com Henrietta. Ela lutou contra isso, mas descobriu que seu coração estava onde quer que Braydon estivesse. Algo nele preenche aquele espaço vazio dentro dela.

Era assim que se sentia? Blake se perguntou. Storm de alguma forma nutria um vazio interior?

— É assustador — deixou escapar. — Preocupar-se tanto com outra pessoa.

— Acho que tudo se resume a uma palavra. Proteção — disse Percy.

— Proteção?

— Quem se preocupa mais em proteger? A si mesmo? Ou aqueles com quem se importa?

— Os outros, é claro — disse Blake sem hesitar.

— Exatamente. E uma vez que uma pessoa descobre isso, do jeito que fez, junto a seus irmãos, todo o resto parece se encaixar. Pelo menos, para os sortudos. — Deu a Blake outro olhar compreensivo. — Não perca a oportunidade de ser um dos sortudos, Blake.



Com o coração pesado, Storm enfiou o último de seus pertences nas gavetas na parte de trás da biblioteca móvel. Já havia ficado em Copper Moon por mais tempo do que deveria. Muito mais do que era aconselhável.

Olhou em volta, parte dela já sentindo falta do rancho e das pessoas que viviam aqui. Estranhos que haviam aberto a casa e o coração para ela.

— Ei, Storm.

Oh, céus. Blake.

A pessoa para quem seria mais difícil dizer adeus.

— Acabei de voltar, fui levar Percy para a estação de trem em Yuma. Está planejando se mudar para a casa de Amanda agora que ele se foi?

— Não posso — disse tristemente. — Tenho mesmo que ir. — Respirou fundo. Despedir-se era mais difícil do que imaginava. Mas nunca havia dito adeus antes, pelo menos não para ninguém com quem se importava.

— Mas... pensei... Não está ajudando Amanda a arrumar as coisas com a biblioteca no salão e tudo?

De repente, Storm se sentiu inexplicavelmente cansada. — Não tenho certeza se conseguirei fazer isso.

Seu belo rosto se enrugou em confusão. — Fiz algo errado?

— Claro que não!

É claro que Blake ia se culpar.

— Então por que não pensa em voltar?

— É complicado, Blake.

Ele a encarou sem piscar. — Disse que fez coisas ruins. Não me importo com o que fez no passado. Sei que pessoas boas às vezes têm que fazer coisas ruins. Isso não as torna más.

— Espero que continue pensando assim. Independentemente do que ouvir.

— Seus olhos ficaram marejados e piscou rapidamente para clarear a visão.

Blake apertou os lábios como se estivesse em conflito. — Ainda acho que foi algo que fiz. Ia esperar para lhe entregar isso como um agradecimento por me ajudar na leitura.

— Não fui de muita ajuda — disse.

— Claro que foi. Mostrou-me que tudo é possível. Que eu não sou o idiota que todos costumavam dizer que eu era. Apenas aprendo as coisas de um modo diferente, isso é tudo.

Ela cerrou os punhos. Implorou aos céus para que não chorasse. Pelo menos não na frente dele. — Nunca se esqueça disso. Acho que Laura poderá ajudá-lo em seu aprendizado. Mostrei a ela algumas das coisas que estávamos fazendo.

— Em breve, Laura estará ocupada demais com seu filho. — Blake tirou a mão de trás das costas. — Queria te dar isso.

— Tesouras? — disse confusa.

— Tesouras especiais. Permitem que use sua mão esquerda. — Ele demonstrou, cortando o ar entre eles, antes de enfiar os dedos da mão esquerda dela nos buracos. O metal da tesoura ainda retinha seu calor.

— Oh, céus — disse. — Isso é tão confortável.

— São menores, por causa de suas mãos pequenas — completou.

— São perfeitas. Como sabia?

— Quando estávamos tocando as letras de areia. Gravei a imagem da sua mão em cima da minha. Dessa forma, sabia como fazê-las do tamanho certo.

Storm engoliu o repentino nó em sua garganta. — Ninguém jamais, em toda a minha vida, fez algo tão gentil para mim.

Blake olhou-a e assentiu. — Engraçado. Sinto o mesmo com relação a tudo que me ensinou.

Mais uma vez, seus olhos ameaçaram se encher de lágrimas. Havia um peso doloroso em seu peito. Seus pulmões pareciam contraídos, como se não houvesse ar suficiente.

— Está tudo bem? — Observou-a com preocupação.

Balançou a cabeça para clarear seus pensamentos e visão. — Nunca estive melhor.

— Bom. Tenho algo que precisa ser dito. Fique aqui, Storm. Case-se comigo e seja minha esposa.

Tontamente, cambaleou na direção dele, com medo de desmaiar.

Blake a segurou nos braços. Com firmeza. Como queria ficar e se sentir segura para sempre.

— Não posso. — Suas palavras saíram no mais puro dos sussurros. — Já sou casada.

CAPÍTULO 5



Blake olhou para a mulher em seus braços, mal conseguindo registrar as palavras que acabara de ouvir. — Devo ter ouvido mal. Entendi que disse que já era casada.

— É verdade — respondeu tristemente. — Depois que papai morreu, vi um anúncio no jornal. Um fazendeiro no Oeste estava procurando uma noiva. Respondi e ele me mandou o dinheiro para o trem.

— Casou-se com alguém que nunca conheceu. — Blake ainda a segurava, mas parecia diferente. Como se segurasse uma estranha.

— Queria uma vida melhor do que a que eu tinha em Nova York — disse. — Acontece que o homem era perverso. Não estava lá há muito tempo quando ele veio até mim um dia no celeiro. Disse que fiz um péssimo trabalho ao limpar as baías e que precisava me ensinar uma lição. Tinha um chicote na mão e um olhar maluco.

Blake ficou atordado. Havia sofrido bullying durante toda a sua juventude, mas achava inconcebível um homem tratar uma mulher bonita como Storm dessa maneira — uma mulher com quem teve a sorte de se casar... Uma mulher que merecia sua proteção, não seu abuso...

Blake esfregou suas costas ao sentir a Storm que conhecia voltando lentamente. Guardou seus sentimentos para si mesmo. A raiva e a fúria. O desejo de ensinar uma lição ao agressor sobre implicar com alguém incapaz de se defender.

— Ele teve uma esposa antes de mim. Ela se enforcou nas vigas do celeiro para livrar-se dele. Por causa disso, estava sempre me vigiando. Eu não passava de uma prisioneira.

Blake soltou um assobio baixo entre os dentes, sentindo o terror que Storm deve ter sofrido nas mãos do homem com quem foi casada.

— Quando ele veio para cima de mim com o chicote, soube que não iria me matar, mas que iria me machucar muito. Ao ponto de eu nunca mais ser capaz de fugir. — Ela deu um suspiro trêmulo. — Havia um forçado que eu costumava usar no estábulo. Eu o agarrei quando ele veio em minha direção. Ele o derrubou da minha mão, então tropeçou e caiu sobre ele. Ele não estava morto, mas havia sangue. Tanto sangue. Sabia que teria problemas com a lei, então simplesmente peguei o que pude e corri. Corri o mais rápido que pude para sair da cidade e ir para longe.

Ela fez uma pausa e passou uma mão trêmula pelo cabelo. Blake duvidava que ela percebesse que ainda estava em seus braços. — Não sei quanto tempo passei fugindo. Corria à noite e me escondia durante o dia.

— Mas consegui. Escapou. — Sua voz deixava transparecer o orgulho por

tamanha força e determinação.

— Um dia estava muito cansada e com fome para correr mais. Foi quando a biblioteca móvel apareceu. Srta. Millie era o nome da dona. Disse que eu poderia ajudá-la. Nunca me disse que estava morrendo. — Sua voz tinha um tom distante, como se estivesse perdida em suas memórias. — Não havia ninguém no enterro dela além de mim. Uma coisa triste, realmente. Millie ajudou tantas pessoas com seus livros. Continuei com a carroça. Ninguém em nenhuma das cidades que visitei perguntou por ela. — Storm deu de ombros. — Talvez estivessem acostumados com as pessoas morrendo.

Blake pensou na noite em que conheceu Brody. Quando tudo o que queria era morrer. Ninguém teria lamentado sua morte ou sentido sua falta.

Apertou os braços em torno de Storm. — Acho que o importante é que ela morreu fazendo o que queria fazer.

— É verdade. De qualquer forma, é por isso que tenho que ir. E é por isso que não podemos nos casar.

Blake teve uma ideia. — Onde aconteceu tudo isso?

— Nos arredores de Colorado Springs. Por quê?

— Por nada. — Blake a soltou abruptamente. — Apenas pensei em algo que preciso fazer.



Assim que Blake saiu, Storm se despediu de Laura e Amanda, soando vaga sobre quando voltaria por aqui novamente. — Digam adeus aos irmãos por mim. E deem lembranças minhas a Henrietta e Braydon quando voltarem da Argentina.

Viu o olhar que Amanda e Laura trocaram.

— Podemos nos despedir dos outros em seu nome — disse Laura. — Mas e Blake?

— Já dissemos adeus. — E assim, ele desapareceu. Não pareceu que sentiria sua falta como sentiria a dele.

— Apenas adeus? — Laura perguntou de tal forma que Storm suspeitou que ela sabia sobre o pedido de casamento.

— Isso mesmo — disse Storm. — Disse a ele que o ajudaria com o aprendizado das letras.

— E quanto ao salão de música? — perguntou Amanda. — O primeiro material de construção já foi entregue. Depois que a equipe começar, não deve demorar muito. Prometeu que me ajudaria a montar a biblioteca.

— Não prometi — Storm a lembrou. — Disse que ajudaria se estivesse aqui. Já tem todas as ideias prontas. Vai se sair bem. Se eu passar por aqui, trarei alguns livros para sua biblioteca — acrescentou Storm, ciente de que não era o que sua amiga esperava ouvir, afastando a sensação de que estava decepcionando outras pessoas. Precisava pensar em si mesma. — Realmente tenho que ir.

Depois de mais alguns abraços chorosos e vagas promessas de voltar um dia, atrelou os cavalos e lentamente se dirigiu para a cidade. O passo dos

cavalos acelerou quando passaram pela casa de Hawkes. Como se sentissem algo ruim no ar. Algo maligno.

Após a revelação de Storm, Blake cavalgou a toda velocidade até Yuma, onde correu para a estação de trem e comprou uma passagem. Mal conseguiu embarcar quando o trem começou a sair da estação. Encontrou Percy no segundo vagão.

— Blake? — Percy largou a leitura quando Blake se sentou à sua frente, encarando-o como se não pudesse acreditar no que estava vendo.

— Tenho um problema — disse Blake. — E preciso da sua ajuda.

Antes de deixar Bullet para sempre, Storm não resistiu a uma última olhada no local onde o salão logo seria construído. Como Amanda havia dito, a madeira e outros materiais de construção foram entregues, empilhados em um lado do terreno. Parou a carroça do outro lado da rua e tentou visualizar a estrutura finalizada. Dois andares de altura, conforme estabelecido nos desenhos. Imaginou o lugar iluminado, com pessoas indo e vindo, todos aproveitando ao máximo a novidade da cidade.

Só então, no final da rua, viu três homens de aparência rude atravessarem a via furtivamente, olhando por cima dos ombros ao se dirigirem para o canteiro de obras. Encolheu-se, esperando que não a vissem sentada na carroça. Minutos depois, a brisa leve trouxe em sua direção o cheiro inconfundível de querosene, seguido pelo crepitar do fogo e cheiro de fumaça. Segundos depois, viu chamas espalhando-se sobre pilha de madeira.

Storm virou a carroça e correu de volta para Cooper Moon o mais rápido que pôde. Amanda apareceu na porta da casa do rancho.

— Esqueceu algo?

Na pressa de pronunciar as palavras, Storm se enrolou. — Algo terrível. Há um incêndio na cidade. Toda a sua madeira e materiais estão em chamas.

Laura juntou-se a elas com um rifle na mão. Assim que Storm parou de falar, Laura levantou a arma e disparou um tiro para o ar, e em seguida outro.

— Os homens saberão que há uma emergência, mas nenhum perigo para nós.

Depois disso, as coisas aconteceram em um borrão. Os homens chegaram de vários cantos do rancho, e Brody os organizou em uma equipe para ir até a cidade. — Vai precisar dos baldes — disse Laura.

— Provavelmente é tarde demais para isso — disse Bradley, com um olhar triste dirigido à esposa.

— Leve-os, por precaução — disse Laura.

Amanda subiu na carroça com Storm. — Vamos segui-los.

Storm percebeu que Brody estava ansioso para se juntar aos outros, mas relutante em deixar sua esposa grávida para trás. — Quer vir conosco, Laura? — ela perguntou.

— Tente me impedir — disse Laura enquanto levantava a saia e subia na frente da carroça. — Estou grávida, não morrendo de uma doença contagiosa.

— Lançou a Amanda um olhar revelador. — Não é mesmo, minha amiga?

Quando chegaram à cidade, uma brigada de moradores estava ocupada despejando baldes de água nos poucos pontos que ainda fumegavam. Um círculo de curiosos se aglomerava. Os Mason assumiram a brigada enquanto Bradley parou para agradecer a todos que ajudaram. Storm e as damas ficaram de lado.

— Está mais quente que o inferno lá fora — disse um dos moradores. — Mas nunca vi o sol incendiar uma pilha de madeira.

— Não sem alguma ajuda — um dos outros acrescentou.

— Ainda bem que não se espalhou — disse um terceiro. — Sorte que os materiais estavam do outro lado da cerca.

Storm notou que ninguém mencionou o cheiro de querosene. Devia ter desaparecido.

— Alguém viu alguma coisa? — Brody perguntou.

Storm permaneceu em silêncio. Era a única pessoa por perto quando o incêndio começou, além dos próprios incendiários.

Apenas quando o fogo foi totalmente apagado, os irmãos Mason colocaram seus baldes no chão. A multidão de espectadores havia diminuído para um pequeno punhado.

Storm se aproximou o suficiente para ouvir Benjamin conversando com Brody. — Existe alguma maneira de Hawkes ter descoberto que Bradley e Amanda compraram esta terra?

— Tiveram o cuidado de registrá-la no nome de uma empresa — disse Brody. — Mas alguém pode ter procurado o advogado.

Os gêmeos chegaram do local do incêndio, suados e cheios de fuligem. — Parece um dano razoável — disse Barron.

— Mas algumas coisas podem ser recuperadas com certeza.

Bradley juntou-se aos homens. — Tivemos sorte de estar em plena luz do dia. Os moradores agiram rápido para conter o incêndio. Seria uma história diferente se isso fosse à noite. Quando alguém se desse conta, já seria tarde demais.

Amanda juntou-se aos homens e enganchou o braço no de Bradley. — Preciso lembrá-lo de quem não queria que eu contratasse um seguro para o projeto?

Bradley fez uma careta. — Sim, querida. Isso foi realmente visionário de sua parte.

— Também estava pensando no meu investidor — disse Amanda.

Storm relembrou uma conversa sobre um investidor misterioso que Amanda e Laura chamavam de “anjo investidor”. Perguntou-se quem era a pessoa misteriosa e ficou aliviada ao saber que, embora tivesse havido uma perda significativa, não foi o suficiente para inviabilizar o projeto de sua amiga.

Como ainda tinha Laura e Amanda com ela, Storm não teve escolha a não ser virar a carroça de volta na direção de Copper Moon.

— Blake ficou para vigiar o rancho? — perguntou. Percebeu a ausência dele de imediato, mas não quis dizer nada.

— Blake? Não — disse Amanda. — Saiu daqui mais cedo como um louco. Disse que tinha coisas para resolver. — Lançou um olhar de soslaio para Storm. — Pensei que pudesse saber para onde foi.

Blake se inclinou para a frente em seu assento em frente a Percy, com as pernas afastadas, os antebraços apoiados nos joelhos. Nunca tinha estado em um trem antes. Também nunca pediu ajuda a ninguém antes. A necessidade de sobreviver sozinho desde cedo lhe ensinou que era melhor assim. Isso seria tomado como um sinal de fraqueza e usado contra ele.

Mesmo no rancho, não se sentia parte da camaradagem compartilhada pelos outros. Não se importava em trabalhar duro, não importava em quê, cultivando, criando ou conduzindo o gado. Mas preferia ficar sozinho no celeiro, trabalhando em projetos destinados a tornar a vida de todos mais fácil. Não possuía a força silenciosa de Brody, o jeito sociável de Braydon, o dom de Bradley com os animais, os reflexos rápidos e astutos dos gêmeos, ou a habilidade de Benjamin com armas.

Também manteve distância de Percy durante o tempo do homem em Bullet, mais do que um pouco intimidado por sua trajetória na universidade. Tinha ouvido Henrietta falar sobre Oxford. A faculdade permitia que as mulheres assistissem às aulas, mas não que fizessem os exames, já que não podiam obter diplomas como os homens. Henrietta esperava ver tudo isso mudar. Essa conversa era demais para Blake entender, então nem se deu ao trabalho.

Percy não o questionou sobre porque estava lá, mas deu-lhe tempo para organizar seus pensamentos.

— Espero não ter dito algo antes, no caminho até aqui, que tenha criado esta situação.

— Tudo o que disse estava certo — disse Blake. — Era o que eu precisava ouvir.

— Não necessariamente — disse Percy. — Deve-se sempre tomar as palavras dos outros com reservas.

— Como? — Blake indagou.

— Deixe para lá — disse Percy. — Diga-me, por favor, o que motivou essa ação que considero bastante incomum de sua parte?

— Disse que está indo para o Colorado.

— Isso mesmo. Ouvi dizer que Colorado Springs é um pouco como a velha Inglaterra, com maravilhosas fontes termais. Para onde está indo?

— Para o mesmo lugar — disse Blake. — Preciso verificar um fazendeiro que mora perto de lá. Um sujeito que teve um acidente com um forçado. Preciso descobrir se está vivo ou morto. Se pegaram a pessoa que fez isso. — Olhou para Percy. — Não tenho certeza do nome dele, no entanto. É aí que entra. Esperava que pudesse pedir para ver alguns jornais antigos ou algo do tipo quando chegarmos lá. Aconteceu há mais ou menos um ano.

Percy limpou a garganta. — Suponho que não se trata apenas de curiosidade sobre a história.

— Está correto.

— E que devo ser discreto com qualquer pergunta?

— Acho que se saíra muito bem. Com toda a sua experiência de caça ao tesouro e escolaridade e tudo mais. Posso pagar pelo serviço. Mas não muito.

— Não é necessário. — Percy pegou seu jornal. — Fico feliz em ajudar um amigo.

Blake recostou-se, observando Percy retomar sua leitura. O outro homem acabara de se referir a Blake como um amigo?

Nunca se considerou como um amigo dos homens que chamava de irmãos, embora fosse capaz de levar um tiro, de bom grado, por qualquer um deles. A vida deles era muito mais valiosa do que a sua.

Talvez fosse por isso que Storm não gostava dele o suficiente para ficar por perto. Se ele não achava que era importante, por que qualquer outra pessoa pensaria diferente?

Recostou-se na cadeira e olhou pela janela, percebendo como a paisagem começava a mudar. Gradualmente, as planícies desérticas de Yuma deram lugar a terrenos mais montanhosos enquanto o trem seguia em direção a um cenário de montanhas diferente de tudo que Blake já vira.

Quando o trem parou na estação, Blake ficou feliz por ter Percy como companheiro de viagem. Fez-se útil recolhendo o baú de Percy, que por sua vez buscava um carregador. Percy caminhou pela estação de trem como se fizesse isso todos os dias, o carregador em seus calcanhares e Blake na retaguarda, tentando não olhar para a multidão de viajantes.

Onde todos estavam indo? Não só estavam todos vestidos de forma diferente, alguns deles falavam de forma diferente também, línguas desconhecidas para os ouvidos de Blake.

— As pessoas vêm aqui de todas as partes pelo clima e pelos benefícios das águas termais — disse Percy, enquanto entregava ao carregador algumas notas de papel assim que seu baú foi colocado em uma carroça de aluguel à sua espera. A carroça ainda tinha seu próprio condutor.

— Bom dia, senhores — disse o condutor. — Para onde vamos neste belo dia?

Ouvindo Percy dar ao condutor o nome de um hotel, Blake conteve sua impaciência para descobrir logo o que queria e voltar para Bullet, onde as coisas eram mais familiares.

Sua impaciência deve ter transparecido de alguma forma, pois Percy lançou-lhe um olhar divertido. — Vou deixar minhas coisas no hotel, e de lá podemos ir para a redação do jornal.

Blake engoliu em seco e assentiu, sentindo-se como um peixe fora d'água. Estava fazendo isso por Storm, lembrou a si mesmo. Para provar que era digno.

Percy deve ter lido seus pensamentos. — É muito diferente de Bullet.

— E como. — Blake concordou, tentando não afundar no assento em uma tentativa de desaparecer. Seus pensamentos voltaram para Storm. Como pôde ter ido a tantos lugares?

Em sua curta vida, Storm já havia viajado da Irlanda para Nova York, e depois para a cidade onde estava agora. Talvez nem ao menos gostasse de Bullet. Ou tinha qualquer vontade de ficar lá.

— Ficou surpreso quando Henrietta se casou com Braydon? — perguntou. Henrietta também havia viajado bastante, mais ainda do que Storm, e tinha trocado seu desejo de viajar pela vida de casada em Bullet. Talvez um dia Storm estivesse disposta a fazer o mesmo.

— Nada realmente me surpreende mais — disse Percy.

— Isso é por causa de tudo que já viu?

Percy riu. — Não, é por causa das pessoas. Ninguém, e quero dizer ninguém, é previsível. Quando pensa que conhece alguém, que é assim que são e sempre serão, a pessoa o surpreende. Fazendo exatamente o oposto do que se espera. — Seu olhar encontrou o de Blake com uma intensidade que Blake achou inquietante.

— Veja o seu caso, por exemplo. É um rapaz de uma cidade pequena. Provavelmente nunca esteve em um trem ou em qualquer lugar além de Yuma antes de hoje. Estou certo?

Blake assentiu.

— Tudo isso me diz que tem uma motivação bastante poderosa por trás de suas ações. — Percy juntou os dedos. — Sabendo o que sei sobre a natureza humana, geralmente há uma mulher envolvida de alguma forma, para que um homem se comporte de maneira impulsiva e incomum.

Blake se perguntou se seu rosto entregava tudo. Brody e os outros já haviam brincado antes sobre sua falta de habilidade para mentir.

Chegaram ao hotel de Percy, que era maior e mais sofisticado do que qualquer coisa que Blake já tinha visto. Assim que terminou de olhar ao seu redor, admirou a tranquilidade com que Percy preencheu o registro de hóspedes. Em pouco tempo, Percy providenciou para que suas malas fossem entregues no quarto e descobriu a localização da redação do jornal.

— Posso ver que está ansioso, então vamos para lá agora, antes de pararmos para comer alguma coisa — disse Percy. — De alguma forma, sinto que quanto mais cedo descobrir por que veio aqui e voltar para casa no trem, mais feliz ficará.

— Sabe disso só de olhar para mim ou é um palpite? — Blake perguntou.

— Para estudar a História, é preciso também ser um observador da natureza humana — disse Percy.

Blake se perguntou se Percy o havia estudado o tempo todo em Bullet. Imaginou que provavelmente sim.

A redação do jornal ficava a apenas alguns quarteirões do hotel. Percy engrossou seu sotaque britânico e mostrou alguns papéis que fizeram várias pessoas percorrerem o escritório apressadas, tropeçando em si mesmas na

ânsia de ajudar.

Em pouco tempo, Percy soube não apenas o nome do fazendeiro, mas também o fato de que os ferimentos do homem, embora graves, não foram fatais.

Ufa. Então, pelo menos, Storm não era procurada por assassinato.

As autoridades não conseguiram localizar a esposa do homem, que ele alegou ser a responsável pelos ferimentos. O próprio editor falou com eles, acrescentando que as pessoas por aqui achavam que o bastardo provavelmente mereceu, citando o suicídio da primeira esposa.

Percy agiu como se nenhuma dessas informações fosse uma surpresa, balançando a cabeça e fazendo comentários aqui e ali, antes de agradecer ao final da visita.

— Era uma boa garotinha, a que ele conheceu por correspondência — disse um dos jornalistas. — Boa demais para gente daquela laia — acrescentou. — Tiro o chapéu para ela por deixá-lo. Não sou o único na cidade que achou uma pena que o homem não tenha sangrado até a morte.

— Parece que não é muito querido seu fazendeiro misterioso — disse Percy em sua próxima parada, um elegante bar no saguão do hotel.

Blake olhou ao redor do lugar, desconfortavelmente ciente de que estava malvestido. Era uma pena que não estava com o traje de casamento e enterro.

Percy avançou como se fosse o dono do lugar. — Venha comigo. Vamos nos sentar no bar. *Bartenders* tendem a saber tudo o que acontece.

Percy pediu uma bebida sofisticada, algo que chamou de Manhattan. — Recebe o nome do clube de Manhattan em Nova York, onde esse coquetel foi criado — disse Percy a Blake. Blake pediu uma cerveja, o tempo todo se perguntando como Percy não apenas sabia de todas essas coisas, mas também se lembrava delas.

Tomou um gole de sua cerveja, que tinha um gosto diferente da cerveja que conhecia em casa.

— São feitas com lúpulos diferentes — disse Percy quando Blake mencionou o fato, tentando agir como se fosse sofisticado e conhecedor do mundo, pelo menos até certo ponto. Tentou imaginar Storm neste ambiente, mas não conseguiu.

Ela parecia uma pessoa mais simples, como ele, não uma dessas pessoas chiques da cidade. Não que Percy fosse assim também. Não realmente. Ele tinha os pés no chão, como um homem comum. Era apenas alguém que conseguia se encaixar, não importa onde estivesse. Blake admirava isso.

Agora mesmo, Percy havia conversado com o barman, em voz baixa para não ser ouvido pelos outros clientes. Algumas perguntas precisas, uma troca de informações e mais papel-moeda, e Percy terminou sua bebida. Olhou para Blake. — Está pronto?

Blake se levantou do banco. Do lado de fora, ouviu um apito sinalizando um trem que se aproximava da estação.

— Vamos. Vamos colocá-lo de volta no trem antes que tenha um ataque

cardíaco com toda essa comoção — disse Percy. Pegou o braço de Blake e conduziu-o através da multidão na estação, garantiu-lhe uma passagem e guiou-o até a plataforma.

— Diga a Storm que está tudo bem. Aquele homem com quem infelizmente se casou foi recentemente pisoteado até a morte por um cavalo selvagem que estava tentando domar. Um final adequado, de fato.

— O quê? — O queixo de Blake caiu.

Percy deu tapinhas nas costas dele. — Não é difícil perceber, Blake. Um cego poderia ver como se olham desde que Storm chegou à cidade. Estou feliz que não tivemos de duelar com o marido desagradável dela. Storm é uma viúva e pode se casar novamente. Caso queira, é claro — Percy acrescentou. — O resto está em suas mãos.

Quando o trem começou a se mover, ele empurrou Blake em direção aos degraus. — Agora vá. Estou ansioso pelas fontes termais.

Blake saltou, pendurando-se na barra ao lado dos degraus. — Não sei como poderei agradecer — disse enquanto o trem começava a ganhar velocidade.

— Seja feliz — disse Percy, alto o suficiente para ser ouvido sobre o som do motor a vapor. — Isso é mais do que suficiente.

CAPÍTULO 6



Hawkes andava pelo escritório de advocacia de Saunders, a agitação ameaçando consumi-lo. Pegou um peso de papel e achou agradável segurá-lo em sua mão. Pena que não tinha um crânio para esmagar.

Girou quando a porta atrás de si se abriu, então relaxou quando Saunders entrou.

— Já lhe disse antes, precisa marcar uma hora — disse Saunders, ao contornar sua mesa e se sentar atrás dela. Seu olhar notando imediatamente o peso de papel na mão de Hawkes.

Hawkes manteve o olhar fixo no advogado enquanto recolocava lentamente o peso na mesa. — Como também já disse, não me incomodo com tais formalidades. Não com o nosso histórico.

— Imagino que esteja aqui por causa do terreno.

— Correto. Já descobriu quem é o dono? — Hawkes colocou as palmas das mãos sobre a mesa e se aproximou, satisfeito em ver um tique nervoso no olho esquerdo de Saunders.

— Não é tão fácil — disse Saunders.

— Deveria ser, se fosse um bom advogado.

— Quem quer que seja o dono da terra, não a quer registrada. É por isso que está no nome de uma empresa.

— Descubra quem está por trás da empresa.

— A venda foi acertada por meio de uma empresa em Tucson. Não consigo obter nenhuma informação deles sem atrair atenção indesejada.

Hawkes olhou para o peso de papel, tentadoramente perto de seu punho. Faria um estrondo satisfatório ao voar pela janela do escritório elegante. Talvez até atingisse alguém que passava.

Antes de pensar muito mais sobre isso, Saunders deslizou suavemente o peso para o seu lado da mesa. Como se isso pudesse detê-lo.

— Senti cheiro de fumaça mais cedo — disse Saunders. — Disseram que um incêndio lamentável atingiu os materiais de construção que foram entregues no terreno.

— As pessoas devem ter mais cuidado com os inflamáveis que deixam por aí — retrucou Hawkes.

— Um incêndio como esse pode causar um pequeno atraso — disse Saunders. — Mas duvido que tenha um impacto duradouro no projeto.

Hawkes deu de ombros. — Várias coisas podem dar errado em uma obra. Os construtores podem chegar a pensar que o lugar é amaldiçoado ou algo assim.

Saunders se levantou de repente. — Um pequeno conselho gratuito, meu

amigo. Sugiro que se concentre em manter seus parceiros de negócios felizes. Não se deixe desviar por situações como esta, que não são importantes no quadro geral.

— Jamais me distraio — disse Hawkes. — E nada que faço é sem importância. Faria bem em lembrar-se disso.



Storm devolveu suas passageiras a Copper Moon, parando a carroça perto da casa do rancho que começava a parecer confortavelmente familiar. As três mulheres apenas permaneceram sentadas. Ninguém se moveu ou disse uma palavra, como se ainda estivessem em estado de choque com o que havia acontecido.

Amanda falou primeiro. — Obrigada por voltar por nós.

— Não há necessidade de me agradecer — disse Storm.

— Sei que isso atrasou seus planos.

Planos.

Realmente tinha planos?

Hoje cedo parecia de extrema importância que deixasse o rancho, a cidade, Blake.

Dado o que acabara de testemunhar, e a maneira como a tragédia não separou as pessoas, mas as aproximou, sua tentativa de partir parecia infantil e egoísta. Ou será que fugir era tudo que sabia fazer? Hábitos arraigados de uma vida.

Um tempo depois da morte da mãe na Irlanda, ela e seu pai partiram para o novo mundo. Após a morte do pai, seguiu o mesmo padrão. Indo em busca de pastos mais verdes no Colorado. E quando essa vida não funcionou do jeito que esperava, pegou a estrada novamente, encontrando ao longo do caminho um meio de garantir que nunca tivesse que se fixar. A biblioteca móvel deu a ela a desculpa para estar sempre em movimento.

— Gostaria de ter feito mais — disse. — Poderia tê-los detido de alguma forma. Antes que o fogo começasse.

Amanda apertou a mão dela. — Fez tanto quanto qualquer um poderia ter feito. Mais, na verdade. Amanda a observou de perto, e Storm sabia que seu rosto devia ser uma mistura de emoções e indecisão. — Alguma ideia de para onde Blake foi?

— Não faço ideia — disse Storm. — Ele já fez isso antes?

— Sair sem dizer uma palavra? Não que eu saiba. Laura?

— Não desde que o conheço. Isso vai contra toda sua personalidade.

— Espero que esteja bem — assumiu Storm.

Mais uma vez, Amanda a olhou daquele jeito visionário. — Talvez devesse ficar por aqui e ter certeza. Minha oferta da casa na cidade ainda está de pé. Percy se foi. Não gosto de que fique vazia. Estaria me fazendo um grande favor — acrescentou Amanda.

Storm sentiu sua resistência desmoronar lentamente. Suas mãos vacilaram nas rédeas que ainda segurava com força. Poderia ir embora, sem saber ao

certo se nada havia acontecido com Blake? Soltou um suspiro, sentindo como se a decisão já tivesse sido tomada, mesmo que ainda não soubesse disso conscientemente. — Bom, se é assim...

— Bom. Então está resolvido.

Enquanto conversavam, Brody chegou e ergueu sua esposa do assento da carroça como se ela fosse uma preciosa pluma.

— O que ficou resolvido? — perguntou.

Storm viu a maneira como Brody descansou o braço nos ombros de Laura, como se estivesse se assegurando de que ela estava bem. Como se dissesse que sempre estaria lá para protegê-la.

Sentiu uma pequena pontada. O que não daria para se sentir querida assim.

Observou com certa inveja enquanto Laura entrelaçava os dedos com os do marido.

— Storm ficará por um tempo. Não é uma ótima notícia?

— Os rapazes e eu devemos começar a construir um novo chalé? — Brody brincou.

Storm corou e mordeu o lábio inferior com força. Não estava acostumada com as provocações casuais que pareciam comuns por aqui. — Vou ficar na cidade. Na casa da Amanda — acrescentou.

Brody assentiu. — Já está na hora de alguém se mudar para cá e abrir um hotel decente. Se recebermos muito mais visitantes, nem todos caberão na casa de Amanda.

Storm presenciou o olhar sutil trocado entre Amanda e Laura. Talvez o salão não fosse o único novo projeto em andamento. Perguntou-se novamente sobre a identidade do misterioso “anjo investidor”. Mais cedo ou mais tarde, o investidor acabaria entrando em conflito com Hawkes. Brody e os outros já suspeitavam que Hawkes estava por trás do recente incêndio.

Blake passou a viagem de trem de volta para Yuma refletindo e fazendo planos. No passado, teria guardado tudo para si mesmo. Mas agora, não se importava com a ideia de pedir ajuda. Na verdade, estava ansioso por isso. Como Percy havia dito, isso é o que os amigos faziam.

Não sabia para que direção Storm havia se dirigido, mas estava confiante de que seu rastro não seria muito difícil de seguir. As pessoas nas cidades vizinhas certamente aguardavam a chegada dos livros. Uma vez que tivesse uma pista, deveria ser fácil descobrir para que lado estava indo.

Reivindicou seu cavalo no estábulo onde o havia deixado, sem saber ao certo quanto tempo tinha se passado. Montou e começou a descer a via principal da estação de trem, que eventualmente terminava na saída da cidade, tornando-se não muito mais do que uma estrada estreita e empoeirada em direção a Bullet. Até então, achava Yuma grande e intimidante, e se esforçava para evitar o lugar, mas em comparação com a agitação de Colorado Springs, a cidade era apenas mais uma parada de trem empoeirada no Arizona. A maioria das pessoas que estavam no trem nem mesmo desceram aqui, mas

permaneceram a bordo para destinos mais distantes.

Balançou a cabeça com pesar. Se alguém tivesse dito, poucos dias atrás, que ele pegaria o trem sozinho até Colorado Springs e voltaria, teria dito que era loucura. Mas quando se tratava de Storm, parecia não haver nada que não pudesse fazer.

Cavalgou até Bullet, quase sentindo como se a cidade lhe desse boas-vindas. Havia ficado fora por um dia, mas de repente viu seu lar com novos olhos. O parque arrumado. As calçadas limpas. As pessoas que viviam aqui e se orgulhavam disso. O que só tornava a ameaça sombria de Hawkes ainda mais hedionda.

Sentiu um cheiro de fumaça e madeira queimada, e se perguntou quem estaria queimando lixo tão tarde naquele dia.



Assim que Storm chegou à casa de Amanda na cidade, cuidou dos cavalos e trancou a carroça de livros dentro do celeiro, antes de arrastar seus poucos e escassos pertences para dentro.

A casa estava repleta de itens coletados ao longo da vida, primeiro pela mãe de Amanda, depois pela própria Amanda. Passou pela área mais escura, observou um tapete no chão e o piano de Amanda encostado em uma parede.

Storm sabia que sua amiga havia levado seu piano e seus pertences mais queridos para o chalé onde morava com seu novo marido. Admirou em primeira mão o chalé aconchegante que Amanda criou com algumas de suas coisas favoritas, sem deixar a casa na cidade despojada.

Vagou de quarto em quarto, tocando uma lamparina aqui, um vaso ali e acariciando a colcha artesanal que adornava a cama. A vasta coleção de livros, Storm sabia, estava destinada a ser parte da nova biblioteca na cidade.

Nunca teve quaisquer bens aos quais se apegar. Ou pessoas, aliás. Era difícil imaginar – olhar para algo e saber que tinha sido herdado de sua mãe e da mãe dela antes. Storm deixou a Irlanda com pouco mais do que as roupas do corpo. Sua jornada de Nova York se deu da mesma forma. E novamente a mesma coisa quando fugiu de Colorado. Exceto por uma coisa. De alguma forma, em todas as suas mudanças, havia se agarrado à bíblia da família. Era a única coisa que tinha do velho país.

Quando começou a desempacotar seus poucos pertences, o primeiro item que tirou foi o conjunto de tesouras com que Blake a presenteou, personalizado para sua mão esquerda. Pegou uma delas. Como da primeira vez, parecia perfeita, como se a tivesse segurado por toda a sua vida.

Suspirou. Vinte e dois anos de idade, e seus bens mais preciosos eram uma bíblia velha e uma tesoura.



O rancho estava agitado quando Blake chegou, o que era incomum para esta hora do dia. Depois do pôr do sol, as coisas geralmente se acalmavam, mas todos ainda estavam reunidos na casa principal quando chegou. Ninguém sequer perguntou onde estivera, outra coisa incomum.

Seu primeiro temor foi que Hawkes tivesse aprontado outra vez. E que algo ruim havia acontecido. Deu uma rápida olhada ao redor, seguida de um suspiro de alívio ao ver todos presentes. Pelo menos Hawkes não levou ninguém, como fazia no passado.

— O que se passa? — perguntou a ninguém em particular.

— Nada de bom — disse Brody. — Houve um incêndio mais cedo.

— Onde? Aqui?

— Na cidade. Alguém tentou incendiar os materiais de construção naquele terreno baldio.

Então foi esse o cheiro que sentiu.

— O terreno onde a carroça de Storm foi vandalizada?

Brody assentiu.

— Parece bem claro então — disse Blake, ciente de que todos o olhavam. Diferente de antes, isso não o incomodava. Tinha algo a contribuir.

— O que está claro? — Brody perguntou, esperando.

— Alguém está de olho no terreno — e não quer mais ninguém perto dele, muito menos planejando construir algo.

Brody deu-lhe um lento olhar de aprovação que aqueceu o coração de Blake. — Boa observação. Estava muito perto de juntar tudo, mas acho que pode estar certo.

— Quem queria o terreno está claramente chateado porque a oportunidade se foi.

— E todos sabemos quem está decidido a comprar tudo na cidade — disse Bradley.

— Certo — disse Brody. — Torna muito mais fácil planejar uma defesa quando sabemos contra quem estamos lutando. — Fitou Blake. — Pode cuidar disso?

— Creio que sim. Mas antes preciso de uma ajuda.

— Ajuda com o quê? — disse Brody.

— Para rastrear Storm e descobrir para onde está indo.

Quando a sala explodiu em gargalhadas como se tivesse dito algo ridiculamente engraçado, Blake sentiu todas as suas antigas inseguranças ressurgirem. Não queria ser ridicularizado. Lembrou-se da humilhação. Dos apelidos. Dos chutes e socos.

Deu um soco na mesa. O que chamou a atenção de todos. — Não foi uma piada. Estou falando sério. Tenho notícias que ela precisa ouvir.

— Praticamente esbarrou nela ao chegar aqui — explicou Bradley. — Storm está na cidade, ficará hospedada na casa de Amanda agora que Percy se foi.

— Sério? — Seu olhar procurou o de Laura, que era sempre tão gentil. A cunhada era incapaz de mentir ou de rir dele.

Laura deu um tapinha na mão de Blake... daquele jeito suave e doce. — Parece que Storm decidiu ficar mais um pouco.

— Mas... — Pensou que era dele que Storm estava desesperada para fugir.

— Da última vez que a vi, estava saindo da cidade. Para nunca mais voltar. O que aconteceu?

— Difícil dizer. Ela estava por perto quando o fogo começou. Deu meia-volta e veio direto aqui para nos avisar. De repente, não parecia com tanta pressa para ir embora.

Blake engoliu em seco, queria correr até lá. No entanto, não podia bater na porta de Storm tão tarde; poderia assustá-la. Já a havia assustado uma vez, afugentando-a da cidade, precisava ir mais devagar agora.

— Alguém encontrou aquele repórter agora que Percy e Henrietta foram embora? — Brody perguntou. — Ele ainda está andando pela cidade?

— Não tenho certeza — disse Blake. — Alguém o viu por aí desde aquela noite em que esteve aqui? — Blake viu apenas alguns movimentos de cabeça superficiais. — O que tem em mente? — perguntou a Brody.

— Apenas pensando em voz alta — disse Brody. — O homem disse que aquela velha gangue de bandidos escondeu seu último saque em algum lugar próximo. Talvez possa falar com o repórter, Amanda. Compartilhar pelo menos um pouco do que sua mãe lhe disse. Se o repórter escrevesse sobre isso, poderia ajudar a espantar qualquer um dos antigos membros da gangue que ainda estivesse vivo. Se pudéssemos conectá-los a Hawkes de alguma forma... — Deu de ombros. — Como disse, apenas pensando em voz alta. Talvez isso mantenha Hawkes ocupado até que o novo salão seja construído.

— Acha que foi ele então? — disse Blake.

— É lógico — disse Bradley. — O velho não sabe que somos os donos, mas ainda está fazendo o possível para impedir que seja construído.

Pessoalmente, Blake duvidava que qualquer coisa mantivesse Hawkes ocupado demais para espalhar seu mal em torno de Bullet, mas manteve suas dúvidas para si mesmo.



Hawkes se irritou ao se sentar na sala externa do escritório de Fizzler. Como um cliente importante, deveria ter sido conduzido ao escritório imediatamente, e não ficar esperando como uma espécie de delinquente. Finalmente, ouviu um movimento do outro lado da porta, antes de a fechadura fazer um clique, a maçaneta girar e a porta interna se abrir. Hawkes se perguntou cinicamente se Fizzler realmente achava que uma porta trancada era capaz de impedi-lo.

— Desculpe fazê-lo esperar, Sr. Hawkes.

— Não faça disso um hábito — rosnou Hawkes ao passar por Fizzler e se jogar em uma cadeira de couro rígido dentro do escritório interno.

Notou um arquivo com seu nome marcado, em cima da mesa de Fizzler. O idiota realmente achava que não sabia o valor de seus empréstimos?

— Suponho que esteja aqui para fazer um pagamento? — Fizzler perguntou enquanto puxava o arquivo e o abria.

— Melhor — disse Hawkes. — Estou aqui para fazer seu negócio crescer. Preciso de mais empréstimos.

O rosto de Fizzler não mostrava nenhuma emoção.

O que havia de errado com o homem? Deveria estar pulando para cima e para baixo com a chance de afundar Hawkes ainda mais com as taxas de juros exorbitantes que cobrava. Quando Fizzler finalmente falou, parecia escolher as palavras com cuidado.

— Receio que isso não seja possível — disse o banqueiro. — Está no máximo agora do montante que concordamos originalmente.

— O quê? — Hawkes vociferou. — Acha que não sou digno do empréstimo?

— Não é uma questão do que penso — Fizzler disse suavemente. — É simplesmente uma questão de minimizar o risco para meus investidores. Fez muitas promessas, mas nenhuma delas foi cumprida ainda. Não está mostrando nenhum tipo de retorno que aumentaria a confiança do investidor.

Aumentar a confiança do investidor.

Fizzler realmente achava que poderia dispensá-lo com esse monte de besteiras? Com quem o idiota pensava estar lidando?

— Já lhe disse, não tem nada com que se preocupar. Estou muito perto de fazer uma fortuna. — Ergueu o segundo e terceiro dedos entrelaçados.

— Seja como for — disse Fizzler —, até o momento em que chegar com dinheiro na mão, não há mais nada que eu possa fazer.

— Um monte de besteiras — disse Hawkes, levantando-se de um salto. — Se eu tivesse dinheiro na mão, acha que estaria aqui pedindo mais?

— Infelizmente, Sr. Hawkes, é muito mais fácil pedir dinheiro emprestado quando se tem dinheiro. Agora, se liquidasse alguns de seus bens, aquela fazenda que comprou recentemente, então talvez nossa conversa tomasse um rumo diferente.

Hawkes saiu furioso. Fizzler fazia parecer tão fácil. Não sabia que Hawkes já havia prometido a terra ao lado de seu rancho para pessoas que eram muito menos civilizadas em seus negócios do que Fizzler.



Storm acordou lentamente, olhando para um papel de parede desconhecido e se perguntando onde estava. Então lembrou-se. Estava na casa de Amanda. Por tempo indefinido, ao que tudo indicava. Arrastou as pernas para o lado da cama e se levantou. Havia tomado a decisão certa?

Como tinha visto na noite anterior, a casa era maior e melhor do que qualquer outro lugar em que já havia morado. E embora a Srta. Millie tivesse deixado para Storm algumas notas de dinheiro junto à carroça de livros, a jovem sabia que não duraria para sempre. Tinha cavalos para alimentar e cuidar, assim como ela mesma. E não poderia abusar da generosidade de Amanda por muito tempo. Teria que ganhar a vida de alguma forma se planejava permanecer em Bullet.

Acendeu o fogão e ferveu um pouco de água para o chá. Verdade seja dita, a ideia de ficar parada era uma completa novidade. Não deveria se apegar muito à cidade ou a seus amigos daqui. Talvez simplesmente não fosse do tipo

que se acomoda. Talvez devesse estar sempre em movimento.

Engraçado como a ideia de seguir em frente era tão pouco atrativa. Queria estar aqui para ver os bebês de Laura e Amanda depois que nascessem. Para assistir à construção do salão. Para ajudar Blake com suas palavras.

Blake. Perguntou-se o que o rapaz pensaria quando descobrisse que ela ainda estava aqui. Certamente, não pensaria que ele era o motivo. Sabia que estava casada e que não poderia haver nada entre eles além de amizade. O que não diminuía em nada seus crescentes sentimentos.

Seria capaz de ficar? De vê-lo aderir à tendência iniciada por Brody, com cada um dos irmãos Mason eventualmente encontrando uma noiva?

Tomou um gole de chá, imaginando que deveria fazer um plano. Talvez parasse na cafeteria. Nunca tinha sido garçonne ou cozinheira, mas talvez Georgina a ajudasse a encontrar um ofício para se sustentar – assim como ajudar a preencher seus dias. Não estava acostumada a ficar ociosa.

Estava prestes a sair, quando ouviu uma batida na porta. Espiou pela janela lateral por trás das cortinas. Um homem estava parado ali, de costas. Perguntou-se se era um dos homens que tinha visto ontem antes do incêndio começar. E se a tivessem visto na carroça de livros, e a seguido para garantir seu silêncio? Talvez, se não respondesse, o estranho simplesmente fosse embora.

— Storm, sou eu, Blake. Os outros me disseram que estava aqui.

Instintivamente, suas mãos voaram para a cabeça para se certificar de que seu cabelo estava arrumado. Beliscou as bochechas para adicionar um pouco de cor extra e colocou um sorriso casual no rosto antes de abrir a porta.

— Blake — disse. — Que surpresa.

— Não tão grande quanto a minha, quando descobri que ainda estava aqui. E pensando em ficar, pelo que parece.

— Por um tempo, pelo menos. Depois do incêndio de ontem, não sei. De repente, ir embora não parecia mais tão urgente.

— Posso entrar? — perguntou.

— Céus! Sim, claro. Desculpe. Acho que ainda estou um pouco adormecida. Ou, pelo menos, meus modos estão.

Blake lançou-lhe um olhar avaliador enquanto entrava. — Não me lembro de tê-la ouvido falando tão rápido antes — disse.

— Tem razão. Estou tagarelando. Por favor, me perdoe. Acordei esta manhã com tantas perguntas e pensamentos passando pela minha cabeça, estou desequilibrada.

— Talvez eu possa ajudar com algumas dessas questões — disse Blake.

— Oh, céus. Não quero que se incomode.

Blake pegou a mão dela, que tremulava no ar entre eles, parecendo ter vontade própria. — Quero ser incomodado, Storm. Achei que tinha deixado isso claro entre nós antes.

Relutantemente, Storm recuperou sua mão. A sensação era boa. Tirava um pouco do sentimento de solidão com o qual acordou. Sentir-se sozinha não era

novidade, mas isso não costumava incomodá-la até recentemente.

Respirou fundo. Havia certas coisas entre eles que precisavam ser ditas. — E acredito que deixei minha situação clara também — disse. — Sou casada ou sou procurada por assassinato. Possivelmente ambos.

— Na verdade, não é nenhum dos dois — disse Blake.

Arregalou os olhos e balançou a cabeça em um esforço para ouvir melhor. — Não acredito no que acaba de dizer. Eu estava lá quando aconteceu.

— Lembra-se que ontem levei Percy até a estação de trem? Acontece que ele estava a caminho de Colorado Springs para sua “terapia nas águas”.

— Nas águas termais? — Storm perguntou.

— No último minuto, decidi acompanhá-lo.

— Para as fontes termais? — Storm perguntou em descrença.

Blake riu alto. Observando-o, Storm percebeu que raramente o via rir. Isso o fazia parecer mais jovem e mais despreocupado, não tão deprimido como costumava ser.

— Não. Mas assim que chegamos à cidade, pedi a Percy que me ajudasse a fazer uma pequena investigação. Parece que é uma viúva livre e desimpedida.

A mão de Storm voou para sua boca aberta. — Eu o matei.

— Sinto dizer que não. Esse privilégio pertence a algum cavalo selvagem que o pisoteou até a morte.

— Pisoteou-o até a morte? — Storm ecoou.

— Um fim adequado, se quer saber o que penso — disse Blake. — O que me leva ao que eu perguntei antes. Vai ficar aqui e se casar comigo?

Com tristeza, balançou a cabeça. — Sinto muito, Blake, mas não posso.

Ela observou seus olhos escurecerem. Viu o sombrio retorno daquele espírito ferido que vira na primeira vez que olhou de perto — e todas as vezes desde então, até esta manhã. Agora aquela sombra estava de volta, e odiava ser pelo menos parcialmente responsável.

Seu coração parecia pesado, oco e entorpecido. Perguntou-se se algum dia seria capaz de sentir aquela euforia que sentia sempre que Blake entrava em um cômodo, mesmo que não olhasse para ela.

— Não me conhece. Eu não o conheço. Não nos conhecemos.

— Conheço o suficiente — disse teimosamente. — O suficiente para saber que não quero que vá embora. Quero que fique aqui, e compartilhe a vida comigo.

Storm notou que ele não disse que a amava. Talvez como ela, Blake não fosse capaz dessa emoção, tendo crescido em um lugar sem amor.

— Casei-me com um homem que não conhecia uma vez antes. Nunca poderei fazer isso de novo.

O ar da sala tornou-se pesado, quase palpável. Sem dizer mais nada, Blake pegou o chapéu e saiu.

A porta se fechou com um sonoro propósito. Depois de sua partida, ela fez o que sempre fazia. Atrেলou a carroça e seguiu em frente.

Realmente não queria ir para Yuma, mas acabou lá de qualquer maneira,

porque era para lá que a estrada levava. A cidade não parecia tão acolhedora quanto Bullet. Apesar de ser o início da tarde, quase atingiu vários bêbados que tropeçaram na calçada e atravessaram a rua à frente dela.

A carroça parou abruptamente, suas mãos tremiam nas rédeas. O que estava fazendo aqui? Não precisava continuar correndo. Aquele homem horrível com quem se casou não estava prestes a sair do túmulo e agredi-la ou ameaçá-la. Era livre agora. Livre para fazer sua própria vida e seu próprio caminho.

Quando pegou as rédeas e começou a se mover novamente, viu que havia parado do lado de fora de uma igreja. As portas da frente estavam abertas, como se fossem um convite. Sem pensar, desceu e amarrrou os cavalos no poste à frente. Fazia muito tempo que não entrava em uma igreja.

Havia visitado a Catedral de São Patrício em Nova York, onde acendeu velas e passou horas de joelhos rezando para que o pai melhorasse. Suas orações foram todas em vão. E quando a vida no Colorado parecia um inferno na terra, realmente acreditou que Deus lhe havia virado as costas. Mas talvez esses dois incidentes tenham sido simplesmente lições de vida, e agora poderia voltar a crer.

Parou logo na entrada enquanto seus olhos se ajustavam à luz fraca. Por hábito, mergulhou a mão na fonte de água benta e fez o sinal da cruz antes de deslizar para um banco próximo ao fundo. O cheiro de cera de vela queimando e o leve odor de incenso eram um conforto familiar.

Ouiu um eco de passo suave próximo, seguido pelo som de uma porta quando alguém saiu do confessionário. Ninguém mais parecia estar esperando para ir em seguida.

Lentamente Storm levantou-se e abriu caminho para a câmara escura. Ajoelhou-se do lado de dentro, uma grade sombria entre ela e o padre. Mais uma vez fez o sinal da cruz. — Perdoe-me, padre, por eu ter pecado. Já se passaram três anos desde a

minha última confissão.

CAPÍTULO 7



Deixando Storm, Blake incitou sua montaria em um galope frenético para longe de Bullet, para longe da humilhação. Não diminuiu a velocidade até chegar ao rancho, então cavalcou sem rumo pela entrada sem nenhum destino em mente. Queria apenas ir embora. Passou pela casa do rancho. Pelo local onde Percy e Henrietta montaram seu acampamento. Pelas falésias rochosas e ao longo do desfiladeiro acima do rio.

Parou perto da borda e olhou para as águas profundas e turbulentas abaixo. Provavelmente foi aqui que Hawkes surpreendeu Laura, ameaçando-a com o rifle em punho. Laura saltou para se salvar do tiro de Hawkes, com Brody logo atrás, sem saber que ela sabia nadar.

Se saltasse, o resultado seria diferente. Não sabia nadar. O rio o levaria e o esmagaria até que se afogasse.

Era isso que queria?

Virou-se e voltou pelo caminho por onde tinha vindo. De jeito nenhum. Tinha uma família. Uma responsabilidade para com todos. Uma vida com a qual nunca ousou sonhar quando era mais jovem.

Não iria desistir!

Se Storm não queria compartilhar a vida com ele, poderia aprender a aceitar isso. De qualquer forma, gostava de ajudá-la. Pegou-se sorrindo, lembrando-se do dia em que a presenteou com as tesouras. Sua alegria, surpresa e espanto sem limites aqueceram seu coração. Era muito satisfatória a ideia de que tinha feito algo especial para uma pessoa especial. Storm merecia tudo isso. Tudo isso e muito mais.

Agora estava trabalhando em uma surpresa ainda maior. Havia pensado em dar a ela como presente de casamento. Em vez disso, seria apenas um presente.

Inclinou-se e deu um tapinha no pescoço de seu cavalo. — Bom menino, Trigger. Vamos para casa.

Não tinha certeza se Trigger entendeu as palavras ou apenas o tom de voz, mas o cavalo balançou a cabeça e relinchou como se concordasse.

No meio do caminho de volta para a casa do rancho, Blake ouviu um cavalo e um cavaleiro vindo em sua direção. Lembrando-se do que havia acontecido com alguns dos outros quando cavalgavam sozinhos, hesitou, colocou uma das mãos no rifle e esperou.

Quando reconheceu John Jones, o repórter, incitou Trigger na direção dele. — Espere aí!

Jones diminuiu o ritmo, envergonhado diante do flagrante.

Blake olhou para o sujeito. — Está invadindo, Jones. De novo!

O cavalo de Jones parecia nervoso, empinando para frente e para trás, levantando nuvens de poeira no caminho estreito com seus cascos. Blake podia notar que o sujeito da cidade não era bom cavaleiro.

— Esse cavalo é um tanto temperamental — Jones gritou, com o rosto vermelho.

— Assim como seu cavaleiro. O que lhe dissemos da última vez que o encontramos andando por aí?

— Tenho faro para uma boa história — disse Jones. — Não vou descansar até encontrá-la.

Blake cruzou os braços sobre o peito. — Que história?

— Red's Rowdies e o que aconteceu com seu último saque — disse Jones.

— Nós lhe dissemos antes, está errado sobre isso — disse Blake. — Não há evidências que sugiram que a gangue e seu saque acabaram em qualquer lugar perto de Cooper Moon.

— Discordo — Jones falou desafiadoramente.

— É melhor lembrar-se do que Brody disse. Alguém pode acidentalmente confundi-lo com um animal selvagem perseguindo nosso rebanho.

— Acho que não tenho escolha a não ser relatar minhas descobertas ao xerife.

Blake enrijeceu. Nenhum deles tolerava o xerife Yates. E Blake sabia que o homem aproveitaria a chance de bisbilhotar Copper Moon sob qualquer pretexto.

— Descobertas? — disse casualmente.

— Encontrei o que parece ser um osso. Um osso que não pertence a nenhum animal selvagem que já vi. — Jones estava satisfeito — aproveitando a vantagem. — Juro pelo túmulo da minha mãe que pertence a um esqueleto humano.

Blake estreitou o olhar, sem saber se deveria acreditar no sujeito ou não. — Proponho o seguinte — disse. — Dê-me uma chance de falar com Brody. Passe no rancho pela manhã. Pode nos mostrar o que encontrou. Se sua história tiver mérito, garanto que Brody lhe dará licença para continuar investigando. Mas não haverá acordo se falar com o xerife. Isso parece justo?

Jones considerou apenas brevemente. — Estarei lá na primeira hora do dia.

— Nunca se sabe — disse Blake. — Pode ser que alguém da família tenha alguma informação que achará muito interessante. Portanto, fique longe do xerife.

Jones sorriu. — Parece que temos um acordo.

O repórter se virou e saiu assobiando. Blake o seguiu de perto até chegar à entrada da casa do rancho, onde Jones continuou em direção à cidade.

Foi só no jantar, quando a maioria dos outros já estava deitada, que Blake teve a chance de conversar com Brody em particular.

— Tudo certo? — Brody perguntou, sujeitando Blake a um olhar com o qual estava muito familiarizado. O olhar de irmão mais velho de Brody.

— Sim e não — disse Blake vagamente, evitando falar sobre Storm e sua

recente rejeição.

— Storm? — Brody perguntou.

Brody o conhecia mais do que ninguém. — Acho que essa é a parte do “não” — Blake admitiu.

— Lembra-se quando Laura voltou para a cidade? Como fiz papel de idiota? — disse Brody.

Blake sorriu com a lembrança. — Laura se casou contigo, não foi tão ruim assim no fim das contas. Além disso, o amava desde o início.

— E eu era muito teimoso e cego para ver. Deixei meu próprio ego atrapalhar. Laura me machucou bastante quando éramos mais jovens.

— Mas não desistiu.

— Isso mesmo — disse Brody. — Vou sugerir que faça o mesmo. As mulheres precisam ser cortejadas. Precisam se sentir especiais. Não sei se são do tipo eterno, mas a moça lhe tem sentimentos, Blake.

Blake soltou um suspiro. — É complicado.

— Todos nós temos aquelas cicatrizes do passado. Aquelas que insistem em permanecer. Mas elas desaparecem com o tempo, contanto que não continue cutucando a ferida. Abrindo velhas feridas.

Blake decidiu que era hora de mudar de assunto. — Encontrei Jones, o repórter, hoje cedo. Invadindo novamente.

Brody não pareceu surpreso. — De alguma forma, não imaginei que o tivéssemos visto pela última vez.

— Estava ameaçando ir ao xerife. Encontrou o que pensa ser parte de restos humanos em algum lugar na propriedade do rancho.

— O que disse a ele?

— Espero ter feito o certo — disse Blake. — Disse para não ir ao xerife. Para vir até aqui amanhã. Que talvez pudéssemos ter informações do interesse dele, sobre a gangue.

— Essa é a história de Amanda — disse Brody. — Não sei se está pronta para compartilhá-la.

— Acho que Amanda faria qualquer coisa que pedisse, se fosse ajudar o rancho e a família.

— O que mais? — disse Brody.

— O repórter concordou em nos mostrar o local onde encontrou os restos mortais, se lhe der permissão para investigar mais. Nunca se sabe, Brody. Pode haver um tesouro aqui, no fim das contas.

— Não há nenhum tesouro aqui — disse Brody. — Mas este rancho parece ter sua parcela de segredos.

— Algo relacionado ao motivo pelo qual Hawkes quer tanto colocar suas garras aqui?

Como de costume, Brody não respondia quando alguém lhe perguntava isso diretamente. Blake estudou o irmão, ciente de que Brody sabia mais do que estava compartilhando. Sem dúvida, em um esforço para proteger o resto deles. Porque proteger os outros era o que Brody fazia.

Jones apareceu na casa do rancho bem cedo na manhã seguinte. — Tem algumas histórias para mim? — perguntou.

— Talvez — disse Brody. — Tudo depende do que tem para nos mostrar primeiro.

— Ah, não — disse Jones. — Um bom repórter nunca põe as cartas na mesa primeiro.

Brody ampliou sua postura, olhando para o repórter. — Meu rancho. Minhas regras. — Blake podia ver por que Brody era um oponente formidável na mesa de jogo.

Jones desviou o olhar primeiro. — Dá sua palavra?

— Garanto-lhe. Agora, vamos ficar aqui o dia todo? Ou dar uma volta?

Jones colocou o chapéu na cabeça. — Preparem-se, rapazes.

Pareceu levar horas até chegarem à caverna em questão. Blake teve a sensação de que o repórter os estava enrolando, andando em círculos de propósito, para que não encontrassem o local novamente sem sua ajuda. Mais de uma vez, Jones fingiu fazer uma curva errada, que então corrigia.

Num dado momento, acabaram em uma parte do rancho onde Blake nunca havia pisado. Duvidava que Brody também tivesse.

— É isso. Logo à frente, à esquerda — indicou Jones.

Ao sinal dele, os três homens desmontaram e continuaram a pé. A entrada da gruta estava bem camuflada por arbustos de creosoto e algaroba. Temendo uma armadilha, Blake entrou em alerta e fez contato visual com Brody antes que os dois seguissem Jones para o interior escuro da caverna. Era difícil ver até onde ia sua extensão, mas por dentro era muito baixa para qualquer um dos homens ficar de pé.

Jones acendeu uma lamparina, e a luz bruxuleante lançava sombras nas paredes ásperas do lugar, iluminando timidamente seus recantos escuros.

— É aqui atrás — disse Jones.

Blake tirou a pistola do coldre, só por precaução. Pelo canto do olho, viu Brody fazer o mesmo.

— Maldição! — Jones exclamou.

Blake sentiu seu coração acelerar.

— O que é? — Brody perguntou.

— Os restos mortais sumiram — lamentou Jones.

Depois de alguns dias monótonos em Bullet, Storm tomou coragem e foi para a cafeteria no horário entre o café da manhã e o almoço. Lá dentro estava tão silencioso quanto esperava, e encontrou Georgina polindo talheres e copos. A mulher parecia genuinamente feliz em vê-la.

— É verdade o que ouvi? Pretende ficar em Bullet?

— As notícias correm rápido — disse Storm.

— Amanda passou por aqui a caminho das obras, quando foi avaliar os danos do incêndio. Está radiante por ter aceitado ficar na casa dela.

Storm olhou ao redor, admirando a decoração brilhante da lanchonete. A luz do sol filtrava-se pelas cortinas de renda nas janelas. — Essas cortinas são perfeitas.

— Isso foi ideia de Laura, para evitar que o lugar ficasse muito quente — disse Georgina. — Laura teve muitas boas ideias quando estávamos trabalhando na expansão.

— Tem sorte de ter amigas tão boas.

— São suas amigas também, Storm. — Georgina deu-lhe um longo olhar, jogou o pano de lado e gesticulou para a mesa atrás delas. — Por que não nos sentamos um pouco? É sempre bom ter uma desculpa para descansar um pouco.

Storm assentiu com o coração batendo forte ao seguir a outra mulher. Georgina parou no caminho e pegou duas xícaras de café que colocou na mesa entre elas.

— Geralmente, posso perceber quando alguém tem uma ou duas coisas que precisa desabafar — disse Georgina, sem preâmbulos. — Isso vem de anos de trabalho com o público.

— Bom, pensei que, se decidisse ficar — disse Storm —, precisaria encontrar algo para fazer. Manter-me ocupada e ganhar algum dinheiro. Preciso pagar o aluguel da casa de Amanda.

— Não está planejando ajudar Amanda assim que o salão for construído? Isso é o que ela espera. Laura estará ocupada demais quando o bebê nascer.

Obviamente, Georgina não sabia que Amanda também esperava um bebê, e Storm sentiu certa satisfação por ter conquistado essa confiança. — Duvido que um bebê vá parar Laura por muito tempo — disse. — Além disso, estou ajudando Amanda como um favor.

Georgina olhou para baixo enquanto mexia o café pensativamente. — Espero que esteja certa sobre Laura. Aquela mulher gosta de trabalhar. — Inclinou a cabeça. — Conversou com ela sobre o que gostaria de fazer?

Storm apertou os lábios. — Não sei fazer muitas coisas. Empréstimo livros e costurar é tudo que sei.

Georgina se remexeu na cadeira. — Costurar?

— Foi o que fiz em Nova York, antes... — Hesitou. Não podia contar sobre seu casamento. — Antes de meu pai falecer e eu me mudar para o Oeste.

— Uma costureira é tudo o que falta aqui em Bullet.

— É mesmo?

— Tive que ir até Yuma para encontrar alguém que fizesse essas cortinas para mim. Demorou uma eternidade para serem entregues. O transporte deixou o serviço ainda mais caro e, mesmo assim, a mulher não fez um bom trabalho. Georgina pegou a cortina e apontou para a costura desigual na bainha. — Está torta. Tentei consertá-las sozinha, mas sou péssima costureira.

Storm recostou-se, o café esquecido, sua mente girando. Poderia fazer isso? Abrir uma loja de costura e encontrar trabalho?

Georgina limpou a garganta. — Talvez conheça alguém que possa ajudar. Caso precise de algum investimento inicial.

— Ouvi algo sobre um “anjo investidor” por aqui — confessou Storm.

Georgina assentiu. — Ajudou-me a fazer as coisas acontecerem no café. Ajudou Amanda com seu projeto também. Também sei que quando Henny voltar da lua de mel, está pensando em construir um hotel aqui na cidade.

— E esse investidor... Está disposto a ajudar as mulheres?

Georgina riu. — Querida, a investidora é uma mulher.

Após sua conversa com Georgina, Storm parou no local do recente incêndio e encontrou Bradley e Amanda. Sentiu certa inveja da maneira como os dois conversavam, como Bradley acatava às observações e descobertas da esposa. Que sorte sua amiga teve por ter encontrado um homem que a apoiava e ajudava. Bradley tinha suas próprias responsabilidades no rancho, mas ainda encontrava tempo para ajudar a esposa em seus empreendimentos.

Depois de uma breve troca de cumprimentos, Storm se despediu. Se ao menos tivesse alguém com quem pudesse conversar sobre a sugestão de Georgina. Mas Amanda estava totalmente envolvida em seu projeto com o salão, e Storm não queria incomodá-la.

Dirigiu-se até sua casa a passos lentos, sabendo que a casa grande e vazia pareceria ainda mais solitária do que pela manhã, quando acordava. Assim que alcançou os degraus da frente, viu um movimento nas sombras da varanda. Um homem estava sentado em uma das cadeiras de vime. Ele se levantou quando a viu se aproximando.

Blake!

Não sabia se deveria ficar feliz em vê-lo ou irritada por ele se sentir em casa quando ela não estava lá. Por fim, decidiu apenas agradecer a companhia.

— Veio para mais aulas? — perguntou, tentando manter o tom calmo e ignorar a maneira como seu coração batia perto de Blake.

Ele sorriu e tirou o chapéu da cabeça. — Está muito bonita hoje.

— Bajulador — respondeu, bem ciente de que suas roupas gastas e úteis não eram tão bonitas quanto as de Laura ou Amanda.

Blake pegou o queixo dela com o dedo indicador e inclinou sua cabeça. — É a mais pura verdade.

Ela sentiu os lábios tremerem, ansiando por um beijo. O que Blake deve ter notado, pois alisou o lábio inferior dela com a ponta do polegar.

Manteve-se firme, resistindo ao desejo de se jogar nos braços dele. De dizer que mudou de ideia. Adoraria se casar com ele. Adoraria ficar aqui. Pertencer a algum lugar pela primeira vez na vida.

— Tenho praticado com aqueles cartões que fez. Esperava que um dia desses pudesse aplicar um teste. Quem sabe consigo uma estrela dourada. — Sorriu enquanto falava.

Seu coração se aqueceu ao ver que o novo Blake estava de volta. Aquele que parecia mais seguro, mais leve. Feliz em vez de magoado.

— Estava pensando sobre o que disse — continuou. — Sobre não querer se casar com um estranho. Parece-me que a melhor maneira de fazer algo sobre isso é passarmos mais tempo juntos. Conhecermos um ao outro.

Ela inclinou a cabeça e tirou a chave da porta. — Já conhece meus segredos. Está pronto para compartilhar alguns dos seus?

— Todos eles. — Puxou-a para perto. — Não quero que haja segredos entre nós. Jamais.

Ela colocou a mão no peito dele, sentindo que precisava de espaço. Isso estava acontecendo rápido demais. Não reconhecia este novo Blake. Sentiu que o conhecia ainda menos do que o antigo.

— Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou.

— Muitas coisas — disse. — Mas primeiro, queria te dar isso.

— Blake, não deveria me trazer presentes. A tesoura é maravilhosa, mas realmente não preciso... — Engoliu as palavras. Ele se moveu para o canto mais distante da varanda. Empoleirada na mesa lateral, havia uma máquina de costura que não havia notado antes porque estava muito ocupada olhando para Blake.

Foi até a máquina, então se virou para ele. — É muito. Não posso aceitar.

— Precisa aceitar.

— Dê para Amanda ou Laura. Para Georgina.

— Não lhes servirá de nada.

— Por que não?

— É uma máquina especial criada para uma dama especial.

Ela olhou novamente — prendeu a respiração e piscou para conter a súbita onda de lágrimas, incapaz de falar por causa do nó na garganta. Lentamente, estendeu a mão e tocou o objeto preto e brilhante. Arrastou seus dedos sobre a caixa familiar, girou a roda.

À medida que a roda girava, toda a sua vida girava. Virava de cabeça para baixo. Jogou-se em Blake, que cambaleou um passo para trás antes de puxá-la para mais perto.

— Fez isso para mim! Para que eu possa costurar com a mão errada.

Blake pegou as duas mãos dela entre as suas e as levou aos lábios, uma de cada vez, enquanto sua língua traçava círculos nas palmas dela, seguidos por um beijo quente e úmido em cada mão que fez seu sangue borbulhar.

— Não consigo ver nada de errado com nenhuma dessas lindas mãos. Mãos que amo tanto quanto amo a dama a quem pertencem. Não existe isso de mão errada.

Estavam tão absortos um no outro que nenhum deles notou a figura sombria, observando-os do outro lado da rua.



— Bom trabalho — disse Hawkes a Denim, enquanto os dois cavalgavam de volta para seu rancho. Hawkes respirava pesadamente e suave por causa do calor. — Fez o serviço completo.

— Estou ansioso pelo bônus que prometeu. Não foi fácil desenterrar todos

aqueles ossos e me livrar deles em um lugar onde nunca serão encontrados. — Lançou um olhar astuto para Hawkes. — Como sabia que aquela velha caverna era algum tipo de cemitério?

— O que eu te disse sobre fazer perguntas intrometidas? — Hawkes estreitou o olhar. — Não vai ficar ganancioso agora, vai?

— De jeito nenhum. Fiz tudo o que pediu. Livrei-me dos ossos. Livrei-me do repórter. Tive uma conversinha com o xerife. Disse a ele tudo o que combinamos. Como eu vi Brody e um outro irmão idiota com o repórter. Aquele idiota que nunca fala muito.

— Bom. — Hawkes parou quando chegaram ao rancho, onde uma figura familiar esperava na entrada. — Dom Lucas. Achei que tivesse voltado para o México.

Don Lucas o olhou de tal forma que quase fez gelar o sangue em suas veias. — Dinheiro e assassinato não se misturam, meu amigo. Meus amigos investidores estão muito descontentes com o senhor.



Blake mal podia esperar para voltar ao rancho e relatar a Brody o sucesso de sua visita a Storm. Estava contando a Brody e Laura tudo sobre a máquina de costura e a reação de Storm, quando Bradley e Amanda invadiram a casa do rancho.

— O xerife está a caminho — disse Bradley, a boca apertada, o rosto tenso. Seu olhar passou de Brody para Blake e vice-versa. — Parece que aquele repórter foi morto. E as últimas pessoas vistas com ele foram os senhores.

CAPÍTULO 8



Brody levantou-se e acenou para que Blake o seguisse até seu chalé.

— O que está pensando? — Blake perguntou, uma vez que estavam longe dos outros.

— O xerife Yates é um idiota, como todos sabemos. Quanto menos falarmos, melhor. Só precisamos inventar uma desculpa plausível para explicar por que estávamos com Jones no outro dia.

— Nunca vi ninguém por perto quando estávamos lá — disse Blake. — Pode ser apenas uma história inventada.

— Inventada pelo assassino — disse Brody.

— Hawkes? — Blake perguntou.

— Quem quer que seja o responsável, isso cheira muito mal — constatou Brody. — Jones nos disse que desenterrou alguns restos humanos. Quando nós três chegamos ao local, já haviam sido removidos.

— Estou supondo que alguém não gostou de Jones fazendo perguntas sobre os Red's Rowdies.

— É bem possível que sim. Enquanto isso, temos que pensar em algo para dizer ao xerife.

— Só espero que quem matou Jones não tenha plantado algo incriminador no corpo. — Blake trocou um longo olhar com Brody enquanto ambos se lembravam do que quase aconteceu com Braydon.



— Jones veio me ver alguns dias antes de morrer — disse o xerife Yates. — Disse-me que os senhores o ameaçaram.

— Não foi bem assim que aconteceu — disse Brody. — O repórter pediu permissão para fazer algumas investigações no rancho, para uma história em que estava trabalhando. Eu disse não a ele e acabou por aí, até onde sei.

O xerife olhou Blake e Brody como se tivesse algum tipo de medidor de mentiras, Blake pensou cinicamente. O xerife estava ouvindo Hawkes há tantos anos, que certamente não sabia mais distinguir o que era mentira ou verdade.

— E não houve ameaças? — disse o xerife Yates.

— Não senhor — disse Blake. — Ouvi dizer que foi morto em seu quarto na pensão. Nenhum de nós sabia onde o homem estava hospedado.

— Mas não nega tê-lo visto antes.

— Como disse — Brody afirmou —, Blake e eu o levamos para a estrada e mostramos até onde a propriedade Copper Moon se estende. Apenas para que ficasse claro para Jones. Dessa forma, ele não vagaria acidentalmente pelas terras do rancho como fez no passado.

— Há algum motivo para o assassinato? — Blake perguntou. — Talvez Jones tenha feito alguns inimigos na Filadélfia e o seguiram até aqui.

— Ou talvez — o xerife disse com um olhar sombrio —, o repórter conseguiu fazer alguns inimigos desde que chegou aqui.

— Ouvi dizer que isso pode acontecer nessa profissão — disse Brody. — É fácil esbarrar em algum vespeiro. Algumas pessoas não querem ser incomodadas.

— Está falando sobre a história da gangue que costumava roubar as diligências? — Yates inquiriu.

— Há muitas perguntas sem resposta sobre aqueles velhos tempos — disse Blake. — Nunca se pode ter certeza de com quem se está falando, ou deixando nervoso e tudo.

— Muitos moradores querem que o passado seja deixado onde está, enterrado e esquecido — disse Brody.

O xerife deu a ambos um olhar maligno antes de montar. — É melhor os senhores não esconderem nada de mim. A verdade tem um jeito de mostrar sua cara feia eventualmente.

— Se pensarmos em alguma coisa, xerife, com certeza lhe informaremos — disse Brody.

Brody olhou para o irmão enquanto o xerife se afastava. — Acha que ele acreditou?

— Não vejo motivos para não acreditar em nós — disse Blake. — Ele tem engolido tantas mentiras de Hawkes todos esses anos.

Brody deu um tapinha nas costas dele. — Esqueça isso. Fico feliz em saber que as coisas correram bem com Storm e a máquina de costura.

Blake sentiu um rubor quente subindo pelo pescoço. — Parece que o presente a agradou muito.

Brody balançou a cabeça satisfeito. — Eu lhe disse que uma mulher precisa se sentir especial, não disse?

Blake soltou um suspiro. — Disse. E isso não parece fácil. Estou completamente sem ideias sobre o que devo fazer a seguir.

— Talvez devesse tentar ser você mesmo.

— O que quer dizer? — Blake perguntou.

— O que quero dizer é que já consertou a carroça de livros dela, está como nova. Fez um ótimo trabalho com aquela máquina de costura. Foram grandes gestos. Talvez seja hora de recuar. Passe algum tempo com Storm. Ouça o que ela tem a dizer. Faz muita diferença quando uma mulher se sente ouvida.

Os lábios de Blake se contraíram. — Com base em sua própria experiência?

— Pode apostar — disse Brody. — Quando Laura fala, eu escuto e escuto bem.

Impulsionado por sua conversa estimulante com Brody, Blake voltou para a casa principal do rancho, onde Laura e Amanda estavam fazendo algo misterioso na cozinha. Ficou ali, observando por um minuto, antes de

perceber que estavam fazendo velas. Engraçado, sempre havia velas por perto, mas nunca havia pensado muito sobre sua origem.

Quando pareciam ter terminado com a parafina quente, ele pigarreou ruidosamente, esperando chamar a atenção sem assustá-las.

— Blake — disse Laura. — Terminaram?

Ele assentiu, subitamente com a língua presa. Lembrou a si mesmo que não havia problema em pedir ajuda. Então Brody surgiu, protegendo-o como sempre, desde o primeiro dia em que se conheceram.

— Senhoras — disse Brody. — Acredito que Blake está precisando de ajuda com um certo assunto do coração.

Isso certamente chamou a atenção das damas. Elas se reuniram em torno dele, entusiasmadas.

— Com Storm? — Amanda guinchou.

— O que podemos fazer para ajudar? — Laura disse.

Storm abriu a porta, encantada ao ver Amanda do outro lado, com os braços cheios de roupas.

— Blake nos contou tudo sobre a máquina de costura — disse Amanda. — Espero que tenha tempo para alguns consertos.

— Tenho tempo de sobra. O que precisa que eu faça?

— Preciso soltar minhas saias — disse Amanda. — Só um pouco, por enquanto.

— Claro. — Storm aliviou Amanda de seu fardo. — Fico feliz em ajudar. — Fez uma pausa, imaginando a melhor forma de abordar o assunto. — Percebi que não disse nada aos outros. Sobre sua condição.

— Ainda não. — Amanda corou ligeiramente. — Bradley e eu pensamos, já que minha barriga mal cresceu, e pouco tempo se passou depois das núpcias, que deveríamos adiar qualquer anúncio por mais algum tempo. Além disso, Laura está carregando o primeiro da nova geração dos Mason, não queremos desviar o foco para nós.

— Isso é muito atencioso — disse Storm. — Posso fazer isso agora mesmo se quiser esperar. Posso lhe servir um chá?

— Adoraria uma xícara — disse Amanda, enquanto puxava uma cadeira da mesa. — Receio, porém, que eu tenha mais um favor a pedir. Este é muito maior.

Storm reprimiu seu entusiasmo enquanto enchia a chaleira e a colocava sobre a parte de trás do fogão. — Diga.

— Realmente preciso que alguém vá até Yuma para mim e... — Amanda fez uma pausa. — E talvez espione o funcionamento do salão de dança de lá. Quero fazer um ainda melhor.

— Não sei nada sobre espionagem — disse Storm, enquanto pegava a saia e a tesoura, odiando desapontar a amiga.

— Acho que a palavra certa não é espionar. É mais como ir disfarçada. Fingindo ser uma cliente.

— Que tipo de cliente?

— Pensei que talvez não se importasse de ir lá uma noite para assistir a uma peça. Blake disse que a acompanharia. Ofereceu-se para ir imediatamente quando Bradley e eu pedimos, mas ele é um homem. Não vai observar os detalhes, como uma mulher faria.

Storm ergueu os olhos, de onde empunhava sua nova tesoura, escolhendo a costura lateral da primeira saia. — Por que sinto que estão tramando algo pelas minhas costas?

Amanda arregalou os olhos com fingida inocência. — Céus, não. Serão apenas amigos ajudando outros amigos.

— Claro que sim — disse Storm. Sinceramente, a ideia de assistir uma peça com Blake era emocionante.

Assistir à peça foi apenas o primeiro dos “favores” em que Storm se envolveu. Porque naquela noite no teatro, ela e Blake viram um aviso anunciando que aulas de dança estavam disponíveis.

— Deveríamos fazer isso também — disse Blake. — Amanda gostaria muito de saber do que se tratam e como são as aulas.

Foi assim que Storm se viu nos braços de Blake duas vezes por semana, tentando não liderar com o pé esquerdo ao circularem pelo salão de dança, enquanto a professora berrava instruções e o pianista tocava uma música popular após a outra.

— Amanda vai tocar piano em seu salão de dança? — Storm perguntou sem fôlego. Tentou dizer a si mesma que era por causa dos passos de dança que estavam praticando, mas na verdade era porque esta era sua última aula.

Lembrou-se da primeira vez em que dançou com Blake, no casamento de Henrietta e Braydon e como tentou não se encolher quando a mão dele pousou em sua cintura. Agora a mão dele parecia perfeitamente natural descansando ali — e parecia que faltava algo quando ele a removia.

— Amanda planeja oferecer aulas de música — disse Blake. — Acho que espera ter outras pessoas tocando instrumentos, se houver uma dança ou uma peça.

— A obra está tão adiantada — disse Storm. — Já posso ver como vai ficar.

Nenhum deles comentou sobre o fato de Bradley ter contratado um pistoleiro que conhecia para patrulhar a propriedade à noite e garantir que não houvesse mais incêndios ou outros atos de sabotagem.

— Os dois aí! — A professora os chamou. — Parem de tagarelar e concentrem-se na posição dos pés.

Blake e Storm trocaram um olhar e caíram na gargalhada. Storm esforçou-se para ficar séria e concentrar-se nas instruções de dança, quando preferia se concentrar em Blake.

Na volta para casa, deslizou para perto de Blake no assento da carroça até que sua perna roçou na dele e pôde sentir o calor de sua pele através das calças dele e de sua saia.

— Não me importo com o que a professora disse. Acho que nos saímos bem na pista de dança.

Blake assentiu, mas não fez mais comentários. Storm se perguntou se ele estava aliviado com o fim de seus passeios. Saber que não o veria mais com tanta frequência causava um estranho vazio em seu peito.

— Estou pensando em sair com a carroça dos livros por um tempo — disse finalmente, observando e esperando pela reação dele. Esperava que ele a pedisse para ficar. Ou dissesse que sentiria sua falta. — Agora que nossas lições terminaram.

— Os negócios com a costura não vão bem? — Blake perguntou.

— Tenho alguns projetos — disse Storm. — Mas me sinto mal pelo pessoal que espera pelos livros.

— Talvez tenha uma ideia sobre isso — Blake disse enigmaticamente, sem dar mais detalhes.

— Obrigada pela carona — Storm disse enquanto paravam em frente à sua casa. Pensou em convidá-lo para entrar, mas teve a sensação de que isso apenas prolongaria o inevitável.

— De nada — disse Blake, tocando os dedos na aba do chapéu. — Nos vemos por aí.

Storm assentiu. — Nos vemos por aí.



Laura parecia mais do que encantada em ajudar Blake a preparar um piquenique. — Amanda anda tão ocupada ultimamente, estou entediada demais — disse enquanto se movimentava pela cozinha, embrulhando fatias grossas de pão ainda quente em um pano de prato limpo. — Diga a Storm para vir aqui e me fazer companhia um dia desses — acrescentou. — Ou melhor ainda, traga Storm aqui e leve Brody para algum lugar. Tire-o do meu pé.

— Vou ver o que posso fazer — Blake prometeu, ao pegar a cesta carregada, que parecia ridiculamente pesada para os dois.

— Leve-a para algum lugar agradável, perto do rio, onde não haja ninguém por perto — disse Laura. — Isso é o que Brody e eu costumávamos fazer.

Blake lançou um olhar provocador. — Não me diga que o pequeno Brody iniciou sua vida amorosa perto do rio?

Laura jogou uma toalha de secar nele. — Blake Mason. É incorrigível. Fora daqui, antes que Storm decida que não quer vê-lo nunca mais. E quem poderia culpá-la?



Storm passou a mão amorosamente em sua nova máquina de costura que havia colocado na mesa de jantar. Depois de consertar a saia de Amanda, ansiava por costurar mais. Para tanto, pegou alguns tecidos no armazém geral e comprou meia dúzia de guardanapos de pano, só para ver como seria usar a máquina em um projeto diferente dos consertos. Foi realmente incrível!

Quantos anos passou se sentindo diferente, se sentindo errada, frustrada por

sua dificuldade em dominar tarefas que pareciam tão fáceis para os outros. Os lenços ficaram perfeitos e estava pensando no que deveria costurar a seguir quando ouviu alguém na porta.

Apesar da destruição que testemunhou com o incêndio, lembrou a si mesma de que Bullet era uma boa cidade, geralmente habitada por boas pessoas. Precisava parar de olhar por cima do ombro, ou pular toda vez que alguém batia na porta. Aquele homem horrível com quem se casou estava morto. Não podia mais caçá-la e atingi-la com um forçado em retaliação.

Levantou-se e foi até a porta. Mas e todas aquelas pessoas legais que confiavam na biblioteca móvel para seus materiais de leitura? Ela os estava decepcionando? Honestamente não sabia o que fazer.

Mesmo com a nova máquina de costura, não tinha certeza se poderia encontrar trabalho suficiente aqui para se manter. Destrancou a fechadura e abriu a porta. Talvez fosse melhor voltar para sua antiga vida.

— E se eu dissesse que não quero que faça isso? — Blake falou confortavelmente da porta da frente, como se tivesse todo o direito de estar lá, um ombro apoiado no batente da porta, um sorriso ensolarado no rosto.

Storm mordeu o lábio. Aparentemente estava falando em voz alta novamente, embora pensasse que as palavras estavam apenas em sua cabeça. — Pensar alto parece ser um mau hábito que se desenvolve quando se vive sozinho.

Blake olhou por cima do ombro para dentro da sala e sorriu quando viu a máquina em um lugar de destaque. — Já experimentou?

— Funciona como um sonho — respondeu. Ela correu até a mesa, pegou um lenço recém-acabado e o apresentou. — O que acha?

— Muito bom — disse. — E exatamente o que precisamos para nosso piquenique hoje.

— Nosso piquenique? — Storm disse. — Temos um piquenique planejado? Porque não tenho provisões suficientes.

— Já está tudo resolvido — disse Blake presunçosamente. — Não há nada que precise fazer, apenas venha comigo. Ah, e traga aqueles guardanapos novos que fez.

Ela alisou a mão pela saia. Era marrom-claro e uma de suas roupas mais velhas. A primeira coisa que deveria fazer, se estava decidida a ficar, eram algumas novas peças de roupa para si mesma. Algo feminino e bonito. Olhou para Blake e percebeu que de repente tinha um motivo para querer parecer feminina e bonita.

Quando vivia em Colorado, sentia o oposto. Não queria vestir ou dizer nada que pudesse chamar atenção indesejada.

Parou perto da porta e pegou seu chapéu de palha de abas largas com a ousada fita vermelha. Era a única coisa que realmente podia dizer que a fazia sentir-se bonita.

Na varanda, parou ao ver o cavalo e a charrete esperando por eles na rua.

Blake parecia extremamente satisfeito consigo mesmo enquanto a escoltava

até lá. — Laura insistiu que eu trouxesse a charrete. Disse que era mais adequado para um encontro de verdade.

Olhou bem para o rosto dele, perguntando-se se ele estava brincando. — Blake Mason. Está me dizendo que estamos em um encontro?

— A melhor maneira que conheço para um homem e uma mulher se conhecerem. — Ajudou-a a subir na charrete, depois deu a volta e subiu ao lado dela.

Storm sorriu interiormente quando avistou a enorme cesta de piquenique perto de seus pés. Poderia dizer que nunca tinha estado em um encontro de verdade. Recostou-se em seu assento. Tinha a sensação de que iria gostar muito deste com Blake.

— Para onde vamos?

— Ainda não posso dizer. Não quero estragar a surpresa.

Hawkes invadiu o escritório do xerife. — Por que ainda não prendeu aqueles dois?

Yates afastou alguns papéis de sua mesa. — De quem está falando?

Hawkes caminhou até a mesa e se apoiou nela, com as palmas das mãos espalmadas, seu corpo inclinado para Yates, satisfeito quando viu o outro homem recuar ligeiramente. — Sabe muito bem! Denim os viu com aquele repórter pouco antes de ser morto.

Yates apertou os lábios. — Da última vez que verifiquei, a lei exige um pouco mais de evidência do que a declaração de um homem contra o outro — ou, neste caso, dois outros, antes que eu vá algemar alguém e acusá-lo de assassinato.

— Desde quando joga de acordo com as regras?

— Desde que enviaram aquele delegado de Tucson para bisbilhotar. Estou fazendo um favor a todos nós certificando-me de que não há mais motivos para ele voltar. Ninguém resolveu o assassinato daquela jovem. Ainda — acrescentou.

— Está me ameaçando? — disse Hawkes.

— Não. — Yates puxou os papéis de volta para si e mergulhou a caneta no tinteiro. — Só estou sugerindo, gentilmente, que cuide de suas próprias coisas e me deixe cuidar das minhas. Os superiores não estão satisfeitos com um monte de assassinatos não resolvidos em seu estado. Não é como nos velhos tempos, quando ninguém notava ou se importava em passar por cima de um cadáver ou dois. Naquela época, era esperado. Hoje em dia, temos um bando de benfeitores tagarelando sobre uma “sociedade civilizada”. Daqui a pouco algum idiota dará o direito do voto às mulheres. Não consigo nem imaginar aonde isso pode nos levar.

Hawkes saiu sem dizer mais nada. Estava claro que a utilidade de Yates havia terminado.

A princípio, Storm pensou que Blake estava indo para Yuma e teve que

esconder sua decepção. Mas não muito longe de Bullet, um pouco depois do café e do parque em frente a ele, Blake guiou o cavalo e a charrete por uma trilha quase coberta de mato que Storm nunca havia notado antes.

OuvIU o rio antes de vê-lo. Minutos depois, Blake parou a charrete perto da costa. O cavalo se virou e os fitou, como se perguntasse: — É isso?

Storm olhou para Blake, que de repente parecia inexplicavelmente nervoso.

— Está tudo bem? — ele perguntou. — Laura me disse que costumava vir aqui com Brody às vezes. Que ninguém estaria por perto. — Limpou a garganta. — Mas talvez prefira o parque. Ou algum lugar onde há outras pessoas além de nós.

Depositou uma mão leve e provocadora em seu braço. — Está tudo bem, Blake. Não vou tentar tirar vantagem. Prometo.

Quando Blake colocou as duas mãos em sua cintura e a colocou no chão, ela se sentiu como uma princesa da vida real. Talvez hoje pudesse fingir ser Cinderela, vestida com algo diferente de suas roupas normalmente monótonas. Algo chique o suficiente para um baile, que não se transformaria em trapos à meia-noite.

Enquanto comiam o delicioso piquenique que Blake trouxera, Storm se viu contando a Blake coisas que nunca havia compartilhado com outra alma viva. Ele ouviu atentamente sua história de dificuldades na Irlanda. Como sua mãe morreu dando à luz gêmeos e acabou enterrada ao lado dos dois meninos que nunca chegaram a respirar.

Falou sobre o pesadelo da viagem marítima que a trouxe, junto com seu pai, para o novo mundo. Como a vida melhor na terra prometida foi uma ilusão, e seu pai parecia desistir, definhando bem diante de seus olhos. A parte posterior ele já sabia, sua fuga do Colorado até conhecer a Srta. Millie e aprender a ajudar a idosa com a biblioteca móvel.

— É terrível pensar que todas as pessoas com quem me importei morreram — disse finalmente, quando a história acabou.

Blake largou o osso de galinha que estava mastigando. — Pense assim. Pelo menos tinha pessoas com quem se importava, e que se importavam contigo.

— Nunca as teve? — perguntou suavemente. — Nenhuma vez?

— Não até que conheci Brody. — Deu uma risada curta. — No começo, não gostei da situação. A maneira como ele encontrava outras pessoas e as trazia para o rancho. Como se eu não pudesse confiar em nenhum deles, caso estivessem tentando tomar o meu lugar. E por que Brody precisaria daqueles outros, afinal? Nós dois éramos o suficiente. Pelo menos era assim que pensava.

— O que mudou?

— Eu não era muito amigável com os outros. Ignorava-os, esperando que fossem embora. Queria que as coisas voltassem a ser como antes. Então, uma noite, Hawkes matou o irmão mais velho dos gêmeos. Estávamos todos lá. Todos nós vimos o que aconteceu, mas não havia nada que pudessemos fazer

para impedir.

— Fizemos um juramento ali mesmo, selado com sangue, de que trabalharíamos juntos para derrubar Hawkes. Para destruir lentamente o homem e tudo o que ele representava. Tive que aprender a confiar nos outros e, de repente, não me senti tão sozinho, sabendo que estava entre aqueles que acreditavam na mesma coisa que eu. Desde aquela noite, eu levaria um tiro por qualquer um deles e sei que fariam o mesmo por mim.

Ele encolheu os ombros. — Aqueles sentimentos começaram a voltar quando Brody conheceu Laura. Achei que as coisas iriam mudar se de repente ela estivesse na vida de Brody. Fiquei feliz quando as coisas entre eles não deram certo – até que vi como meu irmão estava triste. Foi quando percebi que valia a pena fazer mudanças para melhorar as coisas.

— Não sabia que Laura e Brody haviam se conhecido antes.

— Anos atrás. Ela veio para o rancho uma vez depois que o tio de Brody morreu. Era mandona, mas o fazia feliz, eu acho. Até que acabou. Como ele ficou miserável! Achei que se estar apaixonado era isso, jamais poderia querer algo assim.

— E agora?

Blake estava deitado de lado, observando-a, a parte superior do corpo apoiada em um cotovelo dobrado. — Agora vejo como as coisas estão entre Brody e Laura. Vejo Bradley ajudando Amanda. Mesmo Braydon, com a maneira como convenceu Henrietta a ver sua família porque sabia que algo nunca estaria certo se ela não o fizesse. Céus, não quero ser o tio solteiro do grupo. Benjamin ou os gêmeos poderiam gostar disso. Mas tantas coisas boas acontecem quando se é parte de um casal.

Storm soltou a respiração que parecia presa em seus pulmões. — É isso? Só quer fazer parte de um casal pelas coisas boas? Porque coisas ruins também podem acontecer.

— Bom ou ruim, não importa o que aconteça, é um pouco melhor ou um pouco menos ruim se puder dividir com alguém.

Ela sentou-se ereta e abraçou os joelhos dobrados, olhando para o rio. — Costumava acreditar nisso também, até que me casei com aquele homem perverso do Colorado. O casamento tornou as coisas ruins muito piores. E nada de bom aconteceu.

Sentiu a mão dele roçar seu ombro de forma leve e tranquila. Como poderia ter tido medo desse toque?

— Consegui escapar. Essa é a coisa boa que aconteceu. E chegou até aqui. Essa é a segunda coisa boa que sei que aconteceu.

Maldito seja! Blake estava mexendo com todos esses sentimentos dentro dela, tantos que não sabia o que fazer com todos eles. Exceto continuar olhando para o rio. Talvez pudesse dissipar um pouco de sua confusão.

— Estava conversando com Georgina outro dia. Ela me disse que eu deveria apenas ir em frente. Fazer uma placa que diga ‘Costureira’, colocá-la na janela da frente e ver o que acontece.

— Por que não?

Virou-se para ele. — E se nada acontecer? Ou eu não fizer um trabalho bom o suficiente e todos os habitantes da cidade ficarem bravos comigo, ou...

— Sssh. — Blake a silenciou com um dedo contra seus lábios. — Não encoraje esses pensamentos ruins, Storm. É uma boa pessoa. Ajudou muita gente, inclusive eu. Nunca serei o melhor leitor do mundo nem nada, mas, graças ao seu apoio, nunca terei medo de tentar.

Storm sentiu seu coração quase saltar do peito diante do olhar dele. Ninguém nunca a tinha olhado daquele jeito. Como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo inteiro. De repente, os sentimentos agitados pareceram se acalmar e suavizar. — Acho que preciso tê-lo por perto, Blake. Para me lembrar de todas as coisas que acabou de dizer.

Ele recuou com uma carranca. — Não quero que precise de mim por perto para isso. Quero que sinta o mesmo que eu. Que não consegue respirar sem mim por perto. Que falta uma parte da sua alma quando estou fora. Que sua vida está toda errada sem mim.

Storm sufocou um soluço, mas as lágrimas caíram mesmo assim, lavando toda a mágoa, a dor, a solidão, o medo. Sentiu como se um belo e inesperado nascer do sol aquecesse seu interior congelado e a tornasse inteira.

— Por favor, Storm, não chore. — disse Blake. — Não tinha essa intenção.

Ela piscou e enxugou as lágrimas com as costas da mão. — Estou chorando porque entendo tudo o que disse. Sinto-me exatamente assim. Sinto tudo isso e muito mais.

O sorriso de Blake tomou conta de todo o seu rosto. — Isso significa que eu e os rapazes devemos começar a construir outro chalé?

— Acho que talvez seja uma boa ideia. — Aproximou-se dele e selou a promessa com um beijo.

CAPÍTULO 9



Blake e Storm compartilharam suas novidades naquela noite durante o jantar. O coração de Storm se aqueceu por inteiro ao olhar ao redor da grande e barulhenta reunião e ver os acenos de aprovação e os sorrisos de alegria direcionados a eles. Sua felicidade ficou ainda mais completa quando notou os olhares cheios de luxúria de Blake. Seus beijos na margem do rio ficaram bem quentes, e foi necessário um enorme autocontrole de ambas as partes para parar antes que as coisas saíssem do controle.

Embora Storm já tivesse sido casada antes, queria fazer tudo do jeito certo desta vez. O que significava que a noite de núpcias seria a noite em que consumariam totalmente o amor um pelo outro.

— O que pretende fazer com a biblioteca móvel depois de se casar? — Barron perguntou. Os gêmeos estavam sentados em lados opostos da mesa, o que tornava um pouco mais fácil diferenciá-los.

— Sinto-me um pouco mal — admitiu Storm. — Sei que tem gente por aí que vai sentir falta das visitas e dos livros. Mas realmente quero ficar aqui. Georgina está certa de que posso conseguir trabalho como costureira, e Blake me convenceu a tentar. Não posso fazer as duas coisas.

— Ei! — Bishop falou do outro lado da mesa. — Por que Barron e eu não assumimos a biblioteca? Não há muito acontecendo por um tempo, não é Brody?

Brody estreitou os olhos para os gêmeos. — Por que acho que os dois juntos, percorrendo as cidades em uma carroça de livros, é uma má ideia?

— Vamos, Brody — Barron disse. — Sabe que desistimos das trapanças anos atrás. Fizemos-lhe uma promessa na época, e não vamos quebrá-la agora. É apenas a nossa maneira de ajudar um pouco. Iluminar a vida de algumas pessoas pobres.

— Talvez até nos redirmos — acrescentou Bishop — de alguns dos golpes que demos em vítimas desprevenidas.

— Os gêmeos arrependidos? — Ben disse. — Expiando os erros do passado? Agora já vi de tudo.

Storm sabia que a implicância entre os irmãos era apenas brincadeira. — Falando por mim, não tenho objeções se quiserem sair por aí com a biblioteca. Posso mapear alguns lugares e informá-los como funciona a parte do empréstimo. Verdade seja dita, eu me sentiria muito melhor se soubesse que alguém está levando livros para pessoas que, de outra forma, não teriam nada para ler.

— Ótimo! — os gêmeos disseram em uníssono. — Então está resolvido.

Storm observou a maneira carinhosa como Brody estendeu a mão sobre a

mesa e pegou a mão de Laura na sua, um meio sorriso em seu rosto enquanto balançava a cabeça, como se dissesse que não conseguia acreditar nas coisas que seus irmãos faziam.

Storm estendeu a mão e alisou a parte de trás dos ombros de Blake, sentindo o calor de sua pele sob o tecido áspero. Mal podia acreditar que essa família meio maluca e barulhenta logo seria sua família também.

Da noite para o dia, Storm sentiu sua vida acelerar e passar em um borrão com tantos planos e atividades. Os habitantes da cidade começaram a aparecer com pedidos e projetos de costura. Os proclames do casamento foram lidos. O recém-renomeado *Bullet Women's Institute*, anteriormente chamado de salão de música, estava tomando forma sem mais incidentes. Havia até rumores de que o salão poderia ser concluído a tempo para o casamento dela e de Blake.

Os gêmeos saíram algumas vezes com a biblioteca móvel, o que deixou Storm feliz, principalmente quando voltaram para Bullet com votos de felicidades de alguns de seus antigos clientes.

As coisas se acalmaram quando Blake se juntou a vários dos irmãos em uma viagem de gado para o Oeste. O trabalho de construção do novo chalé estava em andamento. Quando não estava trabalhando em seu vestido de noiva, Storm ocupava seu tempo no instituto com Amanda, costurando para clientes ou visitando Laura.



De volta à casa de Amanda na cidade, Storm desdobrava cuidadosamente o delicado tecido de cetim que usou para fazer seu vestido de noiva, quando houve uma leve batida na porta da frente. Não viu ninguém quando olhou pela janela, mas quando a batida veio pela segunda vez, abriu a porta para ver um jovem ligeiramente sujo e maltrapilho.

— Posso ajudar?

— A dona do novo salão me enviou para buscá-la. Disse que precisa falar com a madame.

— Agora mesmo? — Storm perguntou.

— Isso é o que ela disse. — O jovem evitava o contato visual enquanto mudava o peso de um pé para o outro, como se estivesse impaciente para partir. — Virá?

— Acho que é melhor. Dê-me um segundo para pegar meu chapéu.

O jovem correu à frente, seus pezinhos levantando poeira ao se virar de vez em quando e se certificar de que Storm ainda estava atrás dele. Quando chegaram ao novo salão, Storm achou estranho o modo como ele disparou por uma porta lateral e desapareceu.

— Amanda — chamou, ao entrar no prédio vazio. — Recebi sua mensagem. Está aqui?

Seus passos ecoavam nas tábuas do assoalho enquanto caminhava de um cômodo vazio para outro sem ver uma alma. Onde estavam todos? Nenhum pedreiro. Ou Amanda. O prédio poderia muito bem ter sido abandonado.

Finalmente, depois de se certificar de que sua amiga não estava em lugar

nenhum, voltou para casa. Ou tinha surgido algum imprevisto ou Amanda mudou de ideia e foi embora antes que ela chegasse.

Ela destrancou a porta da frente e entrou, então hesitou. A casa estava silenciosa como quando saiu, mas algo no ar parecia diferente. Era o cheiro de outro corpo humano ou apenas o mofo de uma casa antiga? O cabelo de sua nuca se arrepiou quando tirou o chapéu. Lentamente se moveu por cada cômodo, estudando atentamente o conteúdo de cada um, mas nada parecia estar faltando ou fora do lugar. Na sala principal, o tecido do vestido estava estendido sobre a mesa exatamente onde o havia deixado. A cozinha também parecia intacta, assim como seu quarto.

Ainda assim, não pôde deixar de se lembrar das histórias que ouvira dos outros. Como Hawkes invadiu a casa quando Amanda morava aqui e vasculhou o lugar, procurando por seu mapa secreto. E o misterioso desaparecimento dos brincos de rubi de Henrietta, um deles aparecendo na mão de uma garota morta.

Imaginações fantasiosas, disse a si mesma. Estava simplesmente sentindo falta de Blake. Impaciente por seu retorno seguro.

— Gostaria que Brody tivesse ido com os outros — Laura confidenciou durante um de seus muitos chás da tarde. — O homem está inquieto como uma galinha sem pintinhos para cuidar.

— Bem, ele a tem para cuidar — Storm apontou, prestativamente.

— Não me lembre — disse Laura. — Essas paredes estão se fechando sobre mim. Por que não pegamos a charrete e vamos até a cidade? Quero ver como estão as coisas no salão. Poderíamos aparecer e ver Georgina. Ouvi dizer que ela arranjou uma daquelas novas máquinas de fazer donuts para a cafeteria.

— Não acha que devemos verificar com Brody primeiro? — Storm perguntou.

— Oh, céus — disse Laura. — Estaremos de volta antes mesmo que ele saiba que saí.

Embora Storm não quisesse irritar Brody, ao mesmo tempo não suportava desapontar sua amiga. — Não tenho certeza — começou a dizer, mas imediatamente cedeu ao ver o olhar triste no rosto de Laura. — Ah, tudo bem — concordou. — Quem sou eu para negar um donut a uma mulher grávida?

O sorriso de resposta de Laura alegrou Storm por completo. Que sentimento maravilhoso, ser o responsável por fazer alguém feliz.

Storm olhou para o céu quando subiu na charrete. A aparência das pesadas nuvens negras vindas do Oeste não lhe agradou. — Talvez devêssemos deixar isso para outro dia — disse. Laura a ignorou e subiu ao seu lado com facilidade, como se não carregasse uma barriga enorme.

— Não seja uma desmancha-prazeres, Storm. Nós só estamos indo até a cidade. Não é como se fôssemos até Yuma ou algo assim.

— Graças a Deus por isso. — Storm ouviu a história de como Laura e

Amanda chegaram ao banco em Yuma quando estava sendo roubado. Como Amanda empurrou Laura para fora do caminho de uma bala perdida e acabou sendo atingida.

— Sente falta de ensinar? — Storm perguntou. Laura foi a primeira professora da escola de Bullet.

— Na verdade, não — disse Laura. — Não com todos os outros projetos que tenho em andamento.

Storm lançou um olhar de soslaio para sua amiga. De alguma forma, não achava que Laura estava falando em tricotar um enxoval para a chegada do filho.

— É o “anjo investidor”? — deixou escapar, então se repreendeu por ter uma boca tão grande.

Laura apenas riu, claramente sem se ofender com a pergunta. — Só não diga isso em voz alta perto de Brody.

— Ele não sabe? — Laura e Brody sempre pareceram um casal tão próximo que não conseguia imaginar Laura escondendo algo tão grande dele.

— Uma mulher deve sempre ter um pouco de mistério em sua vida — disse. — Brody tem seus segredos, e eu tenho os meus.

O que fez Storm se perguntar quais segredos Blake poderia estar escondendo dela. Tinha contado tudo a ele. Não tinha?

— Acha que Blake tem algum segredo que eu não saiba? — perguntou. — Achei que não havia nenhum outro além da leitura.

— Todos eles têm segredos — disse Laura. — Todo mundo tem. Assim como razões para não os compartilhar.

Storm pensou no peso que havia tirado de seus ombros depois de contar a Blake sobre seu casamento anterior. Ele a ajudou e libertou do passado com o que descobriu no Colorado. — Eu não — disse. — Não mais.

— Mas costumava ter — disse Laura, com um olhar astuto. — E aposto que terá novamente em algum momento.

— Já desejei que as coisas pudessem ficar do jeito que estão, em vez de mudarem o tempo todo? — Blake perguntou a seus três companheiros. Eles estavam se preparando para dormir sob as estrelas no caminho de volta para o rancho, com os bolsos cheios após uma venda bem-sucedida na Califórnia. — Parece que tudo está mudando ainda mais rápido ultimamente.

— O que quer dizer? — perguntou Bishop.

— Sinto falta disso. — Blake acenou com a mão para abranger os arredores; as chamas reconfortantes do fogo morrendo lentamente enquanto enviavam faíscas na escuridão antes de desaparecerem para sempre. Seus colchonetes foram colocados nas proximidades, com nada além de quilômetros de campos vazios se estendendo em todas as direções. — Sei que Brody tem razão sobre mover o gado por trem ser mais rápido, mas sinto falta dos velhos tempos.

Benjamin estava estendido perto dele em cima de seu colchonete, os braços

empilhados sob a cabeça. — As coisas têm que mudar. Caso contrário, ainda estaria preso naquele orfanato, levando uma surra todos os dias.

— É verdade — disse Blake. — Acha que Brody vai gostar de ser pai? — Enquanto falava, pegou sua faca, ciente de que em pouco tempo estaria casado, o que significava que sua vida estava prestes a mudar de maneiras que poderia apenas imaginar.

— Brody tem um talento natural para isso — disse Benjamin. — Veja como tem sido o irmão mais velho de todos nós, por todos esses anos. Pessoalmente, ficarei feliz quando ele tiver um novo lugar para concentrar suas energias.

— Amém a isso — disse Barron enquanto se levantava e caminhava lentamente para a escuridão. — Tenho que mijar — disse por cima do ombro.

— Não deveria ter bebido aquela última cerveja — Bishop gritou para seu irmão gêmeo.

— Sentem falta de sua antiga vida? — Blake perguntou.

— Um pouco — Bishop disse. — Não voltaria aos velhos tempos, mas foi bom sair com a carroça de livros de Storm, conhecer gente nova.

— Sem espoliá-los de suas economias, quer dizer? — Ben perguntou.

Bishop jogou uma lata de feijão vazia na direção de Ben. — Tenho certeza de que seu próprio passado não é exatamente isento de erros que gostaria de esquecer.

Benjamin apenas grunhiu.

— Sim — disse Blake. — O que fazia antes de ficar com Brody?

— Não é da sua conta — disse Benjamin.

Nesse momento, Bishop pôs-se de pé. — Ouviram isso?

— Ouvimos o quê? — Blake perguntou.

— Barron. Está demorando a voltar.

Todos pararam para escutar e ouviram um leve ruído na escuridão.

— Deve ser ele — disse Blake.

Bishop se agachou lentamente, seus olhos olhando para a escuridão. — Barron. Está aí?

— Não exatamente.

Todos se viraram para ver um estranho se aproximando por trás. Ele tinha um braço ao redor do pescoço de Barron, enquanto a outra mão segurava uma pistola contra a têmpora dele.

— Vamos todos ficar calmos e amigáveis — disse o estranho. — E nada acontece com seu amigo aqui. Façam qualquer coisa estúpida e ele morre.

Blake congelou. Seu coração batia forte.

— Ei — o estranho indicou na direção dele. — Abaixе a faca que está segurando, devagar. Jogue-a perto do fogo.

Blake fez o que lhe foi dito.

— Isso mesmo. Estou seguindo-os desde que saíram do trem. Parece que todo aquele dinheiro que carregam está pesando em seus bolsos. Fico feliz em ajudar com isso. Aliviá-los de seu fardo, por assim dizer.

Antes mesmo que Blake soubesse o que aconteceu, um tiro foi disparado e o estranho caiu no chão, seus olhos abertos olhando fixamente para cima.

Barron virou-se para Ben. — Essa passou raspando, irmão.

Benjamin deu de ombros e baixou a arma. — Fiz o que pude. Da próxima vez, tenha mais cuidado onde mija.



Amanda ficou encantada com a visita de Storm e Laura ao salão e mostrou com alegria como a equipe de trabalho estava dando os últimos retoques nos ambientes internos.

— Está lindo —, disse Storm, admirando as tábuas ricamente polidas do piso do salão principal, destinado a ser um salão de dança e um teatro de performance. As paredes se estendiam por dois andares, fazendo o lugar parecer muito maior do que realmente era.

— Trouxemos os livros de casa para a biblioteca — disse Amanda. — Mas eu não vou preparar nada até que esteja aqui para me ajudar.

— Apenas me avise quando estiver pronto. — Enquanto se moviam pelo prédio recém-construído, Storm notou que Laura estava começando a parecer cansada. — Acho que devemos voltar — disse abruptamente.

— Não até eu pegar um donut — disse Laura.

Storm fez contato visual com Amanda, que deu um aceno imperceptível antes de falar. — Vou correr até a cafeteria e pegar alguns para levarem.

Levou mais tempo do que Storm esperava para levar Laura ao banheiro e voltar para a charrete. Por sorte, Amanda apareceu correndo naquele mesmo momento com um pacote embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante. — Georgina insistiu em assá-los na hora, para ficarem quentinhos — disse Amanda, entregando o pacote a Laura. — Conduza com cuidado — disse a Storm. — Sinto cheiro de chuva.

Storm também sentia. Anos viajando pelo estado na biblioteca móvel a ensinaram a ficar fora das estradas ao primeiro sinal de chuva forte. A estação das monções no Arizona não era algo para se brincar.

Ao partirem, grossas gotas de chuva começaram a cair, ganhando força até que a chuva parecesse um lençol sólido de água. O rancho Copper Moon nunca pareceu tão distante como agora. A chuva as açoitava de todos os lados. O frágil teto de lona pouco ajudava a mantê-las secas, e em minutos estavam encharcadas até os ossos.

À medida que a chuva intensificava seu ataque, o piso sob as rodas da charrete se transformava em lama. Riachos de água da chuva que o solo seco não conseguia absorver corriam por ravinas profundas de ambos os lados da estrada. Estavam perto da propriedade de Hawkes quando Storm freou a charrete abruptamente.

— O que há de errado? — Laura perguntou.

— Espere aqui. — Storm desceu. Sua saia pesada e molhada grudava nas pernas a cada passo enquanto inspecionava a estrada à frente. Como suspeitava, estava inundada. De seu ponto de vista, era impossível dizer se

estava olhando para uma poça grande e rasa ou para um buraco mais profundo no qual poderiam facilmente ficar presas.

Virou-se para onde Laura estava sentada. Sua amiga parecia um rato afogado. Se estivesse só, poderia tentar e abrir caminho lentamente, conduzindo o cavalo e a charrete. Mas Laura era uma carga preciosa e sua responsabilidade.

Voltou para a charrete e se sentou no banco do condutor. Sem dizer uma palavra, começou a guiar cuidadosamente o cavalo e a charrete em um semicírculo de volta para a cidade.

— Para onde estamos indo? — Laura teve que gritar para ser ouvida com o barulho da chuva batendo no teto de lona. O vento chicoteava em torno delas em um frenesi, açoitando-as com pancadas de chuva.

— Estrada inundada — disse Storm. — Temos que voltar para a cidade.

Laura agarrou seu braço. — Preciso chegar ao rancho — pediu. — Brody vai ficar preocupado.

— Desculpe — disse Storm, mordendo o lábio em concentração. — Não podemos arriscar.

— Mas estamos quase lá. Aquele era o rancho de Hawkes lá atrás.

As nuvens negras de tempestade que haviam tomado o céu bloquearam qualquer sinal de luz do dia. Storm só esperava que pudesse levá-las de volta à cidade com segurança.

— Está espalhando água por todo o chão — Hawkes rosnou para seu visitante encharcado de chuva.

— Foi a pior tempestade que já vi por aqui — Denim, o capataz de Hawkes, respondeu sem remorso. — Peça aos mexicanos para limparem depois que eu for embora.

— O que é tão importante, afinal? Agora que aquele repórter intrometido arquivou sua última reportagem.

— Acabei de ver a égua prenha de Brody Mason.

— Outro Mason a caminho para nós cuidarmos — Hawkes cuspiu.

— Sim, bem, parece que ela e outra daquelas garotas intrometidas, aquela com a carroça de livros, estavam indo em direção ao rancho. Eu e os rapazes cavamos aquele buraco na estrada, como nos pediu. Lamento dizer que as garotas não tentaram dirigir através da inundação, mas deram meia-volta e foram para a cidade.

— Droga! — disse Hawkes. Estava esperando por um bom acidente para cuidar da mulher de Mason. A tempestade que se aproximava parecia a oportunidade perfeita. — Quem as está vigiando?

— Haywire — disse Denim.

Hawkes teve dificuldade em dizer qual dos dois era mais louco da cabeça.

— Preparou aquela dinamite como pedi?

— Claro que sim.

— Bom. — Hawkes assentiu. — Então sabe o que fazer a seguir.

Atingidos pela monção, Blake e seus irmãos seguiram em frente, felizes por não estarem levando um rebanho de volta com esse tempo. A expansão da linha férrea facilitou muito o transporte do rebanho para o Oeste, mas na volta foi mais rápido descer do trem na fronteira e fazer o resto do caminho a cavalo.

Chegar em casa nunca foi tão bom. Blake lançou um rápido olhar de admiração para o chalé em construção, onde logo estaria morando com sua noiva. A vida nunca foi tão boa. E embora estivesse com frio e molhado e as estradas estivessem uma bagunça, mal podia esperar para chegar a Bullet e ver Storm. Sentira mais falta dela do que teria pensado ser possível.

Seguiu Benjamin e os outros até a casa do rancho, onde encontraram Brody andando em círculos como um louco.

— O que se passa? — perguntou, finalmente. Brody não disse uma palavra quando chegaram, nem mesmo quando Benjamin revelou o quanto lucraram com a venda do gado.

— Maldita seja sua mulher — disse Brody, sombriamente.

Blake enrijeceu, sentindo um nó na garganta. — O que tem Storm?

— Levou Laura para a cidade.

— Isso é tudo? — Blake desejou que seu coração acelerado voltasse ao normal. — Dificilmente acho que ela forçou Laura contra sua vontade.

— Laura não deveria estar em uma charrete por essas estradas. E com certeza não deveria estar fora quando há uma monção acontecendo.

— Storm é esperta. Nesse momento estarão escondidas em algum lugar confortável. Ela sabe que é melhor não tentar viajar com esse tempo.

Brody balançou a cabeça. — Não tenho tanta certeza disso. Laura sabe que vou ficar preocupado. Moverá céus e terras para voltar para cá.

— Se Storm não achar que é seguro, não há nada que Laura pudesse dizer para fazê-la mudar de ideia. Tenho certeza de que estão bem. — Ele olhou pela janela. — A chuva está diminuindo, por ora. Quer ir comigo até a cidade? Para checar se estão bem?

Brody levantou-se. — Sem dúvida. Estava de saída quando chegaram.

— Vou conseguir uma montaria nova.

Alguns quilômetros adiante na estrada, chegaram à inundação. A água estava se movendo rapidamente, indo em direção ao rio.

— Quão profundo acha que é? — Blake perguntou.

— Demasiado fundo para uma charrete passar com segurança — disse Brody.

Com movimentos rápidos, os dois homens amarraram seus cavalos juntos em preparação para a travessia. Brody foi primeiro, porque era isso que Brody fazia. Sempre cuidava de todos.

Blake respirou fundo, fez uma breve oração e apertou mais as rédeas ao seguir o cavalo da frente. Sentiu seu cavalo hesitar enquanto a água ficava mais profunda e subia ao redor de sua barriga. Podia sentir os cascos do

cavalo deslizando várias vezes, tentando encontrar terreno firme no fundo escorregadio.

O pensamento de ver Storm manteve sua mente clara e, finalmente, se juntou a Brody do outro lado.

— Olhe aqui — disse Brody.

Blake semicerrou os olhos para a estrada lamacenta. A chuva havia lavado a maior parte das marcas das rodas, mas nos sulcos profundos e cheios de água conseguia distinguir sinais quase imperceptíveis de que uma charrete estivera ali mais cedo e deu meia-volta. — Parece que está certo — disse ele. — Elas tentaram chegar ao rancho.

Ele seguiu o olhar de Brody para a entrada da garagem de Hawkes. — Não chegariam perto de lá — disse. — Teriam voltado para a cidade.

— Apenas rezo para que estejam seguras — disse Brody severamente, puxando as rédeas e tocando seu cavalo com os calcanhares.

Blake não disse nada, mas sabia o que Brody estava pensando. Parecia uma grande coincidência ter acontecido a inundação tão perto da casa de Hawkes. Pode ter sido uma armadilha. O que não fazia muito sentido. Se Hawkes estava atrás de uma briga com os Mason, havia maneiras mais fáceis de fazer isso acontecer.

Ele incitou seu cavalo a ir mais rápido.



A chuva havia diminuído um pouco quando Storm e Laura chegaram a Bullet. As nuvens negras continuaram a se mover para o leste, permitindo que o céu acima delas se iluminasse. — Devíamos ter continuado — disse Laura, irritada. — Estaríamos de volta ao rancho agora e Brody saberia que estamos bem.

— Continuar era muito imprevisível — afirmou Storm. — Assim estamos seguras. Preciso que se alimente e vista roupas secas, então faremos outra corrida para chegar ao rancho. Estou preocupada com essa inundação. Parecia profunda.

— Suspeitosamente profunda — Laura concordou. — Considerando onde se situava na estrada.

— Quer dizer, perto de Hawkes — disse Storm. — Blake me disse que os homens têm um plano de longo prazo para arruin -lo.

— Tudo começou antes de eu conhecer Brody — contou Laura. — Só queria que isso acabasse. Hawkes escapou impune de assassinato mais de uma vez. O velho acha que está acima da lei.

— Acha que ele matou aquele repórter? — Storm perguntou.

— Blake lhe contou sobre isso, não  ? — Laura disse. — Tudo o que sei com certeza é que sempre que algo ruim acontece por aqui, geralmente tem o dedo de Hawkes de uma forma ou de outra. S  não entendo por que Hawkes se importaria com uma história de décadas atrás sobre alguns ladrões de diligências.

— Como me disse — respondeu Storm, quando avistaram sua casa. —

Todo mundo tem seus segredos.

Blake e Brody alcançaram Bullet em tempo recorde sem maiores incidentes. No final da Main Street, o novo salão se elevava sobre os outros estabelecimentos, com dois andares de altura, revestimento de madeira recém-cortada, todo úmido e brilhante após a tempestade.

Blake diminuiu a velocidade o suficiente para dar ao edifício um olhar de admiração, perguntando-se se estava olhando para o local de seu casamento.

— Parece bom.

— Ouviu como Amanda está planejando nomeá-lo? — Brody perguntou.

— Achei que fosse uma espécie de salão de música, com planos de realizar também eventos comunitários. Foi o que ouvi.

— Essa era a ideia original. No entanto, mudou com o tempo. Amanda decidiu chamá-lo de *Bullet Women's Institute*.

Blake franziu a testa. — O que isso deveria significar?

— Não faço ideia — disse Brody. — Mas se isso deixa as mulheres felizes, sou totalmente a favor.

— Os negócios na cafeteria parecem ir muito bem — Blake disse enquanto passavam. — Mesmo com a tempestade.

— Georgina fez muito bem em expandir — acrescentou Brody. — O lugar é muito mais movimentado do que na época dos pais dela.

— Os tempos mudam — disse Blake. — Georgina descobriu como mudar com eles. — Ainda sentia certa nostalgia pelos velhos tempos. Embora em tempos passados fosse impensável ver uma mulher viajando em uma carroça de livros. O que significava que ele e Storm nunca teriam se conhecido. Portanto, havia valor no progresso.

Para além de nos permitir enterrar o passado. — Acha que podemos tentar descobrir o que aconteceu com os restos humanos que o repórter alegou ter encontrado? — perguntou.

— Talvez depois de lidarmos com Hawkes de uma vez por todas — disse Brody.

— Sei que tem um plano, Brody. Quando vai incluir o resto de nós?

Brody sorriu, como se admitisse que havia sido pego. — Quando for a hora certa. — Blake viu o irmão mudar de assunto de maneira hábil. — Acho que seu casamento está chegando em breve. Está nervoso?

— Puxa vida, não — respondeu Blake. — Sinto que é a coisa certa a fazer. Não foi assim que senti com Laura?

— Foi um pouco mais difícil para nós — disse Brody. — Dado que as coisas não começaram muito bem.

— Ela não teria voltado se não te amasse.

— Demorei um pouco para entender isso. Meu ego estava bastante machucado.

— Ainda bem que não tenho ego — respondeu Blake, meio brincando, meio sério.

Brody soltou um suspiro frustrado. — Só queria que Laura me ouvisse mais. Se ouvisse, estaríamos todos seguros no rancho agora. — Virou-se para Blake. — O que acha sobre os gêmeos saírem com a biblioteca móvel de vez em quando? O que acontecerá se Storm decidir que quer fazer isso de novo?

— Vou acompanhá-la — disse Blake. — Com certeza não vou deixá-la dirigir por sabe-se lá onde sozinha.

Brody olhou-o com admiração. — É bom ouvi-lo dizer isso. Significa que ama o suficiente para colocar os desejos dela em primeiro lugar.

— Puxa — disse Blake. — Nunca tive que considerar os desejos de uma mulher antes. Parece bom. Parece certo de alguma forma. — O aceno de aprovação de Brody o deixou feliz.

Minutos depois, chegaram à rua onde ficava a antiga casa de Amanda, a segunda no quarteirão. De repente, Blake mal podia esperar para ver Storm. Parecia que tinha estado ausente por meses em vez de semanas. Ao lado dele, sentiu Brody acelerar o ritmo, como se sentisse exatamente o mesmo. Podia apostar que, como ele, o irmão estava sorrindo com um tolo.

Abruptamente, uma explosão de terra rasgou o ar. Blake olhou incrédulo para a cratera no chão, cheia de escombros que segundos antes tinham sido a casa de Amanda. Seu cavalo se assustou quando o ar ao redor deles ficou espesso com a fumaça negra.

Blake saltou da montaria e correu para onde as chamas consumiam avidamente as poucas paredes que restavam de pé.

CAPÍTULO 10



Blake se moveu atordado rumo à devastação, mal percebendo o caos ao seu redor enquanto os vizinhos corriam em direção à casa em chamas carregando baldes de água. Ele foi empurrado por todos os lados, mas continuou se movendo com uma determinação sombria, passando pela brigada de homens, mulheres e até crianças que começaram a passar baldes de água para ajudar a apagar as chamas.

Os ouvidos de Blake ainda zumbiam com a explosão ao passo que avançava como um sonâmbulo pela multidão, seu olhar incrédulo fixo nos restos fumegantes. Seus olhos e garganta ardiam com o cheiro das ruínas. Sentiu seu braço ser agarrado por trás e virou-se para enfrentar Brody, que parecia igualmente destruído.

— Elas não estavam lá. — A voz de Brody parecia vir de dentro de uma caverna.

— Como sabe? — Blake não tinha ideia de como sua língua formava as palavras. Ou se foram sussurradas ou gritadas. Sentia-se paralisado. Estava ciente do calor das chamas, mas não o relacionava com Storm.

— Simplesmente sei — disse Brody.

Brody puxou Blake para trás, assim que um pedaço de madeira em chamas caiu no chão, exatamente onde ele estava parado um segundo antes. Um homem próximo jogou um balde de água no local. Blake ouviu a madeira crepitar quando a água apagou as chamas e o vapor subiu da madeira carbonizada. Continuou a olhar para a carnificina, suas entranhas tão carbonizadas quanto o que restava do prédio.

Apesar dos esforços da brigada, as chamas famintas saltaram para a casa vizinha, onde continuaram sua destruição desenfreada.

Os voluntários direcionaram suas energias para o novo incêndio, deixando Blake e Brody sozinhos olhando fixamente para a pilha de escombros ainda fumegante – tudo o que restava da casa da família de Amanda.

Quando Brody tentou agarrar seu braço pela segunda vez, Blake se esquivou. Brody o segurou, os dedos cravados em seus ombros, o rosto a centímetros do de Blake.

— Saia dessa, Blake. Storm precisa que seja forte agora.

— Ela se foi — disse, entorpecido. — A única pessoa que me conheceu e me amou, apesar de tudo.

A voz de Brody soou com desgosto. — Não a merece.

As palavras atingiram Blake. Sua cabeça rodopiou. Raiva, uma raiva crua queimou através dele como as chamas queimavam os escombros deixados pela explosão.

— Talvez. Mas ela não merecia isso. Morrer assim.

Brody o sacudiu com tanta força que seus dentes rangeram em sua mandíbula. — Olhe em volta. Pode ver a charrete que as meninas estavam dirigindo? Não! Eu lhe digo, pela graça de Deus, elas não estavam aqui quando isso aconteceu. Estão em algum lugar seguro, e pretendo encontrá-las. Com ou sem sua ajuda.

Blake sentiu a mortalha escura sair de sua alma. Endireitou-se. Encarou Brody diretamente. — Talvez eu não merecesse Storm, mas vou cuidar de Hawkes para que ninguém mais tenha que passar por esse tipo de inferno.

— Vamos fazer isso juntos, Blake. Fizemos um juramento. Há poder nos números.

— Especialmente no número sete — disse Blake.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ele ouviu um grito familiar. Virou-se para ver Storm pular da charrete e correr em direção a eles. Seu mundo inteiro ficou brilhante. Exceto que Storm passou correndo como se ele não estivesse lá, direto para Brody. Blake congelou. Ela não o viu?

Como se de uma grande distância, a ouviu falar. — Laura está na cafeteria. Não tenho certeza, mas ela pode estar em trabalho de parto.

— Quem está com ela? — Brody perguntou.

— Georgina. Ela mandou um funcionário buscar o doutor Parsons.

— Preciso estar ao lado dela. Nos encontramos na cafeteria.

Mensagem entregue, Storm se virou para Blake e se jogou em seus braços. Passou as mãos pelo rosto dele daquele jeito que fazia, como se estivesse memorizando suas feições pelo toque. — Estava preocupada — disse, as palavras tão suaves quanto seu toque.

Blake engoliu em seco e pressionou o rosto contra o topo de sua cabeça nua. Seu cabelo estava úmido e cheirava a flores, um sopro de doçura em meio à fumaça e às ruínas. — Estava preocupado comigo? — Apontou para o prédio em ruínas com uma mão, seu braço livre segurando-a perto de si. — Quando ouvi a explosão e vi as chamas, pensei que estivesse lá dentro. — Descansou sua bochecha contra a maciez reconfortante de seu cabelo. — Senti como se tivesse morrido naquele exato momento.

— Paramos no café para pegar algo para Laura comer e pedir algumas roupas secas à Georgina.

Blake estremeceu e passou as mãos pelos ombros dela para se certificar de que ela realmente estava ali. Tinha chegado tão perto de perder seu amor. — Isso é bom — disse. — Isso é realmente bom.

— Laura disse que estava com fome, mas quando começou a comer, as dores surgiram. Georgina e eu estávamos tentando deixá-la confortável quando ouvimos a explosão.

— Lamento que tenha perdido tudo — disse Blake. — Vou fazer outra máquina de costura.

— Não há necessidade — disse Storm. — Está na cafeteria, onde eu estava consertando as cortinas. — Olhou tristemente para a destruição. — Foi

Amanda quem perdeu tudo. Todas as coisas de sua mãe. Tantas coisas com valor sentimental. — Suspirou. — Tudo o que perdi foram algumas peças de roupa velhas que planejava substituir.

— Vou comprar todas as roupas novas que quiser — disse Blake. — Qualquer coisa que quiser.

— Ora, Blake Mason. Vou me casar com um homem rico? Não fazia ideia.

— Estou bem com a última venda do rebanho. Mas enquanto estiver ao meu lado, realmente sou o homem mais rico do mundo.

Storm ficou na ponta dos pés e cruzou os braços atrás da cabeça dele. — Sempre estarei aqui.

Ele se inclinou para um beijo. Os lábios dela eram quentes, dando-lhe as boas-vindas depois do que pareceu uma longa ausência.

— Felizmente, a biblioteca está no rancho, onde os gêmeos a deixaram — disse Storm. — E Bradley já havia levado os livros de Amanda para o salão.

— Acho que Amanda poderá reconstruir, se quiser.

Sem se mover de seu abraço, Storm girou para ver a casa vizinha, onde as chamas haviam tomado completamente o telhado e as treliças. — Amanda disse que a casa ao lado estava desocupada há algum tempo. É por isso que também não gostava de deixar a dela vazia.

— Vou ver se posso ajudar a apagar as chamas — disse ele. — Prometa-me que não vai desaparecer.

— Nunca, meu amor. — Mais uma vez, Storm tocou seu rosto. Ele sentiu o calor daquele amor se espalhar por todo o seu coração e alma.



As coisas na cafeteria haviam se acalmado quando chegaram. Storm ficou aliviada ao saber que o médico declarou que Laura teve um episódio de contrações de Braxton Hicks, um alarme falso, e voltou ao consultório. Laura estava sentada aconchegada ao lado de Brody, que a segurava como se nunca mais fosse perdê-la de vista.

Ela deu a Storm um olhar de desgosto. — Estou oficialmente de castigo. De repouso absoluto, até que este pequeno decida que é hora de vir.

Georgina foi buscar chá doce para Storm e Blake. — Parece que ambos precisam disso.

Storm pegou a xícara com gratidão. — Pobre Amanda — disse tristemente. — A casa da família dela e tudo nela destruídos. — Esperava que o choque da notícia não afetasse o bebê que Amanda carregava. Perguntou-se se os outros já sabiam.

Olhou para cima a tempo de notar o olhar sombrio que passou entre Brody e Blake. — O quê?

Brody demorou a responder. — Isso deve ser obra de Hawkes.

— Não entendo. O que havia na casa que ele queria ver destruído?

Blake e Brody responderam ao mesmo tempo. — Nossas mulheres!

Storm empalideceu. — Nós? Não somos uma ameaça.

— Mas nós somos — disse Brody. — O que significa que todos com quem

nos importamos estão em perigo por causa desse homem.

— Ele é mau — disse Georgina, enquanto pegava mais chá. — Vi isso na primeira vez que coloquei os olhos nele. E não era muito mais que um garoto na época.

Blake puxou Storm para perto. — Nunca deixarei que nada te aconteça, Storm. Não enquanto eu respirar.

— Acho que todos ficarão seguros no rancho — Georgina disse, um tom melancólico em sua voz.

Georgina deve estar sozinha, pensou Storm. — Por que não fecha o restaurante e volta conosco? — disse, impulsivamente. — Tenho certeza de que os meninos vão contar muitas histórias sobre a viagem.

— Talvez outra hora — disse Georgina. — Preciso estar aqui, caso alguém que ainda está combatendo o incêndio apareça mais tarde.

Brody levantou-se. — Preciso levar minha esposa de volta, garantir que obedeça às ordens do médico. Tudo bem se eu usar a charrete, Storm? Acha que pode lidar com Phoenix?

Storm deu um tapinha no braço de Blake. — Tenho certeza de que, se eu posso lidar com esse sujeito aqui, um garanhão bem-comportado vai ser moleza.



Amanda ficou muito menos abalada com a perda da casa de sua família do que Storm esperava.

— Levei comigo tudo o que importava quando Bradley e eu nos casamos — disse. — Na verdade, perguntei-me o que faria com o lugar depois que se casasse com Blake e não morasse mais lá.

Enquanto falava, Amanda passou a mão sobre a protuberância ligeiramente arredondada perto de sua cintura.

Pouco depois do incêndio, Amanda e Bradley anunciaram a boa-nova a todos, após o jantar em família. Nesse momento, Storm insistiu que ambas as mulheres fossem suas damas de honra. Afinal, como havia dito, *os casamentos são sobre a família*.

— Mas havia alguns móveis e coisas adoráveis.

Amanda deu de ombros. — As coisas sempre podem ser substituídas. Agora vamos falar de algo mais importante, como o seu casamento.

Storm estava trabalhando em seu vestido de noiva, que tirou durante o dia, quando Blake estava trabalhando no rancho, e escondeu antes que ele voltasse. Parecia um pouco engraçado ficar no antigo quarto de Brody, mas a obra do chalé estava tão perto de ser concluída, que Blake ficaria lá até o casamento.

Amanda acariciou o tecido. — Vai ficar lindo, sabia? É uma costureira incrível.

Storm sorriu. — É muito mais fácil quando se tem as ferramentas certas. — Pegou a tesoura que Blake tinha feito e cortou alguns fios soltos.

— Estou tão feliz que vai se casar no salão — disse Amanda. — É a

maneira perfeita de apresentar as instalações aos habitantes da cidade.

— Bem, faz sentido — disse Storm. — Afinal, ainda é a estação das monções. E como sabemos, tudo pode acontecer em uma monção.

Ela enfiou a linha no buraco da agulha. — Torço muito para que Henrietta e Braydon voltem a tempo. — Com otimismo, começou a costurar um vestido de acompanhante para Henrietta, assim como para as outras duas.

— É bom que voltem — disse Amanda. — Blake não escolheu Braydon como padrinho?

— Esse é o plano.

— Ele está começando a soar como Brody — disse Amanda. — Um homem com um plano.

Laura chegou, carregando seu novo pacote. — Isso é uma despedida de solteiro? Posso participar?

— Será que devia estar fora da cama? — Amanda se agitou, procurando uma cadeira confortável para Laura e a bebê Charlotte.

— Não posso descansar muito — disse Laura, alisando a penugem dourada no topo da cabeça de sua filha.

— Foi gentil da parte dela chegar antes do casamento — disse Storm. — Só queria que ela tivesse idade para ser minha daminha.

— Pobre Brody. — Laura riu. — Quase desmaiou quando a parteira lhe disse que era uma menina.

— Certamente sabia que havia cinquenta por cento de chance. Não parece uma aposta inteligente para um homem tão habilidoso na mesa de cartas — disse Storm.

— Esses dias ficaram no passado — disse Laura.

— Ele disse isso? — perguntou Amanda.

— Não exatamente — disse Laura. — Todavia, concordou em jogar cartas apenas em momentos de extrema emergência.

Amanda assentiu. — Conhecendo esses meninos, quase tudo pode ser considerado “extrema emergência”.

— Parece cansado, Brody — Blake comentou enquanto trabalhavam lado a lado, colhendo batatas.

— Apenas espere até ser pai. Toda vez que fecha os olhos, o bebê abre a boca e chora. — Mas sorriu ao dizê-lo, e Blake sabia que a paternidade lhe caía muito bem.

Uma vez que a colheita foi armazenada com segurança no porão e os dois se lavaram, Blake e Brody se dirigiram para a casa do rancho. Estavam prestes a chegar quase foram atropelados pela carroça de livros, que vinha a toda velocidade em direção à casa, parando a alguns metros de distância.

— Que diabos... — disse Brody.

Bishop saltou do banco do condutor. Blake e Brody trocaram olhares. — Onde está Barron? — Brody perguntou.

— Está lá atrás — Bishop disse. — Com o nosso passageiro clandestino.

Nesse momento, ouviram um barulho alto de pontapés e gritos na parte de trás da carroça, seguidos por alguns xingamentos ocasionais.

Blake reprimiu um sorriso. — Alguém se escondeu na carroça?

Bishop tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo. — Isso não é nem a metade. Primeiro, tentou roubar a carroça bem debaixo de nossos narizes.

Blake se juntou a Brody em uma gargalhada enorme. — Alguém tentou enganar os vigaristas? O que é isso? A hora da vingança?

— Não é engraçado — Bishop disse. — Não sabíamos o que fazer. Não ousamos lhe virar as costas. Não podíamos simplesmente deixá-la na beira da estrada. — Enquanto falava, contornou a carroça e removeu uma barra que mantinha a porta traseira fechada.

— Trancou Barron lá?

— Tive que trancar — Bishop disse. — Só espero que não esteja muito machucado.

Brody e Blake trocaram outro olhar, bem cientes de que Barron tinha sido um campeão de boxe antes dos gêmeos se juntarem à família.

No segundo em que Bishop removeu a barra, a porta traseira da carroça se abriu. Barron saiu, seguido de perto por um indivíduo desalinhado em roupas esfarrapadas e grandes. Barron se jogou em cima do recém-chegado, virou-o de bruços e o agarrou para contê-lo. A mulher abaixo dele se debateu e chutou como uma leoa, enquanto Barron desviava o rosto repleto de arranhões recentes.

— Misericórdia! — Storm gritou.

Blake imaginou que as mulheres deviam ter ouvido o tumulto, pois Storm irrompeu da casa com Amanda em seus calcanhares e Laura logo atrás. Ao ouvir uma voz feminina, a mulher abaixo de Barron parou de lutar. Ela se apoiou nos cotovelos e os encarou, seus grandes olhos azuis cheios de lágrimas. — Por favor, me ajudem. Preciso encontrar minha irmã.

Laura tomou conta da situação. — Barron, saia de cima dessa pobre coisinha neste minuto. Ajude-a a se levantar.

Com um olhar levemente furioso, Barron fez o que lhe foi dito, então recuou e saiu de cena.

Laura aproximou-se e tocou no braço da garota. — Qual é o seu nome, querida?

— Rose — respondeu. — E o nome da minha irmã é Lily.

— Bem, está segura aqui. Está entre amigos.

— Viu aquela garota que apareceu com os gêmeos? — Blake perguntou a Benjamin uma semana antes do casamento. O tempo parecia acelerar à medida que o grande dia se aproximava.

— Ela é bonita — disse Ben. — Não admira que os gêmeos não tenham caído em seu disfarce. Ela fingiu ser um garoto.

— E tentou roubá-los. — Blake sorriu ao pensar nisso.

— Ouvi dizer que ela se escondeu na parte de trás da carroça. E que não a

encontraram até chegarem a Bullet — disse Ben.

— Isso foi depois que a pegaram tentando roubar a carroça. — Blake e Ben trocaram um sorriso ao pensar em uma garota escorregadia enganando os gêmeos. Os dois mereciam, considerando todos os golpes que haviam aplicado em vítimas inocentes no passado.

— Ouvi dizer que Georgina deu a ela um emprego no café — comentou Blake. — Acho que acreditou na história triste da garota sobre procurar sua irmã desaparecida.

— Georgina tem um grande coração — disse Ben.

— Espero que Braydon e Henrietta voltem a tempo para o casamento — disse Blake. — Caso contrário, será o padrinho.

— Segunda opção, não é? — Ben sorriu para mostrar que não havia ressentimentos. — Não estou preocupado. Duvido que algo possa impedir Braydon de vê-lo se casando. Além disso, Henrietta não será uma das damas de honra? Ela vai garantir que Braydon chegue aqui a tempo.



O recém-inaugurado *Bullet Women's Institute* foi decorado com flores de outono que Blake havia encomendado da Califórnia. O cheiro de construção nova de madeira recém-cortada deu lugar à fragrância inebriante de dalias e crisântemos de todas as cores possíveis.

Blake estava na frente do salão principal, alinhado ao lado de seus irmãos, observando os convidados entrarem. Todos elogiavam o local antes de encontrar assentos nos bancos construídos às pressas.

Bem em frente a onde os Mason esperavam, o piano de Amanda, retirado do rancho, ocupava um lugar de destaque na frente do grande salão. Amanda sentou-se atrás do instrumento, seus dedos extraindo uma melodia suave e cadenciada das teclas. Assim que a noiva surgisse, Amanda trocaria seu banco de piano pelo buquê de dama de honra e tomaria seu lugar ao lado de Henrietta e Laura. Georgina estava sentada na primeira fila com a pequena Charlotte aconchegada contra o peito.

Ao lado de Georgina estava sentada sua nova protegida, a garota com o nome de flor. Rose, se Blake se lembrava bem. Alta, mas magra, com cabelos loiros, a garota acariciava a bebê Charlotte nos braços de Georgina.

Abruptamente, a música mudou para a melodia nupcial que agora era familiar aos ouvidos de Blake. Henrietta e Laura vieram primeiro, seguidas por Storm.

Blake sentiu seu coração parar, depois recomeçar a bater com força. Sua noiva estava deslumbrante em um vestido brilhante de cetim branco que parecia ter vida própria, à medida que a luz refletia nas centenas e centenas de lantejoulas. Até então não sabia o que era uma lantejoulas, mas beijou cada uma das alfinetadas que Storm sofreu enquanto as costurava.

Storm caminhou em direção a ele, sozinha, do jeito que Blake sabia que ela havia caminhado durante a maior parte de sua vida. Mas não mais. Enquanto houvesse fôlego em seu corpo, Storm nunca, jamais se encontraria sozinha.


Rose sentou-se, encantada com a visão do casamento diante dela. O novo e brilhante salão estava enfeitado com flores de cores e tipos que nunca tinha visto antes. A cena era muito diferente de sua antiga vida. Olhou ao redor, ainda se acostumando com os sentimentos desconhecidos que experimentou desde que chegou a Bullet. Sentimentos que vinham de se ver cercada por pessoas como Georgina. Pessoas que realmente se importavam umas com as outras.

Os gêmeos a enganaram a princípio, mas não por muito tempo. Sabia que Barron era o mais ousado dos dois. Bishop era mais introvertido. Barron falava impulsivamente, enquanto Bishop refletia sobre as coisas e falava devagar. Bishop já havia reivindicado um lugar especial no coração de Rose. Se alguém poderia ajudá-la a rastrear sua irmã Lily, era Bishop.



Espero que esteja gostando de ler a série SETE NOIVAS, tanto quanto estou gostando de escrevê-la. Os irmãos Mason e suas noivas sempre me surpreendem.

Vire a página para obter uma amostra do [Livro 5](#) , quando o primeiro dos gêmeos encontra seu par...

CARO LEITOR



Caro Leitor

O Oeste americano na última metade do século XIX oferece às minhas heroínas a chance de afirmar sua independência e de conhecer um herói que é páreo para elas em todos os sentidos. Meus personagens têm suas próprias ideias de certo e errado, bem contra o mal, e lidam com isso em seus próprios termos. O nome ‘*Wild West*’, Oeste Selvagem, não é por acaso. A vida era sobre conquista, sobrevivência e persistência.

Adoro escrever um gênero histórico em que o leitor, pelo simples ato de pegar o livro, instantaneamente abre portas para outro universo. Esquece de seu mundo e de seus problemas em um conto no qual ninguém precisa esvaziar a máquina de lavar ou tirar o lixo, e a aventura está em cada esquina.

Como autora, é divertido transportá-los para um tempo e lugar onde tudo pode acontecer, e, muitas vezes, aconteceu. Os costumes da época e a maneira de se vestir podiam ser diferentes do mundo de hoje, mas pessoas serão sempre pessoas. Riem, amam, machucam e curam. Comemoram e choram. Vivem com intensidade. E na selva indomável da colonização do Oeste, tudo é possível.

Sou defensora e adepta de finais felizes. Se tiver acesso à minha biografia, saberá por quê. Gosto que meus personagens terminem tão felizes quanto eu, e foi isso que ajudou a inspirar minha série, SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS.

Vire a página para ler um trecho do Livro 5, A Noiva do Bishop.

VEM AÍ



TRECHO



Após a cerimônia, Bishop bebeu sua cerveja e observou a multidão, sempre vigilante, pois sabia que os outros também estariam. Era a única opção enquanto Hawkes andasse livre.

Ele se virou quando sentiu alguém bater em seu ombro. Como Rose se aproximou daquele jeito? E como o havia enganado, mesmo por um segundo, com aquele traje masculino que usava quando se viram pela primeira vez? Rose era mais alta que a maioria das mulheres, esbelta em vez de curvilínea, mas ainda inconfundivelmente feminina, com uma cintura fina que se estendia até os quadris ligeiramente arredondados sob seu vestido azul simples. Seu cabelo loiro claro estava preso em um rabo de cavalo e caía até a metade de suas costas em ondas suaves. — Posso falar contigo, Bishop?

— Sou Barron — falou com a voz arrastada, em uma tentativa deliberada de desconcertá-la.

O olhar dela não vacilou. — Não, não é.

Ele soltou um suspiro. Como era possível não conseguir enganá-la? Ele e Barron confundiam as pessoas desde o dia em que nasceram. A única outra pessoa que sempre conseguia diferenciá-los era seu irmão Joe. Até o dia em que Hawkes o matou.

O olhar dela se moveu sobre seu rosto com um escrutínio que o enervava, quase como se ela pudesse ver através de sua pele e sondar seu cérebro. Era assustador. Cruzou os braços sobre o peito. — Então diga.

Para sua surpresa, ela enfiou a mão em seu cotovelo, forçando-o a alterar sua postura. Aparentemente, sua pose defensiva não a abalou mais do que sua carranca. Quando Rose começou a andar, foi forçado a acompanhá-la para não

parecer grosseiro. Do outro lado da sala, viu Barron sorrindo para ele.

— Nunca lhe agradei direito por não me entregar às autoridades naquela noite em que tentei roubá-lo.

— Barron e eu já tivemos essa ajuda muitas vezes — disse Bishop. — Apenas percebi que era hora de retribuir um pouco de boa vontade.

— De qualquer forma, Georgina tem sido muito gentil. Na verdade, todos em Bullet têm sido adoráveis. — Ela suspirou de tal forma que Bishop não pôde deixar de notar como seu peito arfava.

— Mas preciso de sua ajuda com uma coisinha. E de seu irmão também.

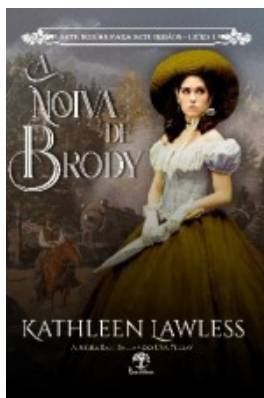
Bishop enrijeceu. — O que é?

— Minha irmã foi sequestrada. Preciso de sua ajuda para encontrá-la.



SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS

LIVRO 1



Laura partiu o coração de Brody há 10 anos. Agora, ela está de volta para ajudá-lo a salvar seu rancho, quer ele queira ou não sua ajuda.

Brody e seus irmãos têm um plano para salvar Copper Moon de seu rival, Hawkes, que está tentando comprar a cidade inteira. Num sorteio entre eles, Brody puxa a palha curta para cortejar a nova professora da escola que está morando no rancho de Hawkes.

Laura nunca deixou de amar Brody. E quando fica sabendo dos planos de Hawkes de tomar a casa de Brody, não consegue ficar longe. Ela retorna a Bullet e aceita o emprego como a nova professora da escola. Determinada a reparar o passado, Laura fará de tudo para ajudar Brody, até mesmo colocar-se no caminho do assassino Hawkes.

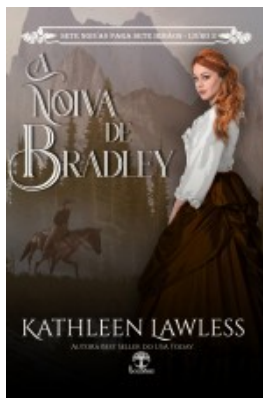
Será que Laura e Brody conseguirão encontrar o caminho de volta um para o outro antes que Hawkes destrua os dois?

A NOIVA DE BRODY é o Livro 1 da doce série histórica de faroeste, Sete Noivas para Sete Irmãos, da autora best-seller do USA Today, Kathleen Lawless.

Se gosta de cowboys, segredos e intrigas no oeste selvagem, não perca essa série.

Não há sexo explícito.

LIVRO 2



Bradley não consegue acreditar em sua má sorte. Tudo por causa de um beijo inocente!

Ele nunca será um bom marido. Não com seu passado.

Amanda concorda! Se Bradley não a corteja, quem precisa dele?

Até que seu segredo, a garantia para mantê-la a salvo do homem que aterroriza os corações dos habitantes locais, é roubado.

Bradley não quer que ninguém dependa dele. Especialmente Amanda, embora ela seja a única pessoa que o compreende. A única pessoa que pode salvá-lo de seu passado. A única pessoa que pode lhe ensinar a amar.

A Noiva de Bradley é o Livro 2 da série histórica de faroeste, Sete Noivas para Sete Irmãos. Não contém sexo explícito e muito poucos palavrões.

LIVRO 3



Os opostos se atraem!

Braydon se orgulha de suas habilidades de mulherengo. Então ele conhece Henrietta, um enigma que adora aventuras, viaja pelo mundo e caça tesouros.

Henrietta não tem tempo para o carisma machista de Braydon. Não tem interesse em se envolver no drama entre os irmãos de Braydon e seu inimigo declarado.

Até que ela se vê envolvida em um assassinato. E Braydon é a única pessoa

com quem ela pode contar.

A Noiva de Braydon é o Livro 3 da série histórica de faroeste, Sete Noivas para Sete Irmãos. Não contém sexo explícito.

KATHLEEN LAWLESS



Kathleen Lawless, autora best-seller do USA Today, que mora no noroeste do Pacífico, atribui ao fato de ter passado a juventude assistindo a *Rawhide*, *Maverick* e *Bonanza* o seu fascínio por caubóis, o que não a impede de criar uma grande variedade de interesses e ocupações para seus muitos heróis machos alfa.

As primeiras lembranças de Kathleen, são de querer ser escritora. Criar histórias que tocassem a vida de outras pessoas que gostassem de ler como ela gosta.

Com quase 50 romances publicados, ela gosta de expandir os limites do romance tradicional, do romance erótico, do suspense romântico, da ficção feminina e das histórias para jovens adultos.

Ela também conhece em primeira mão os finais felizes. “Dá para acreditar que escrevi *A Hard Man To Love* (Um homem difícil de amar) com um herói chamado Steele, anos antes de conhecer meu próprio herói chamado Steel? Seu pedido de casamento para mim em uma ilha remota no Caribe foi mais romântico do que qualquer coisa que eu poderia ter escrito.”

Seus livros receberam vários prêmios, incluindo o Romantic Times K.I.S.S., um Scarlett Letter e um Golden Quill, além de ótimas críticas.

INFORMAÇÕES LEABHAR

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Caro leitor](#)
15. [Vem Aí](#)
 1. [Trecho](#)
16. [Sete noivas para Sete Irmãos](#)
17. [Kathleen Lawless](#)
18. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
 2. [Beginning](#)
-
1. [1](#)
 2. [2](#)
 3. [3](#)
 4. [4](#)
 5. [5](#)
 6. [6](#)
 7. [7](#)
 8. [8](#)
 9. [9](#)
 10. [10](#)
 11. [11](#)
 12. [12](#)

13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)

57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)

101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)
105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)

- 145. [145](#)
- 146. [146](#)
- 147. [147](#)
- 148. [148](#)
- 149. [149](#)
- 150. [150](#)
- 151. [151](#)
- 152. [152](#)
- 153. [153](#)
- 154. [154](#)